



Sete



Vidas

MÔNICA e MONIQUE SPERANDIO





“E se você dormisse? E se você sonhasse? E se, em seu sonho, você fosse ao paraíso e lá colhesse uma flor bela e estranha? E se, ao despertar, você tivesse a flor entre as mãos? Ah, e então?”

Samuel Taylor Coleridge



Prólogo

A chuva desabava naquela noite. Um vento gelado envolvia tudo, como se estivesse se lamentando por tudo que aconteceu. Também fazia frio. Um frio que congelava a alma, um frio que avisava a ele que a razão de sua vida estava morta, desfalecida em seus braços.

Suas roupas estavam cheias de lama, uma vez que se encontrava sentado no chão da sombria floresta, e seu peito oscilava, ofegante, o coração quase se desfazendo em pedaços.

Ela está morta, morta. Nunca mais vou vê-la, ele não parava de repetir para si mesmo.

Se tivesse ao menos a chance de voltar atrás, faria tudo diferente. Jamais deixaria ela se envolver com aquelas coisas estranhas, jamais teria permitido que ela se perdesse...

Mas agora é tarde demais, ele lembrou.

O vestido que sua amada usava era branco e estava ensopado, assim como ela. A chuva continuava caindo, persistente, em cima dos dois.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Ela nunca esteve tão bonita. Sua face estava serena, lívida. Os fios loiros de seus cabelos caíam pelos ombros finos e delicados.

E ele a perdeu. Para sempre.

— Senhor, vamos. Já... já não há nada mais a ser feito — disse um jovem com um guarda chuva, ficando ao lado do rapaz, — Pegue o guarda chuva e vá para casa. Eu cuido dela.

O rapaz olhou para cima e pôde ver quem falava. Ele piscou, atônito.

— Eu... eu... — sussurrou, desnortado. Ela se foi, ela se foi...

— Vá. O Senhor já está aqui há horas. Vai ficar doente e...

— Eu não me importo, Sebastian. Eu não me importo mais. .- Então voltou a contemplar o rosto da garota morta. Depois a abraçou.

Lágrimas geladas escorriam de seus olhos, misturando-se com a chuva. Mas ele nem ao menos se importava.

— Eu cuido dela, Senhor — disse Sebastian novamente, horas depois de vê-lo abraçando a menina morta. – Vá. É sério.

E, já não tendo mais forças para vê-la daquela maneira, ele grudou seus lábios no rosto dela e a olhou pela última vez.

— Adeus. Adeus — sussurrou ele para o corpo sem vida.





Parte 1



Capítulo 1

Noite Vazia

“Diga-me onde foi parar o nosso tempo e se ele foi bem gasto. Apenas não me deixe adormecer me sentindo vazia novamente. Porque eu temo que possa ceder. E eu temo que não possa aguentar. Esta noite vou deitar e ficar acordada me sentindo vazia.”

Paramore — Pressure

Lá fora chovia. Uma chuva pesada, quase ensurdecidora. O barulho dela se chocando com a janela era violento, como pratos se quebrando. O vento uivava alto, e os relâmpagos iluminavam a noite. Essa era apenas mais uma noite vazia e fria.

Nada de bom acontecia aqui. Nada de novo, nada empolgante. Todos aqui foram abandonados, esquecidos, jogados fora como um disco velho. Ninguém nos queria. Estávamos perdidos. Era só isso. Nada mais.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Olhei em meu relógio usado — um que ganhei de doações no natal passado— e vi que já passava das três da manhã. Era a minha terceira noite em claro. E não havia mais nada a ser feito. Simplesmente não havia.

De longe, pude observar o início da floresta que rodeava o orfanato. Ela parecia ainda mais fantasmagórica do que o normal.

Eu me chamo Aprilynne Hills e tenho 16 anos. Fui largada aqui no orfanato Joy Lenz desde que eu me dou por gente. Nunca soube por que minha família me abandonou e, para ser sincera, não tinha certeza se queria saber. Mas sempre me pegava imaginando motivos. Talvez tenham acontecido problemas familiares e minha mãe me largou aqui para me proteger. Ou talvez minha mãe fosse muito nova para me ter, e preferiu que eu tivesse outra família que realmente estivesse preparada para me receber. Grande família. Só se for eu e os ratos. As perguntas nunca paravam de pipocar em minha mente. Será que meus pais estavam vivos? Será que eram felizes? Eu tinha avós? Tinha tias ou tios? O pior de tudo era saber que minhas perguntas nunca seriam respondidas. Pelo menos era isso que eu pensava.

Oh, Deus, como eu queria estar errada.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Capítulo 2

O Orfanato Joy Lenz

“Faça com que a solidão não me destrua. Faça com que minha solidão me sirva de companhia. Faça com que eu tenha a coragem de me enfrentar. Faça com que eu saiba ficar com o nada e mesmo assim me sentir como se estivesse plena de tudo.”

Clarice Lispector

Kaleigh, Claire, e eu limpávamos o refeitório do orfanato escutando uma música animada no rádio. Com os esfregões nas mãos, nós tentávamos — sem sucesso — desgrudar sujeiras do chão e das mesas. O serviço era inútil, tendo em vista que as manchas do chão estavam lá desde que nós havíamos chegado ao orfanato.

Depois de termos retirado os restos das comidas, sucos e chicletes que haviam caído nas mesas, a diretora Wells veio nos inspecionar. O negócio é que nós havíamos aprontado. De novo. Dessa vez nós tínhamos roubado comida da dispensa. Colocamos tudo no chão do nosso quarto: potes de doces, sorvetes e compotas de frutas. *Angelique* — que de anjo não tinha



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



nada — nos viu furtando os doces e foi correndo contar à diretora Wells. Menina linguaruda! E lógico, a diretora Wells foi imediatamente checar o nosso quarto. Quando chegou lá, não encontrou nada. Inspecionou tudo melindrosamente. E sequer havia pote de alguma coisa. E então, antes de se virar e ir embora seu olhar ávido parou sobre uma mancha de sorvete de chocolate na blusa de Claire.

Portanto, estávamos nós três no refeitório, limpando e esfregando arduamente por termos mentido para a diretora, e ainda por cima ficamos sem ganhar almoço.

— Estou com fome — guinchou Claire, se sentando em uma cadeira.

— Há! — riu Kaleigh. — Fome? Fome? Nós estaríamos bem alimentadas se VOCÊ não tivesse arruinado tudo, senhorita tenho-cinco-anos-e-manchei-minha-blusa.

— Agora a culpa é minha se pingou sorvete na minha blusa? Vociferou Claire.

— Na verdade, é — falei, rindo.

— Quer saber, deixa pra lá. Ainda temos aquela compota de manga.

Kaleigh e eu olhamos para Claire. Do que ela estava falando, afinal de contas?

—O quê? — quis saber Kaleigh.

Claire riu e colocou os pés em cima da mesa.



— Você acha mesmo que eu a deixaria levar tudo? Não, não. Escondi a compota no assoalho do quarto.

Kaleigh e eu rimos, aliviadas por termos algo para comer. Droga, eu estava morrendo de fome. É nessas horas que eu desejava ter uma casa. Eu não teria que me preocupar com esse tipo de coisa. Se eu tivesse um lar, era só ir até a geladeira e escolher qualquer coisa.

Largamos os esfregões e nos sentamos ao lado de Claire.

— Ótimo, senhoritas. Vejo que já acabaram o trabalho — disse a diretora Wells, entrando no refeitório.

Levantamo-nos num átimo.

A diretora Wells parecia ter sido uma mulher bonita quando jovem, mas agora os indícios da velhice começavam a chegar, tornando-a uma mulher rabugenta e severa. Os cabelos loiros estavam presos em um coque firme, e os olhos azuis adquiriam um tom mais cinzento a cada dia que passava.

— Ufa, vamos voltar pro quarto — comemorou Claire.

A diretora mandou-lhe um olhar severo.

— Não, o serviço ainda não acabou. Vocês ajudarão com o jantar. Podem ir tomar banho e depois voltem para cá — ordenou, nos dando as costas e deixando o refeitório.



— Ótimo! De verdade! — reclamou Kaleigh, os olhos verdes fumegantes de raiva.

— Poderia ser pior. Pelo menos vamos poder comer! — afirmei, puxando as meninas para sairmos dali.

Subimos a grande escada em caracol e andamos até o terceiro andar — havia cinco — do orfanato e entramos na primeira porta. O quarto era gelado e apertado; dois beliches, em paredes opostas, estavam posicionados de forma qualquer; duas escrivaninhas ficavam no meio do quarto, e um armário grande se encontrava à frente de um beliche, no qual Claire e Kaleigh dormiam.

Tudo era muito miserável e simples, afinal tudo nesse lugar vinha de doações.

Sentei-me no parapeito da janela e observei a vista. O terreno do orfanato era enorme, não fazia nem ideia de até aonde ele ia. Crianças menores brincavam lá fora, alguns adolescentes sentavam-se em rodas para bater papo, tudo ao olhar da Sapa-Montgomery, uma mulher que ajudava a cuidar do orfanato. Nós três a chamávamos assim por causa de sua enorme papada, e também pela voz grossa e chata que parecia um coaxar.

O dia estava nublado e uma chuva fininha caía lentamente, como se estivesse querendo tornar o dia mais entediante ainda. Estiquei meu olhar e pude ver a floresta. Ninguém nunca ia lá, já que era fácil demais se perder. Eu nunca gostei dessa floresta, já havia me perdido uma vez, quando era bem pequena, e aquilo me traumatizou profundamente.



— Aprilynne! Aprilynne, você está surda? — perguntou Kaleigh.

— O quê? — perguntei, despertando. — Desculpa, estava longe.

— Percebi — disse ela, ríspida. — Olha, eu e a Claire estamos indo tomar banho. Você vem? — perguntou.

— Daqui a pouco — respondi.

Ambas assentiram e saíram do quarto.

Sozinha, continuei a observar a janela. As folhas farfalhavam bruscamente por causa do vento violento. Apesar da pouca chuva, estava um frio de matar. E tudo que eu sentia era um grande buraco estúpido no peito, que não parava de me lembrar que, apesar das maravilhosas amigas, eu estava sozinha no mundo. Sem pais, sem família alguma.

Todas as criancinhas ali embaixo, tão pequenas, mal sabiam que iriam ficar aqui pelo resto da vida, sonhando com o dia em que papai e mamãe iriam aparecer. Eram tantas ilusões perdidas, chegava a ser até normal. Todos sofriam da mesma febre, todos sonhavam com a mesma coisa: ter uma família e ir para um lugar chamado “Lar”.

E todo dia eu me imaginava indo para um lugar bom, em que eu pudesse ser feliz com uma família que me amasse.

— Besteira. Há dezesseis anos estou sem família, e não é agora que isso vai mudar — sussurrei para mim mesma.



Mas, por mais que eu tentasse negar, eu sabia que queria isso, e sabia que ainda acreditava, mesmo que um pouco, eu ainda acreditava que um dia sairia desse orfanato.

— Você viu a cara dela? — Kaleigh, de cabelo molhado, entrou no quarto, seguida por Claire.

— Foi errado — disse Claire — A gente vai se ferrar de novo!

Claire era assim, a certinha do grupo, que sempre tinha medo de se ferrar. Ela sempre tentava evitar confusões, mas tendo nós como amigas, isso era meio difícil.

— O que foi dessa vez? — perguntei.

— Kaleigh afogou a Angelique no banho! — Claire contou, espantada.

— Ah, meu Deus que demais! — disse, saindo do parapeito da janela. Fui até a escrivaninha, peguei uma escova e comecei a me pentear.

— Demais? Ela quase matou a menina — repreendeu Claire.

— Ah, ela mereceu. Quem mandou dedurar a gente? — disse Kaleigh, colocando a roupa suja em um cesto, atrás da porta.

Claire foi até o espelho e prendeu o cabelo loiro claro num rabo de cavalo perfeito, enquanto Kaleigh chacoalhava seus fios curtos, jogando pingos de água em todas as meninas.

— Já falei pra você parar de fazer isso, parece um cachorro! — disse Claire, sentando-se na cama.



Kaleigh mostrou a língua para ela e começou a pentear o cabelo.

— Olha, só sei que foi errado. Kaleigh a empurrou para debaixo do chuveiro e depois ficou segurando ela. A água estava fria. Foi crueldade — Claire se levantou e abriu a porta.

— Hum, acho que dessa vez vou ter que concordar com a Claire. Está um frio dos diabos, foi crueldade. A gente podia se vingar dela de outra maneira. Enfim, você a afogou e fez o que depois? — perguntei, enquanto terminava de me pentear.

Kaleigh respondeu, tentando esconder o riso.

— A gente saiu correndo. Vamos logo pra cozinha. April, você vem?

Peguei uma muda de roupas limpas e disse:

— Vou tomar banho. Já encontro vocês lá.

A cozinheira do orfanato Joy Lenz, Morgana, parecia agradecida por ter ajuda para preparar o jantar, estava até cantando músicas alegres enquanto cozinhava. Logo que nós chegamos, ela abriu um sorriso imenso. O prato de hoje seria batatas assadas com molho e carne, e não era nada fácil descascar aquelas batatas todas sozinhas. Kaleigh, Claire e eu não estávamos nada animadas para ajudar. Nós poderíamos estar jogando uma ótima partida de pôquer, ao invés de estarmos aqui, presas em uma cozinha abafada e velha.

Toda sexta nos reuníamos em um canto da sala de estar e fazíamos uma mesa de pôquer. Sempre ganhávamos e deixávamos as outras jogadoras sem



nada. Claro que era proibido qualquer tipo de jogo de apostas no orfanato, mas quem ligava para as regras?

Enquanto Kaleigh e Claire ajudavam Morgana a fazer o molho, eu descascava as batatas.

Depois de alguns minutos de trabalho pesado, acabei de descascar as batatas e as joguei no forno de qualquer jeito. Só queria acabar logo com isso. Estava faminta.

Nós estávamos sozinhas na cozinha agora, pois Morgana fora avisar a diretora que o jantar não demoraria a ser servido.

— Gente, estou morrendo de fome — disse Claire, colocando a mão na barriga.

— Você não é a única — respondi.

—O que querem comer? — perguntou Kaleigh abrindo a geladeira. — Rápido, antes que ela volte!

Nós duas encaramos Kaleigh. Se Morgana voltasse e nos pegasse furtando comida de novo, nós estaríamos ferradas. Mas a fome sempre falava mais alto.

— Que se dane! — disse Claire, pegando um pedaço de bolo. — Hum, está tão macio!



Nós voamos em cima da geladeira e pegamos qualquer coisa que pudesse saciar um pouco da nossa fome. Comemos rapidamente e, antes que Morgana voltasse, nós já estávamos em nossos postos.

As batatas já estavam no forno, e o molho estava quase pronto.

— Vou te contar, às vezes essa diretora é tão grossa... — resmungou Morgana, entrando na cozinha.

Morgana nos olhou por alguns minutos. O silêncio era suspeito. Ela continuou nos encarando e, depois de se convencer de que tudo estava certo, falou:

— Vejo que tudo está quase pronto. Podem se retirar, e não se atrasem para o jantar.

Nós assentimos e saímos aos risos da cozinha. Quando chegamos ao refeitório, o lugar estava barulhento e apinhado de jovens famintos. Sentamo-nos à mesa que ficava no canto, onde podíamos conversar sem sermos interrompidas.

— Não olhem agora, mas o Will está olhando pra cá — disse Claire, fazendo barquinhos com seu guardanapo.

— Ai. Meu. Deus — guinchou Kaleigh animada. Ela meio que tinha uma quedinha...brusca, por ele. — Não vou olhar, não vou olhar, tô olhando...

Ela se virou e encontrou o olhar de Will. Kaleigh deu uma risadinha e rapidamente voltou o olhar para nós.



— Ele é tão gato... — suspirou Kaleigh.

— Você devia ir logo falar com ele – falei – Qual é a dificuldade?

— Er, tipo assim, é contra as regras — disse Claire, horrorizada.

— Como se a gente ligasse mesmo para elas — bufei e ri.

Claire revirou os olhos, mas também riu.

— Posso saber qual é graça? — disse Angelique, se aproximando da mesa, com um olhar de desdém.

— Oh, desculpe, mas é uma piada muito complicada. Você não iria querer gastar os poucos neurônios que te restam tentando entender — falou Kaleigh, reprimindo uma risada.

— Que engraçadinha. Você deveria usar todo esse esforço para limpar melhor o chão. Ah, espera, você já fez isso! — exclamou, lançando um olhar desafiador.

Eu conhecia bem esse joguinho da Angelique. Ela queria arrumar confusão, ou melhor, nos meter em confusão. Kaleigh se levantou e ficou frente a frente com ela.

— Você já nasceu idiota, ou foi se aperfeiçoando com o tempo?

Quando Angelique ia abrir a boca para responder, a diretora entrou na sala e disse:

— Garotos e garotas, sentem-se. Vamos começar a jantar.



Todos voltaram a seus respectivos lugares e a comida foi sendo servida pela cozinheira, de mesa em mesa.

— Ela faz de propósito — disse, os olhos fulminando na direção de Angelique. — Ser afogada não é o bastante? Ah, ela vai ver só!

Kaleigh pegou a faca que havia na mesa e disse:

— Quem me acompanha nessa carnificina deliciosa?

Enquanto Kaleigh e eu ríamos como loucas, Claire olhava assustada para nós.

— Você é perturbada — ela murmurou, se afastando um pouco.

Claire sempre ficava irritadinha com as brincadeiras de Kaleigh. Ela era a única do grupo que tinha a cabeça no lugar. Era a única que ainda se importava com a diferença entre o certo e o errado.

Nós? Nós não nos importávamos com nada. Qual era o problema em ser uma garota má? Não precisávamos ser certinhas, porque não havia nada para provar. Ninguém se importava mesmo. Só queríamos atingir a maioridade logo e nos mandar para bem longe do orfanato e da sensação de vazio que ele nos trazia.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Capítulo 3

Jogos Noturnos

“Você nunca foi tão usado como estou te usando, abusando de você, meu pequeno passatempo. Não fique tão triste. Você deveria ter visto de cara. Estou te usando, minha pequena cobaia. Meu pequeno passatempo.”

Paramore — Decoy

Um solzinho tímido resolveu aparecer na manhã seguinte. Sentindo um calor agradável no rosto, abri os olhos e vi que fazia um lindo dia. Desviei o olhar para a cama das meninas e vi que ainda dormiam. Teria acordado cedo demais? Desci da cama, vesti meu roupão azul desbotado e olhei no relógio. Sete e quinze da manhã.

Droga. Era cedo demais para o café, tendo em vista que era sábado e nos finais de semana ele era sempre servido mais tarde.

Um investidor financeiro, cujo nome nunca fora revelado, fazia doações generosas todo mês. Somando isso a ajuda do governo, o orfanato



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



conseguia se manter bem. Tão bem que eles contrataram professores para nos dar aula. Isso evitava muitos problemas.

Há dois anos, o sistema ainda era o de ir para a escola pública e voltar com o ônibus do orfanato. Mas, graças a Deus, isso mudou. Nós, do orfanato, éramos humilhados e excluídos por não termos pais ou família, e esse preconceito sempre gerava briga entre o povo do orfanato e as da escola pública. Eu que o diga.

Eu era a garota que mais arrumava confusão do orfanato. Caroline, a garota mais popular da escola, me odiava e sempre me tirava do sério. Ian, o perfeito namorado dela, sempre discutia comigo, só para defender a amada. Ambos faziam da minha vida um inferno. Caroline adorava me humilhar. E o final era sempre o mesmo. Eu acabava socando a cara dela e nós duas parávamos na detenção, com o namorado chiclete na bagagem.

O tal investidor, que se preocupava conosco, sugeriu contratar professores, assim nós não nos meteríamos mais em confusão. Entretanto, nós não podíamos sair do orfanato, o que era bom e ruim ao mesmo tempo. Bom porque nós ficávamos afastados de encrencas, e ruim porque nós éramos proibidos de sair. Era quase como uma prisão. Ou como um manicômio. Você escolhe.

Lamentando-me por ter acordado tão cedo, caminhei até o banheiro, tomei banho e fui até o jardim. O lugar estava deserto. Flores de todos os tipos nasciam nas árvores, fazendo um contraste enorme com o orfanato. Ele fora construído em 1937 por imigrantes espanhóis, sua arquitetura clássica



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



o fazia parecer um castelo mal assombrado. Havia cinco andares, todos com grandes janelas cobertas por cortinas vermelhas, velhas e mofadas. Resumindo: as flores pareciam um insulto a imagem do casarão sombrio e assustador.

Deitei-me na grama e comecei a ver os formatos das nuvens no céu. Alguns tinham forma de bode, outros de cachorrinhos. Subitamente, tive vontade de ter uma cachorrinha. Iria chamá-la de Tinker e sempre brincaria com ela. Moraríamos em um sobradinho amarelo e ela dormiria num lugar especial no meu quarto. Minha mãe seria veterinária, me amaria muito e ela teria me dado Tinker por me comportar tão bem. Meu pai seria alérgico a cachorros, mas não se importaria de ter um, pois faria tudo para me ver feliz.

E, tão rápido quanto começou, a fantasia acabou e deu lugar a realidade. Eu não tinha cachorro algum. Eu não morava em um sobradinho amarelo. Eu nem sequer tinha pais.

Fechei os olhos e sacudi a cabeça, espalhando meu cabelo castanho pela grama. Os raios solares roçavam em meu rosto, e faziam com que eu me sentisse tranquila. E com os olhos fechados, fui caindo no sono, caindo,...

— Aprilynne? — disse Claire, me chacoalhando.

Abri os olhos e vi uma Claire sorridente.

— Por quanto tempo eu dormi? — perguntei, sentando-me.

— Não sei. Mas já está na hora do café. Vamos comer? — perguntou.



Mingau de aveia — que mais parecia mingau de areia. Era o que tinha para o café. Uma escolha não muito feliz, mas o que eu podia fazer? Era isso que tinha para comer. Ou isso ou eu passava fome.

— Nojinho disso — reclamei.

— Pelo menos tem frutas — disse Kaleigh, mordendo um morango.

Empurrei a tigela de mingau para longe de mim e peguei um prato de frutas.

— Quais são os planos para hoje? Jogar pôquer? — perguntou Claire.

— Claro! Temos que ganhar umas coisinhas respondeu Kaleigh.

— Por mim pode ser — falei.

— Mas vamos deixar as coisas mais interessantes e emocionantes.

— Como assim? — perguntei.

— Vamos chamar a Angelique e as amiguinhas dela para um joguinho nada amigável. O time que ganhar escolhe um desafio para o perdedor — sugeriu Kaleigh.

— Não sei se isso é uma boa ideia — afirmou Claire — Vocês sabem que a Angelique não joga limpo. E se o desafio for perigoso demais? Quero dizer, nossa corda já está amarrada até o pescoço com a diretora.

Terminamos de pegar o café e nos sentamos.



Dei uma dentada em minha maçã, enquanto observava Angelique se aproximar.

— Não pude deixar de escutar o que você disse, Kaleigh. Nosso time topa. — Angelique sorriu vitoriosa.

Como ela tinha escutado aquilo? Minha nossa, a garota tinha um ouvido super potente.

— Ainda estamos pensando nisso, Angel. – quase vomitei seu nome.

— Hum, as rainhas do pôquer têm medo de perder? – disse Kendra, amiga de Angelique, negando com a cabeça e fazendo bico.

— Quer saber? A gente vai, e vocês vão perder! — exclamou Claire, se levantando da cadeira.

— Ótimo. Combinado. Às nove da noite nós iremos jogar no quarto de vocês. Até mais — combinou Angelique, indo até sua mesa.

— Posso perguntar o que foi isso? Você pirou? — perguntei a Claire.

— Eu apenas me cansei da Angelique e do grupinho dela. Nós vamos vencer.

— Nós temos que vencer. Não quero nem imaginar o que vai acontecer se perdemos — Kaleigh disse.

— Eu também não — afirmei, olhando mais uma vez para Angelique.



Elas chegaram no horário marcado. Nem um minuto a mais, nem um minuto a menos. Tudo já estava preparado. No meio do quarto, um pedaço de madeira estava em cima de uma caixa pesada, onde guardávamos nossos sapatos. Uma mesa improvisada.

Kaleigh e Claire estavam embaralhando as cartas, e nós nos sentamos em volta da mesa. Essa vitória já era nossa. Era muito raro Angelique nos vencer, então estávamos bem tranquilas. O desafio? Iríamos obrigá-las a roubar comida para gente. E não só comida. Presentes de natal — usados, mas tudo bem —, ou qualquer coisa que elas ganhassem iriam diretamente para nossas mãos. Seria ótimo ganhar coisas novas. E se perdêssemos? Bem, eu não estava nem um pouco preocupada. Iríamos ganhar e ponto final.

Nós iríamos ganhar, *Iá!lá!lá*. Todas já haviam saído da rodada. Estava entre mim e Angelique. E eu tinha um Straight Flush¹, era quase impossível ela vencer.

— Aposto tudo — disse, jogando as fichas em cima da mesa.

— Aprilynne! — repreendeu Kaleigh. — Não faz isso.

Sorri vitoriosa e disse;

— Não se preocupe. Eu sei o que estou fazendo.

Angelique riu e vi Kendra e Lauren se olhando. Onde há fumaça há fogo.

¹ Sequência de cinco cartas de um mesmo naipe.



— Eu também aposto tudo. — Ela empurrou suas fichas pra cima da mesa, — Pronta?

Arqueei a sobrancelha e respondi.

— Como sempre vou estar. — Abaixei a sequência de um jeito profissional e cruzei as mãos apoiando meu queixo nelas.

Angelique soltou um grunhido e balançou a cabeça.

— Vencemos! — gritou Claire! — Vencemos, vencemos!

Levantei da mesa e abracei Claire e Kaleigh. A partida fora difícil, mas, por fim, vencemos.

— Oh querida, sinto em desapontá-las. Vocês sabem que nada vence um Royal Flush² — Ela, com um ar de vitória, colocou delicadamente as cartas na mesa. Um perfeito Royal Flush de espada.

Nós. Estávamos. Ferradas.

Kendra, Lauren e Angelique pularam e gritaram. Kaleigh, Claire e eu nos entreolhamos. A vingança é um prato que se come frio. E, pelo que eu podia ver, Angelique estava faminta. Elas se separaram e Angelique ficou frente a frente comigo.

— Prontas para pagar? — indagou.

— Vadia — disse Kaleigh, fingindo espirrar a palavra.

² Sequência de cinco cartas, de 10 até A, de um mesmo naipe. É a mão mais forte do pôquer.



— Oh, alguém aqui não sabe perder — Kendra disse, fazendo todas rirem. — E a propósito, espirro com xingamento é tão... quinta série!

— Anda, diz logo — pedi. — Correr peladas por todo o orfanato? Cuspir na cara da diretora?

Angelique se sentou na cama de Claire e cruzou as pernas. Seus olhos mel, tão claros que pareciam amarelos, pareciam mais cruéis do que nunca.

— Vocês três irão lá fora. Vão entrar na floresta. E passar a noite lá.

— HAHAAHAHA – Claire riu em falso. — Sem chance de irmos até lá, Diabolique.

— Que engraçadinha, Claire. Estou rolando de rir. — Angelique fechou a cara e continuou; — Vocês não têm escolha. Farão o que eu mandar.

— E se vocês se importassem com as regras, não teriam aceitado jogar pôquer. Vocês amam quebrar as regras.

Olhei em meu relógio e vi que já passava das onze. Nem brincando iríamos à floresta-do-terror.

— Eu não vou passar a noite lá. Ponto final — falei.

— Tudo bem, vou reformular um pouquinho, só porque sou uma pessoa muito, muito boa. Fiquem uma hora na floresta. Essa é a minha oferta final.

Kaleigh e Claire olharam para mim. Uma hora era melhor do que a noite inteira. Mas, mesmo assim, isso seria assustador, Muito assustador.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Ok. Daqui uma hora nós voltamos. Nada de joguinhos, Angelique — ordenei.

— Boa sorte — disse ela, enquanto saíamos do quarto. — Cuidado com o bicho papão.



Capítulo 4

A floresta

“Esta floresta, agora tão pacífica, deve ter estremecido outrora com os gritos da morte, pensei. E a imagem era tão convincente que até hoje penso ouvir os gritos.”

Robert L. Stevenson — A ilha do tesouro

Lá fora, a escuridão envolvia tudo. A lua se escondia atrás de nuvens densas e escuras, como se estivesse com medo do que iria acontecer nas próximas horas. E não era pra menos. Se soubesse o que eu estava prestes a descobrir, jamais teria saído do meu quarto para cumprir esse desafio estúpido.

Com casacos compridos e luvas, Kaleigh, Claire e eu paramos antes de adentrar a floresta. Olhei para trás, vendo a luz do quarto de Angelique acesa. Ela estaria nos observando, provavelmente. A luz dela era a única acesa, e eu rezava para que isso não ferrasse com tudo. Se a Sapa-Montgomery nos visse, seríamos expulsas. E nossa chance de ser alguém decente na vida, que já era pouca, se tornaria zero.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Pelo menos não está tão frio — disse Claire, tentando, de alguma forma, melhorar a situação.

— Na verdade, está frio. Frio o bastante para minha bunda congelar. Vamos entrar logo nessa porcaria de floresta e esperar a tal hora passar — vociferou Kaleigh.

Conforme íamos andando, minhas suspeitas se confirmavam. Tinha algo tremendamente errado e assustador naquele lugar. As folhas das árvores farfalhavam de um jeito estranho, parecia que estavam fazendo uma coreografia mortal, com direito a barulhos medonhos e sombras que pareciam pessoas agonizando. Também havia muita neblina, mas, ainda assim, dava para enxergar direito porque nós havíamos trazido lanternas. Pelo menos isso. Continuamos andando e andando, até que vimos uma clareira e resolvemos parar para descansar. Era melhor não ir para muito longe. Havia o risco de nos perdermos. Kaleigh pisou em um galho, quebrando-o ao meio e fazendo um barulho, Claire pulou de susto.

— Droga — disse ela. — Estou farta desse lugarzinho.

— Calma, ainda temos — olhei em meu relógio e vi as horas — mais quarenta e cinco minutos de tortura. — Sentei-me em um tronco quebrado e suspirei fundo.

Em algum lugar da floresta, sapos coaxavam.

Imitando meu gesto, Kaleigh e Claire se sentaram ao meu lado. O rosto de Claire nunca esteve tão branco. Ela era quase albina. Não que ela fosse



feia, de jeito nenhum. Claire era uma das meninas mais bonitas do orfanato, em minha opinião. Com cabelos loiros e olhos claros, ela parecia uma princesa.

Kaleigh também era bonita, mas de um jeito agressivo e mais sexy. Seus cabelos eram escuros e bagunçados, seus olhos acinzentados e vorazes. Nós três não poderíamos ser mais diferentes. Kaleigh era a mais estourada do grupo, já Claire evitava confusão, mas era totalmente corajosa. Eu? Bem, eu podia ser encenqueira quando quisesse. Também poderia ser compulsiva e irritante. Mas, acima de tudo, eu era vulnerável. Acho que essa coisa de nascer sem pais me deixou assim. Tinha medo de me aproximar das pessoas, porque a verdade é que elas sempre partem. E quando partem... Bem, cresce um buraco em você. E nada que você faça fecha esse buraco.

Sem esperança de que tivesse se passado uma hora, olhei em meu relógio. Só cinco minutos se passaram.

De repente, vi um gato preto de olhos verdes em cima de uma árvore. Ele miou e eu dei um pulo. O animal me encarava, como se tentasse dizer alguma coisa.

— O que foi? – Claire perguntou.

— Ali. — Apontei para árvore onde o gato estava. — Vocês estão vendo? Kaleigh e Claire olharam para a árvore e falaram:

— Não tem nada lá, April.



Olhei novamente para a árvore, mas o gato tinha sumido. Chacoalhei a cabeça e respirei fundo. A floresta e o medo deveriam estar me deixando maluca.

— Deixa pra lá — disse.

— Estou com fome — Claire reclamou.

Abri o bolso do casaco e tirei uma barrinha de chocolate.

— Toma.

— Furtando comida de novo? — perguntou Claire, pegando a barrinha.

— Algo do tipo. — Sorri e comecei a andar de um lado para o outro, impaciente.

— Ah, eu vou dar o troco na Angelique. Ela vai ver só. Quando ela estiver dormindo, vou colar cera na sobrancelha dela e arrancar com tudo — disse Kaleigh, com os olhos ardendo como fogo.

— E eu ajudo — falou Claire, sorrindo maliciosamente. Quando Claire queria, ela podia ser bem vingativa.

Ficamos por um tempo em silêncio, e só pudemos ouvir as corujas e grilos. Voltei o olhar para o céu, e a lua continuava escondida atrás das nuvens. Estranho.

De repente, um alarme começou a ecoar por toda floresta. E não era qualquer alarme. Era o alarme do orfanato. E o alarme só tocava quando



tinha algo realmente ruim acontecendo. Como a fuga de três meninas no meio da noite.

— Droga! — gritou Kaleigh, se levantando em um pulo. Claire se levantou também, o nervosismo estampado em nossos rostos.

Nós. Seríamos. Expulsas.

— Foi aquela ratazana! Aquela bostinha fedida! Tenho certeza! — disse Kaleigh. — Eles devem estar nos procurando agora.

— Vamos nos entregar. Sério — sugeriu Claire.

Kaleigh e eu nos entreolhamos e gritamos:

— Cala a boca, Claire.

Semicerrei os olhos e massageei as têmporas. Precisava pensar em um plano. E depressa.

— Quem está aí? Quem? — ouvimos a voz de uma mulher gritar. Sapa-Montgomery.

Arregalei os olhos e senti meu coração explodir de medo.

— Droga, olha, vamos nos separar. Ela não vai conseguir pegar todas, ok? — disse. — Não podemos voltar para lá. Nós vamos ser expulsas.

— Não, não. Essa coisa de separar nunca dá certo. Sempre tem gente que morre nos filmes de terror — lembrou Claire, fazendo Kaleigh rir.



Ouvimos passos e galhos sendo quebrados. A sapa e quem estivesse com ela, estavam se aproximando.

— Acho que tem alguém aqui. Olá! – gritou Montgomery.

— Ok, eu vou por ali – aponteí numa direção qualquer e continuei. — Kaleigh, vá por ali e Claire por ali. E seja o que Deus quiser! Boa sorte meninas,

— Boa sorte,

E, olhando para o caminho escuro que me aguardava, murmurei uma oração em silêncio. Amém.

Então eu corria. E tropeçava. E levantava. E começava a correr de novo, até ter certeza que conseguiria escapar da sapa. O vento estapeava meu rosto e, provavelmente, eu estava imunda. Suava tanto que minhas roupas grudavam no corpo.

Avancei mais um pouco, até ter certeza de que ela estava bem longe. Eu não tinha ideia de onde estava. Parei de correr e olhei em minha volta. Ok, decididamente não era mais uma floresta. Era um pântano. A neblina era bem pior por aqui. Não se ouvia nenhum barulho. Nem de cigarras, nem de corujas, nem grilos. Para piorar, a pilha da lanterna estava falhando.

Resolvi andar mais um pouco. Mas, assim que comecei, me arrependi. Porque, ao meu redor, pares de olhos amarelos me encaravam. Gatos. Um monte de gatos pretos.

— Ai. Meu. Deus — gritei, sem ar.



Droga, eu odiava gatos, sempre odiei gatos. Eles me davam arrepios. Eu sabia de umas histórias sinistras sobre gatos e nenhuma delas terminava bem.

O que estava acontecendo? De onde surgiram tantos gatos? Olhei ao redor e vi que eles me encaravam de um jeito... mortal. Eles começaram a se aproximar, e vi que o único jeito de sair dessa encurralada seria pular em cima deles. Isso é, se eu não fosse devorada ou arranhada antes. Eles não paravam de miar, e o barulho era atormentador e sinistro. Suspirei fundo. 1...2...3! Saí correndo e pulei por cima de três fileiras de gatos pretos. E saí ilesa.

Comecei a correr, mas vi que os gatos me acompanhavam. Comecei a ficar histérica, e corri mais ainda. A neblina densa se arrastava pelas minhas pernas, e galhos roçavam nelas. Galhos de árvores arranhavam meu rosto conforme eu corria. Ao olhar para trás, vi que os gatos ainda me perseguiam. Apurei o passo e o vento se chocou ainda mais contra mim. Corri por algum tempo, até que vi o lago. Um lago enorme e sombrio. Então me toquei. Gatos odiavam água.

— Deixem-me em paz! — exclamei, inutilmente, para os gatos.

Eu precisava entrar na água se quisesse me livrar deles. Atrás de mim, pude ouvir muitos miados. Tal som começou a me dar desespero. Meu coração batia freneticamente, e eu estava tremendo. O que esses bichos medonhos queriam? Olhei para cima e vi vários deles em cima das árvores.



Então era isso. Eu seria atacada por gatos e morreria num pântano qualquer. Mas ainda havia uma chance de sair viva dessa. Então, sem pensar duas vezes, tirei o casaco e os sapatos. Olhei para trás e, através da neblina densa, só pude ver o brilho amarelado dos olhos dos animais. Tomei coragem e entrei no lago. Liguei a lanterna — graças a Deus estava funcionando — para me assegurar de que não havia nenhuma cobra ou sanguessugas no lago. A água estava de congelar os neurônios. Estava tão fria que chegava a queimar. Mas continuei. Avancei até a água cobrir meus ombros e fiquei observando os gatos. Todos estavam na beira do lago, mas nenhum ousou entrar. Avancei mais até o ponto em que não via mais nada. Nessa hora, decidi mergulhar.

E foi aí que tudo começou.

A princípio, eu não via nada, a água era escura, e eu continuei a nadar, dessa vez com os olhos fechados. A água congelava minha alma, mas eu precisava sumir um tempo para afastar aqueles gatos. Continuei a mergulhar, cada vez mais para o fundo. Abri meus olhos, e conforme ia nadando, minha visão ia se adaptando e a lanterna ia iluminando. Parecia não haver nenhum ser vivo naquele lago, a não ser algumas algas e plantas emaranhadas. Senti algo roçando minha perna, tremi de susto, mas era apenas um galho.

O silêncio no fundo do lago chegava a ser incômodo e assustador, parecia que eu estava em algum filme de terror. Já estava até esperando o momento em que Jason surgiria no fundo do lago com sua faca enorme e começaria a me perseguir.



Fiquei imaginando o que estaria acontecendo com Kaleigh e Claire. Será que elas haviam conseguido fugir da megera? Deus, se alguma de nós fosse pega, a expulsão seria certa. Nós não devíamos ter aceitado o desafio. Não, para começar nós nem deveríamos ter aceitado jogar com a Angelique. Mas ela iria pagar. Mesmo que ninguém fosse pega. E a vingança iria ser boa.

Meus pulmões já gritavam por ar, eu já estava entrando em desespero, mas convenci minha mente a ficar mais alguns segundos na água. Meus esforços não valeriam em nada se os gatos ainda estivessem lá. Minha nossa, aqueles gatos eram assassinos. Eles provavelmente eram algum tipo de experiência com mutação que deu errado. Desde quando gatos perseguiram gente?

Continuei e continuei, e percebi que tinha chegado ao fundo do lago. Encostei meu pé no chão e esse movimento fez a terra depositada no fundo entrar em meus olhos. Fechei os olhos até a ardência passar. Eu não aguentava mais, meus pulmões estavam estourando. Precisava de ar. Resolvi que já havia dado tempo suficiente para que aqueles gatos tivessem sumido dali.

Quando tentei subir novamente, senti meu pé preso em alguma coisa. Tentei me desvencilhar, mas não consegui. Sacudi meus pés e nada. Abaixei-me e vi que era uma planta enrolada nele. Puxei, puxei e ela não soltava. Estava ficando desesperada. Dei um impulso forte e senti que meu pé seria arrancado, a planta finalmente se soltou.



Rapidamente, tentei voltar à superfície, mas não consegui. Algo havia se chocado contra mim, e dessa vez não era um galho. Era um corpo. Um corpo de uma garota. E ela estava morta.



❖ *Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...* ❖

Capítulo 5

O começo do fim

“Eu não consigo sentir meus sentidos, eu apenas sinto frio. Todas as cores parecem desaparecer, eu não consigo alcançar minha alma. Eu pararia de correr, se eu soubesse que havia uma chance. Me machuca ter de sacrificar tudo, mas eu sou forçada a desistir.

Within Temptation — Frozen

É claro que eu gritei. Gritei como nunca havia gritado na vida. Bolhas se formavam em minha volta por causa dos gritos. Meu corpo tremia muito, e eu parecia estar vivendo meu pior pesadelo. Não, acho que nem em meu pior pesadelo eu iria vivenciar urna cena assim. Tinha uma garota morta aqui! E eu não conseguia tirar meus olhos dela. Seus cabelos longos e loiros se balançavam conforme a água se movia, e ela usava um vestido branco comprido. Seu rosto era pálido e pude observar que ela, quando viva, deveria ter sido estonteante

O ar faltava em meus pulmões. Eles pareciam estar se rasgando, pegando fogo. Minha garganta ardia e, por mais que estivesse em estado de



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



choque, minha mente me obrigou a subir até a superfície. Então subi. Ao chegar lá, uma lufada de ar gelado me atingiu no rosto como um tapa na cara. Suguei o máximo de ar que podia. Uma camada de neblina espessa rodeava a superfície do lago.

E, até onde pude ver, os gatos haviam sumido. Na verdade, quem se importa com gatos quando há uma pessoa morta dentro do lago?

Nadei de volta até chegar à parte rasa do rio, e foi lá que eu senti lágrimas involuntárias caírem. Continuei a andar até que cheguei ao local onde havia largado meus sapatos e meu casaco. Calcei os sapatos e coloquei o casaco. Meu corpo tremia violentamente. E não era só de frio. Eu precisava avisar alguém. Eu precisava... precisava... sair daqui. E rápido.

Comecei a correr novamente, a neblina se entrelaçando em meus pés, o frio congelando. Eu estava encharcada. E a temperatura estava baixíssima. Eu gritava por ajuda, gritava muito alto. Nem sabia para onde estava correndo, mas corria. Precisava chamar alguém. Havia uma menina morta naquele lago. Morta.

Corri por muito tempo, indo para lugar nenhum. Só queria chegar à civilização rápido. Mas como sair da floresta sem me perder? Eu nunca havia saído dos arredores do orfanato, e não conhecia nada da comunidade — se é que havia alguma — do outro lado da floresta. Será que havia mesmo gente lá ou era tudo invenção?



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Minhas pernas latejavam de tanta dor e minha garganta pedia por água. Estava muito frio e minhas mãos estavam roxas. Não aguentava mais correr para lugar nenhum. Avistei uma árvore e me encostei-me a ela. Precisava descansar por um tempo. Sentei-me no chão frio, com lágrimas secas em meu rosto, tentando imaginar quanto tempo demoraria até eu congelar e morrer.

Eu ainda estava encharcada e tremia muito. Meus dentes trincavam, e eu não sentia meus pés. Naquele momento, eu só me lembrava de ficar contemplando a lua, que agora havia resolvido aparecer. O pessoal do orfanato já devia ter parado de me procurar a muito tempo. Será que Claire e Kaleigh estavam bem? Ou será que a Sapa-Montgomery havia achado elas?

Então, após algum tempo, não consegui pensar em mais nada. Senti que aquele era meu fim, Estava tão, tão frio... A escuridão pareceu envolver tudo e eu fechei meus olhos, esperando pela morte.

— *Nina, não corra tão longe. Ei, espere!*

A primeira coisa que senti no céu foi uma coisa molhada na minha mão. Pensei que a recepção aqui fosse mais calorosa, estava esperando alguém me dizer como vim parar aqui e ver anjinhos de cabelos cacheados voando ao meu redor.

— *Nina, o que você...? Oh, meu Deus!* — disse alguém próximo a mim.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Mas se eu estava no céu, por que ainda fazia frio? E por que eu ainda me sentia molhada? Pousei a mão em minha perna esquerda, e percebi que eu me sentia molhada porque estava molhada. Forcei meus olhos e, depois de um tempo que me pareceu uma eternidade, os abri.

Eu não estava morta. O céu era negro. E eu estava no chão, deitada. E havia um par de olhos escuros me observando. Seria alucinação? Apertei os olhos e percebi que não era alucinação. Tinha uma coisinha peluda me olhando.

— Sai de cima dela, Nina! — ordenou uma voz com firmeza.

A tal Nina saiu de cima de mim, o rabo roçando em meu pescoço.

— Você está bem? — perguntou alguém atrás de mim.

Apoiei-me nos cotovelos e me sentei. Virei o rosto para ver quem falava comigo, e percebi que havia luzes até onde a vista alcançava. Olá, *civilização!*

Senti uma coisa molhada e vi que uma cachorrinha — não, cachorrinha não era o termo certo. Era uma Golden Retriever enorme e lambia minha mão. Por fim, focalizei a pessoa que falava. Era um garoto. E não era qualquer garoto. Vi que os olhos dele se arregalaram quando me viram, ou por ele me reconhecer ou porque eu deveria estar parecendo uma maluca, levando em conta que:

A) Fugi de um orfanato no meio da noite

B) Fugi da Montgomery, a bruxa do orfanato



- C) Fugi de gatos assassinos
- D) Pulei dentro de um lago
- E) Vi uma garota morta dentro desse lago
- E) Estava imunda e encharcada

— Eu... eu... — Meus dentes trincavam, e eu não conseguia formular uma resposta coerente. Se eu estava bem? Não, provavelmente não.

Então, ao invés de responder algo decente, me encolhi e comecei a chorar feito um bebê. Eu havia tido o suficiente por uma noite, muito bem, obrigada.

— O que aconteceu com você? — perguntou ele novamente, chegando mais perto. Eu tremia, tremia e chorava muito. — Você precisa de ajuda?

— Não, Ian! Não preciso de sua ajuda! — um grito abafado saiu de minha boca.

Era impressionante. Diante de todas as pessoas que poderiam me encontrar, teria que ser justo ele? Justo ele, Deus? E desde quando ele morava por aqueles arredores?

— Você não está em condições de escolher, April. Você precisa de ajuda e eu não vou te largar aqui para morrer, se bem que Caroline teria adorado isso! — ele riu. Revirei os olhos e, pela primeira vez, olhei nos olhos dele.



Eram castanhos, uma mistura de âmbar com mel. Ao redor deles, cílios longos e grossos. — Venha, April. Deixe-me ajudá-la.

Ele estendeu a mão para mim e eu o olhei com desconfiança. Depois de tudo que acontecera na escola em que eu estudava? Depois de todas as brigas, os xingamentos e as tardes na detenção? Ian era o garoto mais mimado e mais metido que eu já havia conhecido. E sua namorada, Caroline, conseguia ser ainda pior do que ele. Mas, como ele havia dito, eu não estava em condições de escolher. Se ficasse ali, morreria congelada. Então, ao invés de recusar, engoli o orgulho e segurei sua mão.

— Quem é ela? — ouvi um senhor de idade perguntar enquanto eu tomava um chá de hortelã. Sentada em frente à lareira na casa de um garoto que eu não suportava, eu me sentia completamente melhor. Um pouco intrusa, talvez, mas quem se importa? Estava bem quentinho e eu já sentia meus pés. O que já era um bom começo.

— Uma velha conhecida – respondeu Ian. — Olha, eu só...

Olhei para trás e vi que eles haviam saído da sala. Agora só ouvia sussurros. Beberiquei o chá e me cobri melhor com a manta que Ian havia trazido. Também peguei uns biscoitos de chocolate que ele tinha deixado lá. Não me importei em parecer uma morta de fome, afinal eu estava mesmo. Nina, a Golden Retriever, estava deitada ao meu lado, me fazendo companhia. Comecei a fazer carinho nela, e ela virou a barriga para cima.

— Você é tão fofa! — exclamei, e ela me lambeu.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Você está melhor? — perguntou o Ian, entrando na sala. O senhor de idade havia entrado também.

— Estou muito melhor, obrigada — respondi, forçando um sorriso.

— Então... você quer dizer o que aconteceu? — perguntou ele, se aproximando. Percebi que aquele senhor se aproximou também. Ele usava uma roupa diferente, quase como um uniforme. — A propósito, esse é o nosso mordomo, Alfred.

Dei um sorriso amarelo e me levantei. Alfred estendeu a mão, e eu o cumprimentei. A mão dele era gélida como a neve. Rapidamente, soltei a mão e desviei o olhar para o Ian.

— Então, Aprilynne, o que aconteceu? Alguém te machucou? — Ian perguntou, soltando a mão.

Fiquei em silêncio e enfiei as mãos no bolso. Se alguém havia me machucado? Não, claro que não. Mas, com certeza, alguém havia machucado aquela garota no lago. Era a única maneira de ela estar lá. E outra, como o corpo dela não boiava? Ela deveria estar amarrada em alguma coisa.

Agora que eu já estava mais calma, conseguia lembrar o rosto da garota com mais nitidez. Ela tinha um nariz fino e arrebitado, os lábios eram da cor do rosto — já que ela estava morta — e tinha marcas arroxeadas em volta dos olhos. Mas, apesar de tudo, ela era linda. Com aqueles cabelos loiros, ela parecia uma princesa. Uma princesa morta.



— N-não. Ninguém me machucou. Mas alguém machucou aquela menina, sei disso. — Sentei-me no sofá e me apertei contra a manta que estava sob meu corpo.

Ian se sentou ao meu lado. Alfred nos olhava com uma expressão vazia. Os fios do cabelo dele eram quase brancos, e os olhos dele eram de um azul desbotado.

— Que menina, Aprilynne? — perguntou ele,

— A menina que está no lago. Morta — disse a Ian.

— O quê? — perguntou Alfred, os olhos arregalados.

— Ela está lá, alguém afogou ela. — Um nó se formou em minha garganta, e respirar se tornou difícil. — Olha, eu estava fugindo. Fugindo da Montgomery, uma bruxa do orfanato. Consegui escapar, mas depois apareceram vários gatos pretos, e eu odeio gatos, quanto mais pretos! E eles iam me atacar, eu tinha certeza. Então corri e pulei dentro do lago. Meu pé ficou preso em uma planta e, quando eu consegui me soltar, vi a garota. Comecei a gritar e saí correndo. Encontrei uma árvore e sentei ao lado dela. E estava tão frio... Pensei que fosse morrer. Quando você chegou — olhei para Ian — eu pensei que estivesse morta ou algo assim. Mas não. Estou viva. Não sei como, mas estou. Era pra eu ter morrido de hipotermia, por que eu estava encharcada e faziam dois graus.

— Meu Deus — soltou Ian. — Que loucura. Você estava fugindo desse orfanato?



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Eu não estava fugindo do orfanato. Eu estava fugindo da Montgomery, porque perdi uma aposta no pôquer e...

— Pôquer? Legal, eu também jogo e... — riu Ian, sendo interrompido por Alfred,

— Será que ninguém entendeu nada por aqui? Essa menina — Alfred apontou para mim — encontrou uma garota morta. E fugiu de um orfanato. Devemos chamar a polícia, não acham? — perguntou ele.

— Não, a polícia não! — gritei. — Se eles me encontrarem, vão me levar para o orfanato, e vou ser expulsa.

— Então temos uma garota encrência por aqui — disse Alfred.

Levantei-me e coloquei a manta no sofá. Olhei para Ian e disse:

— Muito obrigada por tudo, Ian. Você salvou minha vida, e eu sou grata por isso, mas agora tenho que ir. E a propósito, acho melhor você não contar nada disso a Caroline. Ela vai ficar irritadíssima. — Comecei a andar, mas senti alguém segurar meu ombro. Virei-me e vi um Alfred zangado me encarando.

— Aonde você pensa que vai? — perguntou-me.

— Para o orfanato — respondi.

— Uma hora dessas? — perguntou de volta.

— Você quer que eu vá que horas? Eu tenho que voltar, e tentar consertar as coisas.



— Bom, nós podemos te levar até lá. Não podemos, Alfred? – sugeriu Ian. Por que diabos ele estava sendo gentil comigo? Eu o odiava. Assim como ele me odiava. Gostaria de imaginar o que Caroline diria de tudo isso.

— Claro. Vou pegar as chaves.

— Sei que já incomodei demais, mas posso pedir um último favor? — perguntei.

— Claro — disse Ian.

—Deixe-me pelo menos entrar no orfanato, então você liga para a polícia.

— Ok, Aprilynne — falou o mordomo, abrindo a porta de casa.

Dei tchau para Ian e ele acenou. Eu poderia ser orgulhosa, mas não era mal educada. A não ser quando uma certa loura Caroline me irritava. Mas isso era passado. Eu já nem fazia mais parte daquela realidade em que eles viviam. Então sai da casa e entrei no carro com Alfred. Não sei por que, mas algo nele me dava arrepios.

— Espero que a senhorita não se meta mais em encrencas. Dessa vez foi sorte, mas Ian não vai poder salvar a sua pele de novo. Boa noite — disse Alfred, e com isso, saí do carro.

Graças a Deus o caminho de carro não foi tão longo. Nem precisava dizer que nenhum de nós abriu a boca. Alfred havia me deixado na esquina do orfanato e, assim, segui para os fundos. Era o único jeito de tentar passar



despercebida. Mas, assim que coloquei meus pés na entrada, uma luz vinda de uma lanterna cegou meus olhos.

— Hum, olha se não é a moça fugitiva — disse a diretora, me puxando pelos braços. — Estávamos te esperando, Aprilynne.

Oh, oh, isso não era nada bom. Os olhos dela estavam completamente em fogo. Eu seria expulsa. Ela me jogaria na rua. E eu não teria lugar para viver. Não adiantou de nada ter sido salva. Eu estava morta de qualquer forma.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Capítulo 6

Delirando

“Os sonhos são ilustrações do Livro que sua alma está escrevendo sobre você.”

Marsha Norman

O sol entrava pela janela do quarto e com isso acabei acordando. Sentei-me na cama e senti muita dor. Minhas pernas estavam latejando e eu não conseguia mexê-las normalmente. Comecei a me lembrar do que havia acontecido noite passada. A diretora Wells tinha me flagrado e me dado a maior bronca da vida. Mas isso não foi o pior. Eu fui expulsa do orfanato. Bem, na verdade, fui transferida, mas não sei se isso é melhor do que ser expulsa. Já ouvi muitas histórias horripilantes de orfanatos que deixam as crianças sem comida e as obrigam a trabalhar em máquinas, como as crianças na China.

Bom, poderia demorar um pouco até a diretora Wells achar um orfanato para mim, afinal eles nunca têm vagas.

Nossa, como eu iria sentir falta da Claire e da Kaleigh. Elas eram minhas irmãs, como eu poderia deixá-las para trás? Graças a Deus elas



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



havam conseguido escapar ontem à noite. E é claro que elas queriam se entregar para serem punidas também, mas eu não as deixei fazer isso. Como poderia? Eu que tinha apostado tudo no jogo, e, se não fosse pela minha incrível ideia, talvez nada disso tivesse acontecido. Mas eu não poderia voltar ao passado.

— April! Ah, você acordou — exclamou Claire, entrando no quarto e pulando em cima de mim.

— April, você quer nos matar do coração? A gente pensou que você tinha sido sequestrada ou coisa do tipo — disse Kaleigh, sentando-se em minha cama.

— Estou bem, gente. Eu acho — respondi. — Mas em algumas semanas serei transferida — contei, com um nó na garganta.

—O quê?! — As duas gritaram no mesmo instante.

— Olha, não quero falar sobre isso. Vai demorar ainda e, enquanto isso, nós temos que planejar a vingança contra a Angelique. Eu não vou sair daqui até fazer algo que sirva de lição pra ela.

Kaleigh e Claire se entreolharam por alguns instantes e, por fim, desistiram de perguntar sobre a expulsão.

— Vou ajudar com prazer — afirmou Kaleigh, sorrindo.

— Ótimo. Bem, agora se vocês me dão licença, irei tomar banho. A gente se encontra na mesa do café — disse, levantando-me e pegando uma muda de roupas.



— Ok — respondeu Claire.

Minhas pernas mal sustentavam meu corpo, era doloroso dar um simples passo, mas mesmo assim subi a escadaria e fui até o banheiro. Estava vazio. Deixei minhas roupas em cima de uma mesinha e liguei o chuveiro. A água estava congelando, então sai do boxe e fiquei esperando a temperatura aumentar

Fiquei em frente ao espelho e olhei para meu rosto. Meus olhos estavam pesados, inchados e abaixo deles haviam olheiras escuras e arroxeadas. Também tinha alguns hematomas no rosto, mas nada muito grave. O problema era meu cabelo, que estava em estado crítico. Completamente embaraçado e bagunçado.

Comecei a pensar em todas as coisas que tinha que fazer e resolver, e, subitamente, foi me dando muito sono. Meus olhos ficaram pesados e eu não conseguia mais sustentar meu corpo. Minhas pernas ficaram bambas, tudo girou e eu caí. Lembro-me de ter visto a água caindo nos azulejos do banheiro e depois tudo ficou preto.

Há cinco mil anos atrás, em Bubástis, no Antigo Egito, Bastet, uma deusa incrivelmente bonita e poderosa, se contemplava em um espelho emoldurado com ouro puro, enquanto penteava os lindos cabelos encaracolados. Seu olhar era colérico e amargo, por eles notava-se a infelicidade contida dentro dela. Algo simplesmente não estava certo.

Uma gata preta, usando uma coleira de ouro com um pingente em formato de meia lua, estava deitada na cama enorme, que era coberta com



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



lençóis de um tecido tão fino que chegava a brilhar. Em cima da cama, um véu suntuoso descansava. Bastet levantou-se da penteadeira e olhou uma réplica de seu corpo em uma estátua de dois metros de puro ouro, representando um gato. Ela vestia uma saia comprida, adornada com correntes de ouro e pedras preciosas. Sua barriga lisa e perfeitamente sarada, como a de uma verdadeira guerreira, ficava a mostra. Um top de seda nude também adornado de pedras cobria seu busto. Bastet voltou o olhar para o espelho, seus olhos azuis claros, num tom violeta, muito profundos e preocupados.

E, apesar da preocupação nos olhos, ela nunca havia se sentido tão bonita. E tão vazia.

Pelo reflexo no espelho, ela viu uma mulher entrar. Bastet sorriu e virou-se.

— Então, descobriu alguma coisa, Khepri? – perguntou.

Khepri vestia uma roupa muito inferior. Feita em algodão simples, sem nenhum enfeite. Ela era criada de Bastet. Mas entre as duas havia um vínculo mais profundo. Uma amizade verdadeira, uma fidelidade sem limites. Khepri era bonita, de uma beleza simples e autêntica. O cabelo preto escorria em cachos pelas suas costas, e seus olhos eram escuros como a noite.

— Sim, Bastet. Ele está vindo. Jantará com o seu pai e com Nuru — Khepri respondeu, enquanto colocava alguns enfeites nos cabelos de Bastet.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Ao escutar que ele viria, o coração de Bastet encheu-se de alegria. Depois de medo, pois Nuru, seu noivo, também viria. Não que ela o tivesse escolhido para ser seu noivo. Isso já estava decidido desde o dia em que nascera. Nuru era um homem ruim, ganancioso e — Bastet odiava admitir isso — bonito. Embora a beleza dele fosse encoberto por seus feitos maldosos.

O pai de Bastet, no entanto, discordava. Achava que os dois eram perfeitos um para o outro. “Os dois são bonitos e poderosos, juntos podem ser mais poderosos ainda era, o que ele sempre dizia. Bastet não queria isso. Nunca quis. Mas a Profecia dizia que ambos seriam venerados por toda a eternidade.

Bastet não se importava, ela trocava tudo isso só para tê-lo ao seu lado. Ammon. Era por ele que ela passava noites sem dormir era por ele que seu coração batia acelerado, era por ele que ela suportava Nuru. Ou fingia suportar:

—Ajude-me mais uma vez, querida amiga — Bastet pediu, virando-se para olhar nos olhos de Khepri. — Preciso vê-lo hoje. Senão irei morrer,

Khepri fechou os olhos e suspirou fundo.

— Se o seu pai suspeitar, se tiver ao menos uma suspeita... Vocês dois morrerão, sabe disso não é, Bastet? Eles arrancarão seus olhos e seus corações e depois irão mumificá-lo do pior jeito, fazendo-os sofrer por toda a eternidade.



Bastet sentou-se na cama, ao lado da gata preta, Stek. E, mais uma vez, pôs-se a devanear sobre o amor entre os dois. Era proibido. Eles poderiam acabar mortos. Mas valeria a pena, pensou Bastet. Porque ela morreria por Ammon. E Ammon morreria por ela.

— *Será que ela bateu a cabeça?*

— *Acho que ela desmaiou.*

— *Quietas, ela está acordando!*

Fui piscando meus olhos até conseguir abri-los completamente. Claire, Kaleigh, a diretora e Morgana estavam paradas na minha frente. Eu estava deitada em minha cama, um cobertor quente em cima de meu corpo.

— O que aconteceu? — perguntei, tentando me levantar.

— Shh, não se levante tão rápido — disse a diretora Wells, impedindo-me de levantar. Ela afofou o travesseiro atrás de mim e me obrigou a encostar a cabeça.

— Você desmaiou no banheiro, querida — Morgana explicou.

— Eu fui lá chamar você para ir tomar café da manhã e te encontrei no chão. Pensei que você estivesse morta — afirmou Claire, com um olhar assustado.

Caramba, eu tinha desmaiado? A única coisa de que me lembrava era que eu havia tido um sonho louco com uma mulher linda chamada Bastet.



Toda aquela cena parecia tão real, como se eu estivesse mesmo no Egito. Mas, graças a Deus, aquilo tudo fora um sonho.

— Por quanto tempo eu fiquei desmaiada?

— Por uns quarenta minutos — respondeu Kaleigh.

— Bem, já que você acordou, não há necessidade de chamarmos um médico — falou a diretora. — Você se sente bem?

— Sim, acho que só estava cansada demais – respondi, pegando um copo de água que estava ao lado da minha cama, numa mesinha.

— Ótimo. Se você já se sente bem, desça em trinta minutos para ajudar a Morgana a fazer o almoço. Ajudar a Morgana e mais outras coisinhas será seu castigo até eu achar um novo orfanato para você — vociferou a diretora Wells, com certo rancor.

Aparentemente, ela ainda estava uma fera pelo ocorrido da noite passada. Ela e Morgana deixaram o quarto e Kaleigh e Claire se sentaram na minha cama.

— Você está bem mesmo, April? Sua cara está péssima!

— Obrigada, Claire — ri. — Mas acho que estou bem, eu só tive um sonho ou uma visão muito estranha, quando estava desmaiada, como se eu fosse...

— Como se você fosse o que, April? – perguntou Kaleigh.

— Deixa pra lá. Só foi um sonho – respondi.



Levantei-me e calcei meus sapatos. Não queria ficar pensando naquele sonho meio estranho. Era melhor descer logo e ajudar Morgana.

Já havia terminado de ajudar Morgana a fazer o almoço. Descasquei batatas, fiz alguns molhos e gratinei algumas carnes. Fui saindo da cozinha para ir ao meu quarto, mas a diretora apareceu e disse que meu trabalho não estava acabado ainda, era por isso que estava do lado de fora, no jardim do orfanato, tirando as folhas caídas para deixar o jardim bonito. Ou pelo menos foi isso que a Wells disse. Eu já tinha enchido dois sacos e meio, e ainda tinha muitas folhas para tirar. Ótimo. Essa diretora estava me escravizando, só podia ser.

Enquanto varria, algumas meninas me olhavam pela janela. Claire e Kaleigh estavam entre elas. Elas haviam se oferecido para me ajudar, mas a diretora disse que eu podia dar conta. Claro.

Já passava das três horas e eu não tinha comido nada. Se continuasse assim, com certeza eu iria desmaiar de novo. Fui me abaixando e catando mais folhas secas. Senti algo passar por mim, e quando me virei vi que um gato preto me observava do outro lado. Como ele havia chegado lá tão rápido? E por que diabos, tantos gatos estavam me seguindo? Droga, eu estava começando a ficar assustada. Olhando melhor, percebi que o gato era muito similar ao gato que vi em meu sonho-visão. Estranho. Desviei meu olhar e continuei a catar as folhas.



Voltei meu olhar para a janela e vi que as meninas não estavam mais me encarando. Graças a Deus. Esse trabalho já era humilhante sem plateia, imagine com sete garotas rindo de você.

— Trabalho braçal é crime, você não sabia? — perguntou uma voz atrás de mim.

Virei-me e lá estava Ian.

— Ótimo, era só o que faltava para deixar meu dia perfeito — ironizei, largando o saco de folhas no chão e puxando Ian para os fundos do orfanato, onde não havia janelas.

— Nossa, você vive numa prisão ou o quê? — perguntou ele, olhando para os lados.

— Basicamente isso — falei, batendo uma mão na outra para a poeira sair.

Um silêncio incômodo pairou no ar e ficamos nos encarando.

— Então... O que você veio fazer aqui? — perguntei para quebrar o gelo.

— Aprilynne, hoje de manhã eu chamei a polícia — falou Ian, coçando a cabeça e me olhando com uma expressão séria.

— Eles tiraram a garota de lá? — perguntei, a imagem dela morta vindo em minha mente. — Quer dizer, coitada dela. Os pais dela devem... Ai que horror! Por que eu tive que encontrá-la? Por que justo eu?



— Esse é o problema. Não tinha nada no lago, April. E muito menos uma garota morta — respondeu ele, com um olhar desconfiado. Franz o cenho e perdi o ar. Como ela havia desaparecido de uma hora para outra?

— O quê? Mas ela estava lá! Eu a vi! — gritei.

Era impossível ela ter sumido.

— Olha, Aprilynne, pode ser que você tenha imaginado ou sonhado. Alguns de nossos sonhos são bem reais e...

— Não. Foi. Um. Sonho. Eu a vi! O cabelo dela era loiro e... - falei, tentando explicar a ele.

— Você nunca teve um sonho tão real que parecia que você estava lá, mas quando acordou você estava na sua cama? — indagou Ian.

Parei um pouco para pensar. Sim, o sonho com Bastet. Parecia bem real para mim.

— Sim, isso já aconteceu comigo. Mas eu juro que... — Deixei a frase pairar no ar. E então percebi que era uma perda de tempo. Esse era Ian Carmichael, pelo amor de Deus. O perfeito idiota. Ele jamais entenderia. — Quer saber? Deixa pra lá. Nem sei por que eu estou tentando me explicar para um tipinho como você. Eu sei o que eu vi e não me importo se você me acha louca, mas ela estava lá!

— Tipinho? Que tipinho? — ele cruzou os braços e semicerrou os olhos.



— Seu tipinho mimado e ridículo. Aliás, você e a sua namoradinha, ok?
— disse, os olhos fumegantes de raiva.

Ele deu uma risada irônica e disse:

— É, mas não se esqueça de que o meu tipinho — lembrou ele, fazendo aspas com os dedos — salvou a sua vida, ok? Você deveria ser mais agradecida. Caroline estava certa. Você é uma ingrata. Uma menina de rua que tem orgulho de não-sei-o-quê, já que você não tem nada. Simplesmente nada. Eu vou embora.

Um tapa na cara teria doído menos.

— É, acho melhor você ir mesmo. E fala pra sua namoradinha ir pro inferno! E você pode fazer um bem para humanidade e ir também! — gritei, dando as costas para ele.

Se ele me achava louca, o problema era dele. Eu é que não ficaria ali para ser insultada. Ian era um babaca sem caráter, e bem eu fazia em ficar longe dele.

E que tipo de policiais eram esses, que não conseguiam nem achar uma garota dentro de um lago? Eles não devem ter procurado direito ou alguém deve ter tirado aquela garota de lá. Ela não podia ter simplesmente desaparecido. Ou podia?

A lua se erguia no céu estrelado e, sentada no parapeito da janela mais uma vez, meu olhar instintivamente se esgueirava para a floresta. Eu não via



nada além de árvores densas e compridas, mas eu sabia que havia algo lá. Algo extremamente perigoso e mortal.

Estava sozinha no quarto. Kaleigh e Claire estavam jantando no refeitório; eu não sentia fome, logo não as acompanhei. Precisava de um espaço só meu, pois minha mente estava paranoica e confusa demais para sequer olhar para minhas companheiras de quarto e melhores amigas. Todos esses acontecimentos repentinos — desde a garota lá no lago até a visita de Ian dizendo que não havia garota alguma — haviam me deixado perplexa. Eu devia estar ficando louca. Quer dizer, até desmaiar no banheiro eu desmaiei, e isso significava que eu realmente estava com problemas sérios, ou, quem sabe, somente assustada. Não tinha certeza de nada.

— April, trouxemos comida para você! — gritou Claire entrando no quarto, segurando um prato de sopa.

Desci do parapeito e a agradei e, mesmo não estando com um pingote de fome, comecei a comer por educação. Não iria fazer desfeita. Por alguma obra do destino, a sopa estava decente — quase gostosa. Tinha pedaços de queijo e carne.

Kaleigh e Claire se entreolharam enquanto eu comia. Pude observar Kaleigh dando uma cotovelada em Claire. Coloquei o prato em cima da cama e disse:

— Ok, o que está havendo por aqui?

— N-nada — Claire gaguejou.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Arqueei a sobancelha e esperei pela resposta.

E esperei.

Esperei.

Até que Kaleigh finalmente respondeu.

— Ok, o negócio é que o Will viu você conversando com um garoto hoje de tarde enquanto você varria as folhas, então, na hora do jantar ele veio e sentou na nossa mesa, é claro que eu amei, e nós ficamos conversando muito, acho que realmente nós temos futuro e...

— Dá para ir direto ao ponto? — indaguei.

— Tá legal. Enquanto eu contava a ele sobre nossa experiência na floresta, ele me interrompeu e contou que viu você conversando com esse tal garoto. O negócio é o seguinte: quem é ele?

Se eu contasse quem ele era, teria de contar como o reencontrei e, se contasse a elas como o reencontrei, teria de contar a história toda da garota-loura-afogada-no-lado.

Ou seja: não iria acontecer. Sim, elas eram minhas melhores amigas, eram mais do que isso, eram tudo que eu tinha. Mas às vezes temos que esconder segredos das pessoas que mais amamos.

— Só um garoto perdido — menti.

— Um garoto perdido? — foi a vez da Claire se manifestar.

Dei de ombros e expliquei.



— É, vocês sabem. Ele veio pedir ajuda, pois não sabia onde estava. Então eu disse, ele me agradeceu e foi embora.

As duas se entreolharam de novo, aparentando não acreditar em uma palavra do que eu tinha dito. Sinto muito garotas, mas é o que tem pra hoje.

— Tem algo que você queira nos contar, Aprilynne? Porque se tiver, tudo bem, nós estamos prontas pra ouvir não é, Claire?

— É — respondeu Claire, aparentemente insegura.

Se havia algo que eu queria contar a elas? Ah, e como!

Há uma garota morta no lago, embora alguns policiais incompetentes não a tenham encontrado, e tem esse garoto que eu simplesmente odeio, lan, que salvou minha vida, mas continua sendo o maior babaca do mundo. E ainda me acha louca. Mas dizer tudo isso estava fora de questão. Portanto, apenas chacoalhei a cabeça negativamente.

— Não, não há nada que eu queira contar. Só estou um pouco cansada, só isso. — Desci da cama e saí do quarto com o prato na mão. O levaria até a cozinha, depois iria ao banheiro escovar meus dentes. E depois, com sorte, eu iria dormir. E dessa vez eu rezava para não sonhar com absolutamente nada.

Enquanto descia as escadas, que rangiam a cada passo que eu dava, pude escutar gritinhos animados das garotas que se encontravam na sala central do orfanato. Minha nossa, precisavam fazer tanto escândalo logo de manhã? Ao que parecia, a diretora estava contando alguma novidade a elas.



— Ai meu Deus, isso é ótimo! — exclamou Shannon, uma garota pestinha, batendo palmas.

As garotas não ficavam animadas desde a vez que a cozinheira tinha servido sorvete de sobremesa.

— Sim, pessoal. Foi com muito esforço, mas consegui fazer isso por vocês. E espero que todas aproveitem. E claro, quem desobedecer até o dia do passeio ficará de castigo e não poderá ir — dizia a diretora Wells.

— O que está acontecendo? — perguntei para uma das meninas mais novas.

— A diretora vai nos levar ao museu! Você pode acreditar? Nós quase nunca saímos. Isso é tão legal — respondeu ela, indo falar com outras amigas.

— April, isso é muito legal, né? — perguntou Kaleigh, vindo ao meu encontro.

— Uau, parece ser mesmo. Pena que não vou poder ir, estou de castigo, lembra?

— Só vamos daqui a algumas semanas. Até lá a Wells já vai ter esquecido. Pode ter certeza ela disse sorrindo.

— Assim espero. Bem, tenho que ir para a cozinha ajudar a fazer o almoço. A gente se vê depois — resmunguei desanimada, indo em direção a cozinha. Mas não consegui chegar nem à metade do caminho. Porque de repente tudo girou e o corredor do orfanato foi engolido pela escuridão.



Sentada a uma mesa enorme emoldurada de ouro puro, Bastet contemplava a multidão. Como de praxe, ela estava muito bem vestida. Não havia mulher mais bela do que Bastet naquele salão enorme.

O acontecimento da noite? Uma festa de noivado. Sua festa de noivado. Com Nuru. A mesa estava farta. Muito vinho, muito pão e muitas frutas. O salão do palácio estava cheio de convidados. Inclusive ele. Ammon, o verdadeiro amor de Bastet. Do outro lado do salão, com seus olhos tão azuis e tão intensos quanto o céu, ele a hipnotizava. E a jovem não era capaz de resistir. Havia algo tão belo e tão mágico naqueles olhos que a fazia querer mergulhar neles. Levemente, Ammon inclinou a cabeça e sorriu. Isso foi o bastante. Ela não precisou de um segundo convite. Não precisava de mais nada. Bastet esperou ele sair e o seguiu. Olhou para trás várias vezes para ver se não estava sendo seguida, e não havia ninguém. Ninguém humano, pelo menos.

Sua gata e fiel escudeira, Stek, andava silenciosamente ao seu lado. Seguia a sombra de Ammon, e ele andava rápido demais pelos corredores que levavam até a pirâmide. A lua cheia brilhava alta no céu. A única luz que os iluminava na escuridão, a esperança no final do túnel.

Após alguns segundos de caminhada, eles chegaram à pirâmide e dirigiram-se até o Lugar Sagrado, onde todos os ancestrais repousavam em um mausoléu ricamente enfeitado. Ali a tranquilidade pairava no ar. Bastet e Ammon sempre se encontravam nesse lugar quando queriam ficar sozinhos. Stek se sentou e ficou observando o que acontecia.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Ammon estava parado esperando a chegada de sua amada. Assim que o viu, Bastet apressou os passos e se jogou nos braços dele. Braços quentes, firmes e aconchegantes.

— Eu sinto muito. Sei o quanto isso deve ser doloroso para você, meu querido Ammon. Mas meu pai está me forçando a fazer isso, Nuru mexeu com a cabeça dele, fazendo-o cobiçar poder e luxo. Estou fadada a cumprir as ordens de meu pai. Nosso amor é proibido, mas é tão bom que chega a doer aqui dentro. — Ela colocou sua mão em seu coração e fechou os olhos.

Com sua mão livre, ele delineou a delicada face da moça.

— O que você está fazendo? — Bastet perguntou a ele e abriu os olhos.

— Desenhando carícias em você — disse, sorrindo. Ela sorriu também, contagiada por sua risada bela. — Eu vou falar com o seu pai. Irei fazê-lo mudar de ideia, você vai ver! Prometo-te! — jurou ele.

Bastet separou-se dele:

— Não prometa nada, Ammon. Nós não conseguiremos mudar a cabeça dele. Está um pouco tarde para isso, não está? Hoje é meu noivado, caso não tenha percebido.

Seu tom de voz havia sido rude, mas Bastet não pôde evitar. Estava com medo e muita raiva. Ela odiava Nuru com todas as forças, e estava começando a odiar o próprio pai também, por obrigá-la a desposar com um ser tão nojento. Entretanto, se Ammon notou algum ressentimento em sua



voz, fingiu não perceber, e sorriu. Ele caminhou lentamente até Bastet e a puxou para perto de seu corpo.

— Hum, devo ter notado que é seu noivado — sussurrou ele em seu ouvido, fazendo com que um arrepio percorresse seu corpo. — Mas Nuru nunca terá você. Pode ter seu corpo, mas sua alma está comigo.

— Sim — Bastet concordou, porque era a verdade mais pura. — E além da minha alma você também tem meu coração. Para sempre.

— Para todo o sempre. — Assim, grudou seus lábios nos dela. E ali permaneceram, até que foram interrompidos pelo miado agudo de Stek. Seus olhos estavam arregalados e seu pelo, eriçado.

Eles estão vindo, Stek sussurrou para Bastet.

— Tem gente vindo, Ammon. Vá, vá! – ordenou, enquanto ouvia passos. Ammon beijou sua mão e saiu pela passagem secreta da pirâmide.

Bastet pegou Stek no colo e a acariciou.

— Obrigada — sussurrou em sua orelhinha peluda.

Bastet tinha essa ligação com ela. E não só com ela, mas com todos os gatos. Ela os ouvia e eles a protegiam. Ou a avisavam quando alguém estava vindo, como Stek havia feito dessa vez. Se não fosse por ela ter avisado Bastet inúmeras vezes, Ammon e ela já estariam mumificados há muito tempo.

— Bastet? Bastet? — era a voz de seu pai. Ela se virou para trás e o fitou. — O que você faz aqui sozinha, Bastet?



Ela deu um sorriso dissimulado e respondeu com tranquilidade:

— Eu só queria respirar um pouco de ar sagrado, papai.

Ele franziu o cenho e coçou a barba escura.

— Ar sagrado? Bem, vamos voltar à festa. Nuru te dará um presente de noivado e, pelo que ouvi, é deslumbrante e único!

Suspirando fundo e fingindo entusiasmo, Bastet seguiu seu pai até o palácio. Mas antes de entrarem no salão, ela respirou fundo, tomou coragem e perguntou:

— E se... E se algo acontecer comigo? Não vou poder me desposar com Nuru, certo?

— Mas que história é essa, Bastet? Você e Nuru são o que Bubástis precisa. Depois de mortos, serão deuses que trarão bons presságios para nosso povo.

— Eu sei pai, mas...

— Mas nada! — vociferou, autoritário. — Chega dessa conversa. E não sei de onde você tira essas coisas. Nada vai acontecer com você, filha. Entre.

Mas, o que ele não sabia era que, em sua mente, Bastet já começava a bolar uma alternativa para escapar deste casamento arranjado. Ela sorriu triunfante enquanto os criados abriam as portas pesadas do salão. Todos aplaudiram enquanto ela caminhava na direção de seu noivo.



— Tenho um presente — disse ele, pegando em seu pulso e dando um beijo — um beijo frio, que a nauseou. Nuru a mandou fechar os olhos, e, após alguns segundos, ela sentiu uma coisa gelada e pesada se prender em seu pulso. — Pode abrir — disse ele.

Bastet abriu os olhos e viu um bracelete de ouro em seu pulso. Tinha um escorpião esculpido nele, em seus olhos duas enormes esmeraldas. Exagerado demais. Subitamente, Bastet levou a mão até o colar que Ammon havia dado a ela. Tinha um delicado pingente em formato de meia lua, a fase da lua em que eles se conheceram.

— Você gostou? — perguntou Nuru.

Bastet sorriu de um jeito frio — esse era o único sorriso que Nuru conhecia dela — e respondeu:

— Sim, é lindo. Obrigada, Nuru.

Ele levantou o braço dela e todos os convidados no salão puderam contemplar o presente. Houve muitas exclamações, mas para Bastet este bracelete não significou absolutamente nada.

Uma criada, mas não uma criada qualquer, e sim Khepri, passava com urna bandeja cheia de lindas taças de vinho. Bastet pegou uma, e Khepri a olhou solidariamente. Sim, ela entendia seu sofrimento.

Bastet tomou o vinho em um só gole e ele chegou em seu estômago ardendo como veneno. Mas nada tinha a ver com o vinho, e sim com o fato de que daqui a três dias ela estaria se casando com o homem errado. Um



homem que fazia tudo pelo poder. Um homem que fazia tudo para ter o que queria.

Inclusive matar.

— *Ela morreu?*

— *O que houve com ela?*

— *Viu, eu disse que ela era esquisita!*

Ouvi algumas vozes anasaladas. Depois, senti algo duro me espetando. Abri meus olhos e um círculo se fechava em minha volta. Olhares curiosos e assustados me observavam atentamente. Desde as crianças menores até os mais velhos. Droga, eu devo ter tido mais uma daquelas visões-desmaio. E agora tinha uma plateia para assistir. Sentei-me e tudo começou a rodar. Olhei para uma garotinha loira chamada Katie, ela segurava um graveto comprido, o que provavelmente foi o que me espetou antes. Novamente, Katie me cutucou, e várias garotinhas da mesma idade riram.

— Ai! — gritei. — Você se importa? — perguntei.

Qual era o problema dessa prole do demônio, afinal?

— Deem-me licença! Aprilynne, você está bem? — perguntou a diretora, se sentando no chão.

— O que você acha? — perguntei retoricamente. — Claro que não estou bem, está tudo girando e eu estou enjoada — respondi, sentindo um calafrio percorrer minha espinha. Meu estômago estava embrulhado, e eu



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



estava suando frio. — E essa coisinha não para de me cutucar — disse rancorosamente, arrancando o graveto com violência da mão da garota.

A diretora Wells me olhava com preocupação e, enquanto ela raciocinava sobre alguma coisa em relação ao meu segundo desmaio, pude ver Kaleigh e Claire entrando no corredor. A expressão em seus rostos era de choque. Mas eu estava bem. Quer dizer, mais ou menos.

— Estou preocupada com você, April. É o seu segundo desmaio em apenas dois dias. Acho melhor chamar um médico.

Ao ouvir a palavra “médico”, me levantei rapidamente. O que fez com que tudo começasse a rodar.

— Eu estou bem. Não preciso de nenhum médico, ok?

— Não, não está. Esses desmaios não são bom sinal — disse, pensativa.

— Olha, tenho certeza de que isso não vai acontecer de novo. Acho que desmaiei porque fiquei muito tempo sem comer – respondi, uma expressão despreocupada no rosto.

— Bem, então está certo. Vá para cozinha e peça para Morgana preparar algo para você comer. Mas se acontecer outro desmaio, serei obrigada a chamar um médico. Você entendeu? — ela me encarou severamente.

— Entendi. Tenho certeza de que isso não vai mais acontecer. Melhor ir falar com a Morgana. — Fiquei em pé e, felizmente, não tive tontura.



Kaleigh e Claire se entreolharam e se prepararam para vir falar comigo, mas pude ver a diretora Wells falando algo para elas, e elas hesitaram. Direcionei-me à cozinha e encontrei uma Morgana nada carrancuda e até simpática. Ela disse estar preocupada comigo, e que estava se sentindo culpada pelo que houve. Também disse que eu devia me alimentar melhor para que isso não voltasse a se repetir.

— Aqui? Acho difícil, Morgana. Você sabe que o cardápio daqui não é muito... nutritivo — respondi, sentando-me.

— Eu sei, mas não temos dinheiro para melhorar isso. Fazer o quê? Corta-me o coração ver vocês se alimentarem mal disse ela, me dando um prato — Prontinho. Bom apetite.

Vi que no prato que ela havia me entregado tinham panquecas e bolo, e o cheiro estava delicioso.

— O que é isso?

— Digamos que às vezes nós precisamos burlar as regras — murmurou, dando uma piscadinha.

Sorri para ela e comecei a comer. Deus. Acho que nunca tinha comido nada tão gostoso quanto isso. Eu não me importaria em desmaiar mais algumas vezes só para comer panquecas e bolos como estes.

Ela também havia me dado um copo de suco de laranja bem geladinho. Enquanto devorava minha panqueca, fiquei pensando em como as crianças



não-órfãs eram sortudas. Elas podiam comer a qualquer hora, qualquer comida.

— Não demore muito, nós temos trabalho a fazer, Aprilynne. – E a velha e mandona Morgana estava de volta. Mas tudo bem pra mim. Sabia que ela não era tão má quanto parecia.

Alguns feixes de luz atravessavam as persianas da janela e iluminavam a cozinha. Estava um dia perfeito lá fora, e eu presa aqui dentro. Cheguei mais perto da janela e me deparei com olhos profundos e verdes me encarando, dei um pulo para trás e coloquei a mão no coração. Estava disparado. Uma gata preta estava do lado de fora, observando-me. Malditos gatos! O que eles queriam de mim, afinal? Já não bastavam esses sonhos-visões malucos que estava tendo, agora eu tinha de aguentar um bando de gatos me seguindo?

A propósito, que visões eram essas em que eu via uma deusa egípcia? A verdade era que eu já estava começando a duvidar da minha própria sanidade.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Capítulo 7

Sarah Alexandra Ford

“Quem se arrepende de ter errado é quase inocente.”

Sêneca

— E um animal aquático! — gritei porque, bem, pelo menos era o que parecia.

Kaleigh bateu palmas e continuou a fazer sua imitação. O negócio é que, quase todo mês nós fazíamos um torneio de mímica no orfanato, e o grupo vencedor ganhava o privilégio de ver o que tinha nas caixas de doações primeiro, pegando as melhores coisas e deixando as sobras para o resto. Claro que era um jogo totalmente ilegal e era por isso que todos nós adorávamos brincar.

Praticamente todas as trinta crianças do orfanato participavam. No jogo de hoje eram seis grupos de cinco, e a Claire era a líder do nosso, que era formado por: Kaleigh, Will, Noah — o melhor amigo do Will, Claire e, é



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



claro, eu. Nosso maior adversário era o grupo da Angelique, porque o resto dos grupos era formado pelas proles demoníacas, ou seja, as crianças de até 10 anos do orfanato, que só sabiam gritar e encher o saco.

— É um camarão! — chutou Will.

No momento em que Will falou isso, todos do orfanato olharam para ele com uma expressão de que-merda-é-essa.

— Um camarão? — indaguei. — Mesmo?

Ok, Will podia até ser bonito, mas o que tinha de bonito tinha de burro.

— O tempo está acabando! — gritou Claire, vendo a areia da ampulheta cair rapidamente. O tempo estava mesmo acabando.

—Um peixe! Um golfinho! — Noah gritou.

Kaleigh fez não com a cabeça e começou a se arrastar na grama. Ainda bem que estava um lindo dia, e a grama estava seca. De repente, Kaleigh fez um barulho com a boca, saindo cuspe pra tudo quanto é lado. As crianças emitiram um som de “Eca”. Alguém tinha que avisar a Kaleigh que, se ela quisesse conquistar Will, precisava parar de fazer coisas tão.., não-femininas.

Mas, voltando ao jogo... Um animal aquático que cospe água. Mas se ele já está dentro da água, como é que vai cuspi-la? A não ser que... A não ser que esse animal vá para a superfície e espirre água lá. E o único animal possível só podia ser...



— Uma baleia! — gritei, enquanto via os últimos grãos de areia caindo. Bem a tempo!

— É isso aí! — Kaleigh disse, correndo em minha direção e me abraçando. — Graças a Deus, April! Pensei que ninguém fosse adivinhar, porque depois do que o Will disse...

Todos nós caímos na risada. Pude observar Angelique me olhando com uma expressão de raiva. Sinto muito, querida!

— Ok, próximo time! — gritou Claire.

E assim a tarde foi passando. O jardim era o lugar perfeito para brincar de mímica. Tinha flores, gravetos e várias outras coisas que, de certa forma, ajudavam a exemplificar nossa imitação. Nosso time estava com quatro pontos, pois não conseguimos adivinhar o que Claire estava imitando.

Era a rodada de comida, e sabe Deus como, ela tentou dizer, por meio de mímica — uma muito mal feita, diga-se de passagem —, que era uma maçã. Tudo bem, afinal nosso time estava ganhando.

O time da Angelique estava atrás, com três pontos, seguido pelo das crianças de 12 anos, com dois pontos. A prole demoníaca estava empatada, com dois pontos também. O último grupo, das pessoas que sobraram, estava com zero, já que só tinha gente tímida e perturbada, como o garoto que arrancava os cabelos e os comia. Quando íamos começar a última rodada, de atrizes e atores famosos, a diretora Wells chegou.

— Aprilynne, você pode vir aqui, por favor? — ela pediu.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Ih se ferrou, garota problema — riu Shannon, o diabinho louro do orfanato.

Caminhei até a diretora Wells, enquanto o pessoal me esperava para continuar o jogo.

— E aí? — quis saber.

Ela semicerrou os olhos e disse:

— Acompanhe-me até a diretoria, por favor.

— Agora? — perguntei. Eu não podia sair no meio do jogo. Não quando tudo estava indo tão bem.

— Não, mês que vem — ironizou. — É claro que é agora.

— Que droga — soltei, mas imediatamente me arrependi, pois a diretora me lançou um olhar frio.

— Cuidado com esse linguajar, mocinha, temos crianças nesse orfanato — advertiu-me.

— Ok, perdão. Espera só um pouco.

Corri até o pessoal e disse que teria que ir até a sala da Wells. Eu concordei em eles irem jogando, pois precisávamos terminar antes de anoitecer, e já se passava das seis. Depois de avisá-los, fui até a diretora e juntas caminhamos até a diretoria.

Assim que chegamos lá, ela pediu para eu me sentar e escutar atentamente o que ela tinha a dizer. Sentei-me e tentei prestar atenção, mas



era difícil. A diretoria era o lugar mais legal de todo o orfanato. Tinha janelas enormes, com grandes cortinas vermelhas. O lugar, por incrível que pareça, era aconchegante. Uma lareira se encontrava na parede esquerda e uma cabeça de javali ficava em cima dela. A sala também era cheia de tapetes e quadros. Um grande armário de ferro com gavetas, que continha as fichas dos alunos, ficava atrás da mesa de madeira da diretora.

Enquanto ela murmurava alguma coisa sobre orfanatos, eu acenava com a cabeça, fingindo entender o que ela dizia.

— ... e o macaco comeu banana, depois vomitou tudo — vociferou a Wells.

— Claro, entendo — falei, sem nem escutar o que ela dizia.

— Aprilynne Hills! – ela gritou. – Você ouviu o que eu disse?

— Sim — menti. Ela arqueou a sobrancelha, aparentemente não acreditando em mim.

— Eu acabei de falar que um macaco comeu banana e vomitou. Dá para ver que, nem mesmo quando eu falo bobagens, você presta atenção — repreendeu-me. — É pedir muito para que me escute por apenas alguns minutos?

— Não. Desculpe, pode continuar — pedi.

— Ótimo — disse ela. — Achei um lugar novo para você morar até completar dezoito anos. Fica em outra cidade, no norte do país. Não é um lugar tão... decente quanto aqui, mas você irá se acostumar. Lá eles lhe



ensinarão a ficar na linha, e se não ficar... Bem, receio que eles tenham seus meios de persuasão. Você parte daqui a duas semanas. É tempo suficiente para se despedir de todos os seus amigos. É duro, mas, como eu disse, você irá se acostumar — disse ela, cruzando as mãos.

— Mas... já? — perguntei, sentindo minha boca ficar seca. Não podia ser! Só duas semanas? Então era isso? Daqui duas semanas eu iria me separar para sempre de Kaleigh e Claire. Não, não! Elas eram tudo que eu tinha. Se eu não as tiver ao meu lado, então não terei mais nada. Simplesmente nada. Só o vazio. Só o eco de uma vida passada, em que eu tinha duas melhores amigas que eram minha única família.

— Não, não, não! Por favor, não me mande pra lá! Deixe-me ficar aqui, eu prometo cozinhar, limpar, faço tudo o que a senhora quiser! Por favor, senhora Wells! Não faça isso comigo, elas são tudo que eu tenho — implorei, me ajoelhando no chão.

— Levante-se, Aprilynne. Seus showzinhos não vão mais adiantar. Você escolheu isso. Por ser imprudente e rebelde, desobedecendo às normas do orfanato. Nada do que você disser vai mudar o fato de que você estará partindo daqui duas semanas. Sugiro que gaste sua energia aproveitando o seu tempo com as suas amigas, e não implorando por redenção. Agora vá. Eu tenho mais o que fazer — disse ela, acabando com todas as minhas esperanças.

Levantei-me do chão e saí da diretoria sem nem sequer olhar para trás. Lágrimas de desespero escorriam pelo meu rosto, e eu me senti mais triste do



que nunca. Duas semanas. Daqui duas semanas eu nunca mais iria ver minhas melhores amigas.

Minha vida se tornaria uma porcaria. E isso era um fato científico.

— Nós ganhamos, April! Ganhamos! Parte 1 da vingança concluída! — exclamou Claire, me abraçando. Abracei-a com toda a força que tinha. Quem sabe, esse poderia ser um dos nossos últimos abraços.

Antes de descer e continuar a jogar mímica, passei no banheiro e fiquei lá por um tempo, esperando que os soluços cessassem. Por que eu fui tão imprudente? Por que simplesmente não segui as regras e fui uma boa menina? Agora, como punição, eu teria de partir para sempre. Para um lugar desconhecido e, provavelmente, pior do que esse orfanato. Se eu já passava um pouco de fome aqui no Joy Lenz, imagine neste outro.

— Isso é ótimo — eu disse a ela. — Quais foram os artistas do nosso grupo? — quis saber. Qualquer coisa para distrair a cabeça.

Enquanto ela me contava cada detalhe da rodada, eu olhava para as árvores mais distantes, imaginando o que estaria acontecendo na floresta agora. O sol já havia se posto e o tom arroxeadado do céu anunciava o chegar da noite.

As crianças menores já haviam entrado. Will e Kaleigh estavam conversando do outro lado do jardim e Kaleigh parecia feliz. Bem, pelo menos ela e Will formavam um casal bonito.

— ... e foi assim que vencemos — concluiu Claire.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Bem, foi muito merecido — eu disse sorrindo.

Conversamos por mais algum tempo e Claire resolveu ir tomar banho, me deixando ali sozinha. O céu estava lindíssimo, era dia de lua minguante. Desviei o olhar do céu assim que ouvi um farfalhar nos arbustos ao meu lado. Era só o que faltava. Mais um gato? Pelo amor de Deus.

Esperei por alguns segundos, mas não ouvi nada. Deveria ser só o vento. Mas não era.

Descobri isso no instante em que uma mão tapou minha boca e me levou para dentro dos arbustos. Eu me debatia com força, tentando me soltar, o que estava acontecendo? Quem, em sã consciência, iria sequestrar uma órfã sem dinheiro algum?

— Quieta. Vou te soltar, mas não grite, ok? — uma voz masculina e aveludada pediu. Assim que ele me soltou, virei e eu iria começar a correr, mas ele me segurou. — Calma, Aprilynne — sussurrou ele.

Assim que ele disse meu nome, reconheci a voz. Ian.

— Ian! — soltei-me e dei um tapa no ombro dele. — Quer me matar de susto?

— Desculpa — pediu ele.

— Desculpas pelo quê? Pelo fato de você tapar a minha boca, me jogar dentro de um arbusto e insinuar que eu sou louca ou pelo fato de me chamar de menina de rua? — perguntei, cruzando os braços.



— Eu não viria aqui se não fosse realmente importante — ele disse, olhando diretamente em meus olhos. Estava excepcionalmente bem vestido. Usava um smoking e uma gravata borboleta. Que garoto estranho. — Olha, é sobre aquilo que aconteceu no outro dia, quando eu vim aqui. Eu te devo desculpas. Por tudo. Deveria ter acreditado em você.

Ok, alguma coisa muito estranha estava acontecendo aqui. Desde quando Ian Carmichael se desculpava com as pessoas? Ele se sentou na grama e pediu para eu me sentar. Estávamos em um espaço pequeno para dois, tão pequeno que podia sentir sua respiração contra meu rosto. Arbustos de todos os tamanhos estavam ao nosso redor, nos escondendo das pessoas do orfanato. Eu continuei a encará-lo, fuzilando-o com o olhar.

— Eu sinto muito, ok? — pediu novamente – Mas eu não vim aqui só pra te pedir desculpas. Eu vim porque uma coisa aconteceu, uma coisa muito estranha. Vai me ouvir ou vai continuar a se comportar como uma criança?

— Tudo bem — falei, fazendo sinal para que ele prosseguisse — Estou te ouvindo.

— Ótimo. O negócio é que eu... eu vi a garota morta também, Aprilynne. Você não é doida — confessou, os olhos firmes em meu rosto.

Arregalei os olhos. Como ele poderia ter visto? A não ser que... Ele entrou no lago!

— Você entrou no lago? — indaguei.



— Sim — respondeu. — A dúvida estava me matando. Fui ontem, já que estava calor, e a vi. Tem uma garota lá! Uma garota morta — ele disse.

— Arrá! Eu te disse, mas você não acreditou em mim. Admita, eu estava certa e você estava errado! — falei, sorrindo triunfante. — Você está sentindo isso? Está? Não, né? Sabe o que é? É o gostinho da vitória.

— Tudo bem, eu admito, você estava certa. Está feliz? — admitiu, revirando os olhos.

— Muito. Mas, voltando ao assunto, como é que os policiais não acharam nada? Eles são cegos? Por que só nós dois a vimos?

Ele pensou por um minuto e depois respondeu:

— Porque ela é um espírito e nós podemos ver gente morta — disse rindo.

Cruzei os braços e semicerrei os olhos.

— Eu estou falando sério, Ian. Isso é muito estranho.

De repente, uma música começou a tocar. Ian tirou um pequeno celular do bolso e atendeu. Se não fosse pela luz da lua, eu não veria seu rosto. Seus cabelos estavam arrumados e seus olhos, cor de âmbar, mais claros do que nunca. Eu tentava não prestar atenção na conversa dele ao telefone, mas não pude evitar. Pelo visto, ele estava a caminho de uma festa, e estava atrasado. Depois de conversar mais um pouco, ele desligou o telefone.



— Eu estou atrasado. Só passei aqui para te contar isso — explicou ele, se levantando.

— Tudo bem, e o que vamos fazer sobre isso? — perguntei, me levantando também.

Ele guardou o telefone no bolso e respondeu:

— Eu irei fazer algumas pesquisas. Descobrir quem é ela. Ah, e vamos manter isso entre nós dois, ok?

— Ok — respondi. — Melhor não falar para ninguém, porque alguém pode nos chamar de doidos. Bem, vá logo, se não você irá se atrasar para sua festa super importante.

Ele inclinou o rosto e franziu o cenho. Gesticulei e apontei para seu smoking.

— Ah, isso? — disse ele, tocando sua roupa. — Não é nada, só um baile idiota da minha escola.

Um baile de escola! Quão maneiro é isso? Música, comida, bebida, gente dançando... seria tudo que eu sempre sonhei. Nunca tinha ido a um baile antes. Vestidos, maquiagens, saltos... Um sonho.

— Eu... eu nunca fui a um baile — confessei, envergonhada.

— Jura? E os que tinham na escola? — perguntou ele.



— Não era permitido. Regras do orfanato — respondi, me lembrando daquela época. Mesmo tendo de seguir mais regras do que agora eu era feliz e não sabia.

— Fuja qualquer dia desses e vá. O primeiro baile é sempre o mais divertido.

— Não posso. Já estou bem encrocada. Imagina se eu fugir. De novo.

Ele deu risada e coçou o queixo.

— Hum, então você continua sendo do tipo menina-problema? — perguntou com um ar maroto.

— Pode se dizer que sim — respondi, sorrindo também.

O celular voltou a tocar,

— Tenho que ir. A gente se vê, ok?

— Ok. Oh, mande lembranças para Caroline, aposto que ela vai adorar ter notícias minhas — disse, enquanto ele saía pelos arbustos. Pude ver que ele riu e balançou a cabeça.

Imaginei o que Angelique faria se soubesse que eu estava dentro de um arbusto espremida com um menino.

Sim, eu era mesmo uma garota-problema,



— April? Você esta aí? — Escutei Kaleigh chamando meu nome. Sai dos arbustos rapidamente, fazendo os galhos arranharem minha perna.

—Oi, estou aqui. Eu só estava...

— Eu escutei vozes. Com quem você estava falando? – perguntou ela, me olhando com uma expressão confusa.

Aparentemente Will já havia entrado no orfanato, porque somente Kaleigh e eu estávamos no jardim.

— Eu? Só estava falando sozinha, você sabe. Faz bem falar sozinha, ajuda a... limpar a mente — inventei qualquer desculpa que me veio à cabeça.

— Então tá — ela me encarou descrente. — E aí, o que a diretora queria? —perguntou, mudando de assunto, mas percebi por seu olhar que ela já sabia a resposta.

— Só tenho mais duas semanas — disse, tentando parecer animada.

Kaleigh arregalou os olhos e balançou a cabeça.

— Não, April! Eu sei que nós vamos achar um jeito, você vai ficar aqui! Eu prometo que...

— Não prometa o que você não pode cumprir, amiga. Ambas sabemos que a Wells não vai mudar de ideia — afirmei tristemente.

Ela me olhou de um jeito que me apertou o coração. Queria falar que tudo ficaria bem, e que nós ainda poderíamos nos comunicar. Mas não



queria me iludir, algo em minha mente gritava que esse novo orfanato seria um terror. Eu não iria ter nenhuma amiga, meu quarto seria escuro e minha cama, desconfortável. Minhas refeições seriam uma gosma nojenta e eu sofreria mais ainda com a minha solidão. Nunca pensei que diria isso, mas eu iria sentir muita falta daqui. Sentiria falta de Claire, Kaleigh, as noites de pôquer, as brincadeiras, as conversas e até das crianças irritantes. Até mesmo das implicâncias com a Angelique. Meu Deus. O caso era mesmo grave. É como dizem, só damos valor ao que temos quando perdemos.

Fiquei admirando o jardim enquanto deixava minha mente viajar. O céu já estava bem escuro e nuvens haviam aparecido. Já podia sentir o vento gelado me atingindo; as folhas das árvores balançavam fortemente,

Queria que algo acontecesse para eu não ter de ir. Será que era pedir demais? Respirei fundo, abracei Kaleigh e entramos juntas no orfanato.

No momento que entrei, já pude sentir o cheiro do jantar. Estranho, era um cheiro bom. O cheiro do jantar nunca era bom.

— Kaleigh, Aprilynne, que bom que decidiram se juntar a nós. Sentem-se, tenho um anúncio a fazer — disse a diretora Wells.

Assentimos e sentamo-nos à mesa com Claire.

— Então, eu estava dizendo que o nosso misterioso colaborador decidiu enviar mais dinheiro ao orfanato. Ele disse que queria que todos vocês pudessem ter ao menos uma boa alimentação e uma boa educação. De agora em diante, vocês terão uma alimentação saudável e muito nutritiva. Ele



também doou muitos livros, e material escolar — falou, completamente orgulhosa.

Inacreditável. Quando eu estava prestes a ir embora as coisas boas aconteciam.

—Ah, claro. Depois do delicioso jantar que Morgana nos preparou, quero que todos se dirijam à sala abandonada. Morgana, Montgomery e eu fizemos algumas mudanças enquanto vocês estavam lá fora. Isso é ótimo, não é? Bem, isso é tudo. Bom apetite a todos! — exclamou, se sentando e começando a comer.

A sala abandonada era um lugar feio, sujo e escuro. Era usada como depósito de coisas velhas ou estragadas. Realmente não sabia o que elas tinham feito com aquele lugar, mas qualquer mudança era melhor do que nada.

O salão de jantar estava mais barulhento do que nunca. Todos estavam contentes com as ótimas mudanças no orfanato. Menos eu.

Meu cérebro me enviava mensagens para parar de comer. Mas eu tinha que aproveitar muito bem esse jantar, pois em duas semanas tudo isso acabaria. Morgana havia feito suco de melancia, salada, peixe assado com batatas e uma macarronada com molho branco. Delicioso. Quase todos já tinham terminado de jantar, só alguns famintos — como eu — continuavam a comer. Dei mais uma garfada e quando meu estômago redamou, vi que era hora de parar.



A diretora tinha se levantado e feito sinal para que a seguissemos. Subimos as escadas ansiosas e rapidamente. Todos queriam ver a grande surpresa na sala, que ficava no quinto e último andar. Passamos pelo segundo e terceiro andar, que era onde os dormitórios ficavam. Claro que o segundo era destinado aos meninos e o terceiro era destinado às meninas. A decoração era quase a mesma. Quadros antigos de paisagens, vasos de flores, tapetes e alguns desenhos das crianças nas paredes.

Já no quarto andar ficavam o aposento da diretora Wells, o de Morgana, da Montgomery e o escritório. O quarto andar era o mais assustador do orfanato. A decoração me dava arrepios. Fotos de pessoas estranhas estavam penduradas nas paredes. Fotos que pareciam nos observar. Além dos quadros, tapetes coloridos e mofados forravam o chão e cortinas cor de vômito gigantes cobriam as janelas. A diretora deveria reformar o andar dela antes de cogitar reformar outro cômodo. Sério.

Finalmente chegamos ao quinto andar. Os banheiros, as salas de aula e a sala abandonada se encontravam aqui.

— Bom, sem mais delongas eu lhes apresento a sala abandonada. Ou melhor, a nossa biblioteca — exclamou Wells, abrindo a porta.

Todos ficaram fascinados com o que viram, inclusive eu. A sala não era velha, nem fedida, muito menos suja. A sala tinha se tornado um lugar bonito e convidativo para passar o tempo. Havia sofás, mesas de estudos, e uma enorme estante cheia de livros novos. Também tinha um balcão cheio de revistas, jornais e outros materiais de leitura.



As crianças mal entraram e já estavam sentadas nas mesinhas brincando com o que podiam alcançar. Era possível ouvir cochichos e exclamações de todos. Claire correu para a estante de livros, e começou a examinar as lombadas, encantada. Kaleigh estava parada ao meu lado, obviamente impressionada demais para tomar qualquer atitude.

— Espero que tenham gostado dessa surpresa. E quero que todos leiam um livro por semana, pelo menos. Vocês vão adorar os livros que nosso colaborador escolheu para o orfanato. Aproveitem — ela disse, muito satisfeita com seu trabalho. Então, saiu da biblioteca e nos deixou sozinhos.

— Está linda, né? — perguntou Kaleigh, sorrindo.

— Muito — respondi, pegando o braço dela — Vamos logo pegar algo!

Passávamos dia e noite na biblioteca. Fazíamos nossas refeições correndo e fugíamos para lá. Todos estavam tão empolgados com o lugar que nem nos lembrávamos dos problemas.

Lá tinha um cheiro tão bom, cheiro de livros novos, de magia, de conhecimento. Era aconchegante, eu nunca havia me sentido tão em casa. Pela primeira vez na vida, senti que pertencia a algum lugar. Em uma semana, eu já havia lido três livros — Coração de Tinta, A menina que roubava livros e O menino do pijama listrado. Eles eram fantásticos, foi difícil dizer de qual eu gostei mais. Claire estava devorando todos os romances de Jane Austen, ao passo que Kaleigh devorava Harry Potter.



Parecia que todos nós havíamos sido apresentados a um mundo completamente novo: o mundo dos livros, onde sonhar é possível, onde todos os problemas sumiam e podíamos mergulhar em uma história completamente nova quando quiséssemos. A diretora Wells não poderia estar mais contente. Dava gosto de ver o sorriso dela, e, por incrível que pareça, até Angelique havia tomado gosto pela leitura. A biblioteca cheia era a coisa mais linda de se ver. E até tinham comprado alguns computadores com acesso à Internet. Algo que nós jamais havíamos sonhado de repente aconteceu.

Foi no primeiro dia da última semana em que eu tive uma ideia. Como Ian não havia voltado com respostas para nossas dúvidas quanto à garota afogada, eu resolvi fazer algo. Ou melhor, pesquisar algo. Não podia depender dele. Naquele dia, acordei bem cedo. O céu ainda estava escuro, e as crianças, dormindo. Como a diretora havia nos ensinado a mexer nos computadores, liguei um e aguardei. Quando ele finalmente ligou, cliquei na Internet e fui a um site de pesquisas. A primeira coisa que me veio à cabeça foi digitar “garotas afogadas em Moonville”. Apertei ENTER e a página se encheu de resultados, mas nada do que eu procurava. Tentei outras palavras chaves, e choviam notícias de moças assassinadas e esquartejadas, mas nada de afogadas.

Depois de um tempo pensando, digitei “garotas desaparecidas em Moonville”. Fiquei mais de uma hora vendo todos os resultados, todos inúteis. Então, como última tentativa digitei “garota loira de 17 anos desaparecida em Moonville”, já que a garota do lago não poderia ter mais de 17, pois



parecia ser muito jovem. Vários resultados apareceram de vários jornais locais, entretanto, um especificamente me chamou a atenção. Era do arquivo do jornal “O Principal”. Dizia o seguinte:

Busca da jovem de 17 anos desaparecida em 13 de Janeiro de 1980 é dada como encerrada.

A busca por Sarah Alexandra Ford, de 17 anos, desaparecida em 13 de Janeiro de 1980, se encerrou hoje, 19 de Agosto de 1983. A jovem não foi vista desde que saiu para caminhar sozinha, perto da floresta da Avenida 38. Segundo os pais, Sarah estava estranhamente perturbada nos dias anteriores ao desaparecimento, apresentando uma profunda irritação e comportamentos diferentes. A última pessoa a vê-la foi sua melhor amiga, Elizabeth Cooper. Logo depois do desaparecimento de Sarah, Elizabeth se internou no hospício Saint Lucas, e até hoje lá permanece. A polícia não conseguiu arranjar provas contra Elizabeth, nem contra o namorado de Sarah, Brian Atwood. A polícia também não arranhou nenhuma prova de que Sarah estava realmente na floresta, pois não havia nenhum indício. Desejamos a família de Sarah força e fé para seguirem com a vida.

Matéria publicada no dia 19 de Agosto de 1983, jornal “O Principal”, por Emity Smith.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Nota: Todos os textos aqui são de arquivo do jornal “O Principal” todos os direitos reservados.

Embaixo do texto havia uma foto em preto e branco da Sarah Ford. A semelhança era inacreditável. Com toda a certeza, Sarah era a garota afogada no lago. Por algum motivo, senti um calafrio percorrer meu corpo. Havia algo muito errado com esse desaparecimento. Como a polícia não procurou dentro do lago? E, por que, mais uma vez, a polícia afirmou não haver ninguém no lago, quando lan e eu vimos com nossos próprios olhos? E por que a sua melhor amiga foi internada num hospício logo depois do ocorrido? Algo fedia. E não era o mingau da Morgana.

— Está tudo bem com você, April? Você está pálida — ouvi a voz de Claire. Rapidamente, fechei a página da internet e me virei para ela.

Só sorri e chacoalhei a cabeça. A notícia do desaparecimento de Sarah havia me deixado transtornada. Eu não sabia o motivo, mas não tive coragem de contar a ninguém no que eu estava me envolvendo. Havia muita coisa para descobrir, mas o tempo não era favorável. Daqui a seis dias, eu estaria partindo para o novo orfanato, para uma nova vida.

— Vamos até o jardim, o pessoal está brincando — disse ela, puxando meu braço.

— Ok — concordei me levantando da cadeira.

O pessoal do orfanato estava no jardim, em fila indiana. Fiquei observando por um tempo e só depois vi Katie na parede, de olhos fechados.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Um, dois, três, bate na parede! — gritou ela, dando três tapas na parede. Quando Katie disse isso, todos da fila avançaram um passo.

Ah, claro. Como eu poderia me esquecer dessa brincadeira? Claire e eu nos juntamos à fila para participar também. Conforme Katie ia repetindo a frase, nós avançávamos um pouco. Will foi o primeiro a tocar na parede e, então, Katie começou a correr atrás dele para tentar pegá-lo. Era um passatempo simples, mas muito divertido,

Passamos um bom tempo no jardim. Olhei para o céu, e o sol estava a pino. Meu estômago já roncava de fome, mas o almoço no orfanato era sempre à uma hora, então eu teria de esperar um pouco.

— April, sua vez de buscar a bola — disse Kaleigh, apontando para os arbustos.

Estávamos jogando um vôlei improvisado agora. Claire e eu estávamos no mesmo time, e jogávamos contra Will e Kaleigh. Novidade. Claro que o nosso time estava ganhando. Kaleigh era péssima em esportes, e era a sétima vez que a bola caía nos arbustos. Fui até lá e me abaixei para entrar nos arbustos.

— Droga! — exclamei, esfregando meus joelhos.

Eu os havia arranhado. De novo. Os da vez passada (com Ian me arrastando pra dentro dos arbustos) nem tinham sarado ainda, e eu já tinha novos machucados.

Ótimo.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Mexi nos galhos, tentando achar a bola. No início não a vi. Nem ele. Mas depois escutei o barulho da bola quicando no chão. Ele estava aqui. Nos arbustos. De volta.

— Você não tem mesmo o que fazer, não é? — perguntei, tentando roubar a bola dele.

Tentativa ineficaz.

— Na verdade, não — falou, esboçando um sorriso e girando a bola em seus dedos. — Jogo acirrado, né?

— Oh, desculpe se não temos professores de educação física para nos ensinar a jogar bola. Devolve-me, tenho que voltar pra lá — pedi, esticando a mão para pegar a bola.

— Tudo bem. Quero conversar sobre a garota. Vamos almoçar — lan disse, me dando a bola.

— Oi, acorda. Você sabe que eu não posso sair daqui, lan. Já estou com problemas o suficiente.

— Não pode sair? Então o que você estava fazendo no lago? — indagou ele, arqueando a sobrancelha.

— Bem, aquela vez foi... uma exceção — respondi, me virando para ir embora,

— Espera, April. Você me deve uma. Eu salvei sua vida. E não consigo parar de pensar naquela garota. Preciso conversar com alguém sobre isso,



senão vou enlouquecer. Eu sei que você também pensa nela — murmurou, com seus olhos cor de âmbar penetrantes.

Droga, eu também precisava conversar com alguém sobre a garota. E tinha de contar a ele sobre a reportagem que vi na Internet. Analisei minha situação no momento. Eu já estava indo embora mesmo. Mesmo que descobrissem que eu havia fugido para um almoço, duvido que se importassem com uma punição. O pior que podia acontecer já tinha acontecido.

— Tudo bem. Espere aqui. Volto em dez minutos – respondi, saindo apressada.

— Nossa, onde você estava? Foi fabricar a bola? — perguntou Kaleigh, impaciente.

Joguei a bola para Will e chamei Claire e Kaleigh em um canto.

— Preciso de um favor — pedi, enquanto alisava meu cabelo, ligeiramente nervosa.

— Claro. O que você quer? — perguntou Claire, curiosa.

— Vou sair durante uns quarenta minutos. Preciso que vocês me deem cobertura. Vocês podem fazer isso por mim? — perguntei, tirando meu casaco velho e entregando a Kaleigh. Dei uma olhada rápida em minhas roupas e, graças a Deus, eu estava decente para deixar o orfanato.

— Com certeza, mas aonde você vai, April? — quis saber Kaleigh.



— Preciso que vocês confiem em mim, gente. Um dia, quando for conveniente, eu contarei, certo?

Claire e Kaleigh trocaram olhares, mas concordaram rapidamente.

— Mas, Aprilynne, e se a diretora descobrir? — indagou Claire, com medo. Algumas coisas nunca mudam.

— Bom, acho que não tenho nada a perder. Não mais.



Capítulo 8

Obtendo Respostas

“Caminhando passo a passo sobre um mapa desenhado pelas minhas próprias fantasias, em um desejo sonâmbulo de viver sonhando.”

Christopher Von Uckermann — Vivir Sofiando

— Vamos querer dois hambúrgueres, dois milk-shakes de chocolate e uma porção de fritas — disse Ian, devolvendo o cardápio à garçonete.

A garçonete sorriu, pegou os cardápios e saiu. O lugar que Ian tinha me levado era bem legal. Uma dessas lanchonetes estilo anos sessenta. A lanchonete estava vazia, e não era muito longe do orfanato.

Tinha até um jukebox, que tocava uma música de rock muito legal. Percebi que Ian estava cantando a música, então perguntei:

— Você conhece essa música?

— Se eu conheço? Eu amo essa música. É Cherry Pie da banda Warrant. — ele disse, cantando o refrão. — Você gosta?

— Achei muito divertida.



Nota mental: Conhecer mais bandas de rock.

— Hum, então, como estava o baile? — perguntei.

O cheiro de comida era simplesmente delicioso, não conseguia parar de me sentir feliz. Por causa de comida. Desesperador, eu sei.

Fiquei encarando Ian, esperando uma resposta e... nossa. Ele tinha mudado muito. Quando estudávamos juntos, ele era mais magro e seu corte de cabelo era... medonho. Ian colocou as mãos atrás da cabeça, e eu pude ver seus músculos se apertando dentro da camiseta justa. Ele deveria gastar horas malhando. Desviei o olhar, corando, e comecei a brincar com o saleiro da mesa.

— Normal, nada de novo. Bebidas, gente dançando música brega, blá, blá, hlá.

— Isso soou meio entediante — eu disse, percebendo o tom baixo de sua voz.

— É só a mesma coisa sempre, entende? Como um redemoinho sem fim. Garotas com salto alto tentando chamar a atenção dos garotos, garotos de terno se achando o máximo tentando chamar a atenção das garotas. Nada demais.

Derrubei o saleiro na mesa e, quando fui levá-lo para voltar a brincar, Ian me impediu pegando-o. Tirei as mãos da mesa e as coloquei no colo. Por algum motivo eu estava mais inquieta que o normal.



— Então, Caroline gostou de ter notícias minhas? — perguntei, arqueando a sobrancelha.

— Eu não sei. Não a vejo muito. Não estamos mais namorando — respondeu lan, sorrindo.

— E por que você não me disse nada? Você deveria ter me interrompido quando eu falei nela. Por que vocês terminaram?

— Tudo bem, não tem problema. Nós terminamos numa boa. Queríamos coisas diferentes, nós estávamos diferentes. E... só não pareceu certo continuarmos juntos.

Depois da resposta de lan, a garçonete chegou com os nossos pratos e começamos a comer. É bem como ele havia dito no carro, enquanto me levava para a lanchonete. “O melhor hambúrguer e o melhor milk-shake da cidade”. E, após ter experimentado, eu podia concordar com ele. Completamente.

Depois que terminamos de comer, lan começou a me perguntar sobre a garota no lago. Eu disse a ele tudo que sabia.

— Então ela se chama Sarah, e estava agindo de um modo estranho nos últimos dias. E a melhor amiga dela se internou após o desaparecimento dela. E nada do namorado dela, certo? Bem, isso é realmente estranho. Como a polícia pôde fechar o caso sem nenhuma resposta?

— Bem, eles não a acharam no lago quando você os avisou, acharam?

— Peguei o milk-shake e comecei a beber.



— Não — Ian disse, — Mas talvez eles estivessem cegos no dia. Ou com algum tipo de doença, como a da vaca louca.

Assim que ouvi a palavra “vaca louca”, engasguei com o milk-shake.

— Vaca louca? Mesmo, Ian? Não tinha nenhuma doença mais... estranha? — indaguei.

— Tanto faz. O negócio é que nós a vimos. Precisamos ajudar a Sarah. Olha, acho que aconteceu o seguinte: a amiga dela estava dando uns amassos no namorado dela e os dois resolveram matar a Sarah para tirá-la do caminho. Simples assim.

— É, mas isso não explica o porquê da Elizabeth se internar em um hospício bem depois do desaparecimento da Sarah — vociferei.

Ele ficou quieto por um minuto, e depois disse:

— Culpa. Ela se sentiu culpada e arrependida, então resolveu se internar.

— Ok, mas isso também não explica o porquê de a Sarah estar agindo de um jeito estranho antes de sumir do mapa. Simplesmente não faz sentido. — Olhei para o relógio em meu pulso, e vi que já passava das duas da tarde. — Nossa, preciso ir. Daqui a pouco vão dar por minha falta, e eu vou me meter em mais problemas.

Ele sorriu e levantou.

— Vamos logo, encrensa — riu, indo pagar a conta.



Caminhamos até o carro e ele abriu a porta para que eu entrasse. Ian estava diferente, talvez pelo fato de Caroline não enfiar caraminholas em sua cabeça, ou só por ter amadurecido. Grande parte de sua marra havia sumido, e até que era divertido passar um tempo com ele. Eu me sentia diferente fazendo algo comum com uma pessoa conhecida, uma pessoa de meu passado que havia reaparecido.

Entretanto, em menos de uma semana eu estaria partindo para sempre e nunca mais o veria. Era melhor assim de qualquer forma.

Eu não poderia me apegar a mais ninguém. Na hora de partir, isso me machucaria ainda mais. Ele seria mais uma pessoa de quem eu teria de me despedir.

— Você tem certeza de que está bem? — Ian perguntou assim que parou em frente ao orfanato.

Bocejei alto e sai do carro.

— Claro, só estou com um pouco de sono. Está tudo bem, de verdade. Ultimamente ando dormindo meio mal.

Ele franziu o cenho e caminhou comigo até os arbustos.

— Tchau, então. A gente se vê, Aprilynne. Se eu descobrir qualquer coisa sobre a Sarah, eu arranjo um meio de te avisar — ele disse, mexendo no cabelo. — Tente ficar longe dos problemas.

O negócio era que essa poderia ser a última vez que eu o veria. Eu sabia que ele não era nada meu, mas nós dividíamos um segredo. Um segredo



grande e importante. Então, mesmo sendo completamente inapropriado, eu o abracei e disse tchau.

Ian ficou meio sem jeito e eu saí dos arbustos em direção ao jardim. Lá, pude ver que todos estavam correndo e dando risada. Mas, de repente, tudo ficou embaçado. Meu estômago embrulhou e eu senti um frio repentino. Muito frio. As sombras começaram a aparecer e a escuridão surgiu.

— De novo, não — sussurrei, enquanto via tudo girar ao meu redor.

Olhando pela janela de seu quarto, observando as dunas de areia em volta das pirâmides, Bastet se sentia extremamente impotente. Ela havia perdido o controle. E havia matado alguém. Bastet, como era uma deusa egípcia, possuía poderes incríveis, mas, normalmente, ela não os usava, nunca sabia quando eles poderiam sair de seu controle.

Como naquela tarde, em que um guerreiro foi morto. Ela o havia matado. Não por sua vontade, é claro. Simplesmente perdeu o controle, e ela se apoderou do corpo de Bastet. Sekhmet. Bastet tinha um lado bom e um lado ruim. Sekhmet era uma parte dela. Uma parte perversa. Quando Bastet perdia o controle e se tornava agressiva, Sekhmet vinha à tona e a controlava. Então, ao invés de permanecer em forma humana, Bastet se transformava em uma deusa com cabeça de leoa, com olhos chamejantes. Sua face de leoa brilhava como o sol, e um *sistrum*³ aparecia em sua mão esquerda. Quando Sekhmet tomou seu corpo, matou o guerreiro que estava

³ Instrumento musical de percussão comum no Egito antigo. Produz um som de chocalho. Muito utilizado por mulheres da nobreza.



lutando com Bastet. Ela, apesar de estar fora do controle, foi capaz de ouvi-lo gritando e implorando enquanto Sekhmet o perfurava com suas garras afiadas.

Khepri e Stek estavam lá, vendo tudo. Khepri imediatamente impediu Sekhmet, cantando um velho feitiço egípcio, que tornava Bastet mais forte, e Sekhmet mais fraca, sendo assim, Bastet pôde tomar conta de seu corpo novamente. Quando, finalmente, Bastet se controlou, estava com as mãos cheias de sangue e o guerreiro, morto. Khepri tentou consolar Bastet enquanto ela chorava, mas fora inútil.

Bastet se sentia mais do que culpada. Havia perdido o controle e alguém havia morrido. Então, em meio a tanta culpa e a tanta repugnância de si mesma, Bastet prometeu a si mesma que jamais voltaria a usar seus poderes. Jamais.

Bastet acordou de seus pensamentos quando ouviu uma batida na porta de seu quarto. Ela saiu da janela e sentou-se na cama.

— Entre — ela ordenou, fazendo carícias em sua gata.

Khepri entrou e disse:

— Nuru está aqui e quer ver a senhorita.

— Mande-o ir embora. Estou indisposta — vociferou, ríspida. Tudo o que ela não precisava era ver o rosto de Nuru, seu nefasto noivo.

— Ele disse que era importante. Aconselho a recebê-lo, Bastet.



Ela pensou por um segundo e disse para Khepri trazê-lo. Era melhor assim. Quanto mais rápido Bastet o atendesse, mais rápido ele iria embora. Nuru entrou e beijou sua mão delicadamente. Ela sorriu com desdém e esperou ele falar.

— Eu ouvi o que aconteceu hoje, minha amada noiva. Você é extremamente poderosa. Juntos, poderíamos dominar todos os desertos — disse ele, se aproximando dela.

Como ele ousava dizer tal coisa? pensou. Um homem havia sido morto!

— Você precisa deixar Sekhmet se libertar, querida.

Bastet sentiu Stek se contrair em seu colo. Ela se pôs em posição de ataque. Nuru estava perdendo a cabeça. Bastet jamais deixaria Sekhmet dominar sua mente e corpo. Jamais.

— Isso é ridículo. Nunca vou libertá-la. Seria uma imprudência deixá-la livre.

Bastet viu o olhar de Nuru encher-se de fúria. Quando não faziam a vontade dele, ele ficava agressivo, muito agressivo.

— Você precisa libertá-la. Como seu futuro marido, eu ordeno que a liberte

Ela deu um sorriso irônico e levantou-se da cama. Stek estava guinchando alto, pronta para atacar.



— Não — disse, se aproximando dele. — Você não manda em mim, Nuru. Libertar Sekhmet seria o maior erro de todos os tempos. Ela devastaria tudo o que nós conhecemos.

Nem havia terminado de falar quando Nuru deu-lhe um tapa na cara, fazendo com que caísse no chão e batesse forte com a cabeça. Stek avançou até ele e começou a arranhá-lo. Bastet pôde sentir sangue escorrendo de sua nuca, e então ouviu Nuru gritando por causa dos arranhões, enquanto uma dor profunda se apoderava de seu corpo.

— Khepri — ela gritou com toda a força — Khepri!

Khepri veio correndo e a viu no chão. Atrás dela, Bastet pôde ver Ammon. Sem dizer nenhuma palavra, Ammon, entendendo o que havia acontecido, se jogou contra Nuru e os dois começaram a brigar. Gritos ecoavam por toda parte. Khepri ajudou Bastet a levantar enquanto guardas chegavam de todos os lugares. Stek, com os olhos em chamas, avançou até Bastet e se sentou em seu colo. Lágrimas escorriam por sua face.

Ammon, como ela pôde ver assim que os guardas o pegaram, estava com machucados por todo o rosto. Nuru estava ainda pior. O pai de Bastet entrou no quarto e ficou desnortado com toda a situação.

Depois desta noite, Bastet tinha certeza de que tudo desmoronaria. Coisas ruins estavam prestes a acontecer, e muito sangue seria derramado. A primeira coisa que senti quando voltei de meu sonho foi minha boca seca. Eu mal conseguia mexer a língua. E ainda tinha aquele som irritante...



Pih, Pih, Pih.

Eu me sentia estranha, como se meu corpo inteiro não respondesse aos meus chamados. Sentia-me fraca, com o estômago vazio. Eu nunca havia me sentido assim antes. Pude ouvir pessoas conversando, mas não consegui ouvir sobre o que elas falavam. A única coisa que eu sabia era que havia desmaiado. De novo. E, como se não bastasse, sonhado com a deusa egípcia. Isso era o mais estranho de tudo. Por que eu sonhava com ela? E que diabos isso tinha a ver com a minha vida?

Abri os olhos, mas não consegui ver nada, tudo ao meu redor estava embaçado. Esfreguei os olhos e ouvi alguém chamar meu nome. Pisquei algumas vezes e consegui ver tudo normalmente. A diretora Wells estava sentada em uma poltrona, e eu estava deitada em uma cama. Na minha frente, uma moça usando roupas brancas sorriu.

— É bom ter você de volta, Aprilynne — ela disse, colocando sua mão em cima da minha testa.

O que estava acontecendo?

— Meu nome é Rebecca, sou a sua médica.

Médica? Ah, não. Isso só poderia significar uma coisa — hospital. Suspirei alto e olhei para a diretora. Ela parecia cansada, mas mesmo assim sorriu para mim.

— Por que eu estou aqui? O que aconteceu? E, por favor, pode desligar essa coisa? — olhei para a máquina ao meu lado, que emitia o som irritante.



Rebecca se inclinou e apertou um botão, que fez com que o barulho parasse.

— Estávamos contando seus batimentos cardíacos — ela explicou. — April, você sabe por que está aqui? — ela puxou outra poltrona e se sentou, ficando ao meu lado. — Como você está se sentindo? — ela quis saber.

— Eu... desmaiei — respondi com dificuldade. Minha boca estava tão seca... — Sinto-me fraca.

— Isso é por causa dos remédios que te demos.

Franzi o cenho. Tinha algo errado por aqui.

— Eu não estou doente. Eu só desmaiei, pronto.

— Seu amigo Ian te trouxe até aqui.

Ian? Como ela sabia do Ian? A não ser... A não ser que Ian tivesse visto tudo. Droga, eu estava mesmo encrocada.

— Eu estou bem, de verdade. — toda essa situação garota-em-hospital estava me deixando nervosa. — Quando vou receber alta?

— Em breve você sairá daqui, Aprilynne. Mas antes temos que conversar — a doutora disse, muito paciente.

A diretora Wells segurou minha mão com força.

— Tem algo errado comigo?



— Bem... você está doente, Aprilynne. Uma doença chamada Narcolepsia, é uma doença neurológica que faz você sentir muito sono. Ela faz com que a pessoa subitamente caia no sono, também faz com que você tenha alucinações, que tendem a ser assustadoras, porque a pessoa sabe que está acordada, mas está sonhando como se estivesse dormindo.

A doutora Rebecca fez uma pausa para eu assimilar tudo, mas uma pausa não era suficiente. Tudo começou a se confundir. Eu estava seriamente doente, talvez até louca. Então os sonhos com Bastet não eram sonhos e sim, alucinações. Os desmaios não eram nada além de um sono profundo. Talvez..., talvez meus pais biológicos soubessem disso. E por isso me abandonaram. Só porque eu tinha essa doença. Meus olhos ardiam, as lágrimas estavam chegando.

— Também pode apresentar cataplexia, que é a perda de força e controle muscular, afetando pequenos músculos como o dos joelhos, faciais, pescoço, ou até o corpo todo — continuou Rebecca.

— Eu... eu vou morrer, não vou? – perguntei,

A doutora riu e limpou minhas lágrimas.

— É claro que não, Aprilynne. Essa doença tem tratamento, é tudo muito simples. Não é degenerativa nem maligna. Acalme-se, por favor. Não é o fim do mundo.

— A doutora tem razão, April — a diretora Wells me confortou. — Tudo vai ficar bem. Não precisa se desesperar, criança.



Um alívio repentino tomou conta de mim.

— Bem, como eu estava dizendo, a causa da narcolepsia, segundo estudos médicos, é a falta de hipocretina no cérebro, que estimula as células cerebrais a promoverem o estado de vigília, para não dormir todo o tempo, entende? — assenti e ela continuou — O tratamento é bem simples. Ele é feito com medicamentos estimulantes para manter o paciente acordado. Você também deverá tirar alguns cochilos durante o dia para de noite poder dormir normalmente, ok?

— Espere. Quem vai pagar por isso? Eu não tenho dinheiro para pagar por esses remédios e...

A diretora Wells respondeu:

— Não se preocupe, April. Isso já foi resolvido.

Ela sorriu e apertou minha mão com mais força. Então tudo bem, nem tudo estava perdido, afinal. Havia um tratamento e eu poderia viver uma vida normal. De repente, ouvimos um estrondo na porta, e Kaleigh entrou no quarto, seguida por seguranças do hospital.

— Ela está viva? — Kaleigh perguntou. Então me viu e pulou em cima da cama para me abraçar. — Ah, nós ficamos tão preocupadas! April, April! — ela me abraçava com força. Muita força.

— Kaleigh Anderson! Que tipo de comportamento é esse? — Wells gritou.

A doutora Rebecca mandou os seguranças irem embora e disse;



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Vamos com calma, mocinha. Sua amiga precisa de descanso.

— Mas ela está bem, não está? Não está? — gritou Kaleigh.

— É claro que estou. Bem, não nesse exato momento, porque não estou conseguindo respirar — eu disse, sufocada pelo abraço de urso da Kaleigh.

Ela me soltou e desceu da cama.

— Desculpe, mas é que todos no orfanato não paravam de pensar nela, então um garoto da nossa antiga escola me deu uma carona até aqui, porque ele também queria saber de você, April.

— Vou dar um tempo para vocês conversarem. E comporte-se, senhorita Anderson — ordenou Wells, saindo do quarto acompanhada pela doutora Rebecca.

— Ian? Ele está aqui? — perguntei assim que elas saíram.

— Estou — disse uma voz masculina. Olhei para porta e vi Ian parado, me encarando com uma expressão preocupada. — Você está acordada. Assim que vi você caindo no gramado, pensei que você tinha ingerido comida envenenada no restaurante.

Kaleigh soltou um “gostoso” inaudível e me deu uma piscadela. Revirei os olhos e olhei para Ian.

— E ai? Como você está? — ele perguntou.

— Bem.



— Parece que você esteve chorando — ele percebeu. — Está tudo bem mesmo?

Olhei para Kaleigh e mordi a língua,

— Eu não sei. Acho que sim.

Ian e Kaleigh ficaram me encarando com o olhar fale-a-verdade e resolvi contar a eles sobre a minha doença.

— Mas você não vai morrer, não é? — perguntou Kaleigh, segurando minha mão.

— Claro que vou, Kaleigh. Todos morrem um dia.

Ian e Kaleigh riram.

— Você entendeu— disse ela, revirando os olhos.

— Não, não vou morrer por causa da narcolepsia. Posso viver uma vida “normal”, se é que minha vida é normal, mas enfim — falei, pegando o copo de água que estava ao meu lado e tomando um gole.

— Garota, você me deu um tremendo susto. Você vai ser o centro de atenções no orfanato por um bom tempo – afirmou Kaleigh.

— Falando em orfanato, o que aconteceu depois que eu desmaiei?

— Eu saí correndo dos arbustos para ver o que tinha acontecido e, em menos de um minuto, todos estavam a sua volta. Não demorou muito até a diretora vir. Ela ligou para a ambulância — respondeu Ian, sentando—se no sofá — Alguns minutos depois os médicos chegaram e te trouxeram até aqui.



— Mas eu não aguentei ficar sozinha no orfanato com o pessoal, então meio que obriguei o Ian a me trazer — suspirou Kaleigh, envergonhada.

— Meio que me obrigou? Você disse que se eu não te trouxesse aqui, você furaria os pneus do meu carro e ainda jogaria uma pedra no para-brisa — exclamou Ian, fingindo estar assustado.

— Kaleigh! – exclamei, colocando o copo de volta na mesinha ao meu lado.

— O que vocês queriam que eu fizesse? Uma das minhas melhores amigas estava no hospital, eu não podia ficar sentada, sem notícias. Ah, Claire quis vir também, mas quando ela estava entrando no carro, Montgomery a proibiu. Então não teve jeito.

— Tudo bem. Sei que Claire deve estar aflita também. Alguém sabe quando eu vou poder voltar pro orfanato? — perguntei.

— Não sei, posso perguntar para a médica — Ian disse.

— Aposto que vou ficar mais uns dias aqui, então não vou poder despedir do orfanato — disse, me segurando para não chorar.

— Como assim, se despedir? — Ian perguntou, levantando-se do sofá.

— Acho que me esqueci de mencionar. Você sabe que eu sou uma garota-problema. Depois que voltei do lago, a diretora me viu. Estou sendo transferida de orfanato. Para um muito longe. Só tenho mais uns dias até ir para lá — confessei, e uma lágrima escorreu.



Kaleigh me abraçou forte e olhei para Ian. Depois de algum tempo, Kaleigh foi falar com a médica para ver se conseguia descobrir algo importante.

— Acho que você vai ter que resolver o mistério sozinho.

— Sinto muito que tenha de ir embora. Nós poderíamos descobrir o que aconteceu — ele disse, se aproximando. E, então, seu celular começou a tocar. — Gostei muito de te rever, Aprilynne. Isso me lembrou dos velhos tempos. Quando meu passatempo favorito era te perturbar. Espero que possamos nos ver algum dia. Até mais.

Dito isso, Ian me abraçou rapidamente e foi embora. Era por isso que eu odiava criar laços com as pessoas. Elas sempre acabavam partindo. E eu sempre acabava sozinha.



Capítulo 9

A chave

“No passado está a história do futuro.”

Jean Donoso Cortés

Depois da descoberta da causa dos meus desmaios e sonhos constantes, fui obrigada a passar mais alguns dias no hospital, para ficar em observação enquanto alguns médicos, entre eles a doutora Rebecca, monitoravam meus sonhos. Eu fui me acostumando a tirar sonecas diárias durante a tarde, para regular meu sono à noite. A doutora explicou como os estimulantes faziam efeito em meu corpo, mas não entendi direito até tomar a primeira dose de remédios, eu nunca havia ficado tão... ligadona.

Parecia que eu havia tomado 2 litros de café com energético e coca-cola. Eu não parava quieta, ficava falando e gesticulando o tempo todo. Neste dia, Claire e a Wells vieram me visitar. As duas ficaram chocadas ao me ver desse jeito, toda elétrica, mas elas riam o tempo todo.

A. Diretora. Wells. Dando. Risada. Deve ter sido por isso que choveu à noite, mas enfim.



Depois que a “crise energética” passou, uma forte irritação se apoderou de minha mente. Eu estava perdendo meus últimos dias no orfanato, meus últimos dias com Kaleigh e Claire. E ainda havia Ian. Nossa amizade teve fim antes mesmo de começar.

Como era muito tedioso ficar o dia inteiro no hospital, a diretora Wells me trouxe um livro chamado Muito longe de casa — Memórias de um menino soldado, de Ishmael Beah, que contava a história de um garoto de Serra Leoa que havia se separado da família por causa da guerra. Era triste e assustador ver como ele se virava para sobreviver a cada dia. Era estranho pensar que isso realmente acontecia, era tão absurdo que ficava difícil de acreditar. Também era estranho pensar que, enquanto eu lia o livro, tinha gente lutando em guerras para sobreviver. Eles eram apenas crianças, pelo amor de Deus! Mereciam ser felizes e ter uma infância digna ao invés de carregarem armas e participarem de carnificinas. Quanto mais lia, mais tinha pena dessas crianças. E eu pensando que a minha vida era ruim.

No final das contas, eu havia passado cinco dias no hospital, o que significava que só me restava um dia no orfanato. A doutora Rebecca me deu os remédios e disse que um homem entregaria mais todo mês. Entrei no ônibus do orfanato — que era usado em raras ocasiões — acompanhada pela diretora Wells. Montgomery ligou o ônibus e nós partimos.

Pela janela, pude ver que as ruas da cidade estavam vazias devido ao péssimo clima. Não parava de chover e fazia frio. O vento era tão frio e violento que parecia congelar a alma. Os pássaros não cantavam, nem borboletas voavam pelo jardim. A cidade parecia totalmente sem vida.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Passando pelas ruas, vi um prédio de quatro andares meio antigo, com paredes de tijolos marrons e janelas enormes. Uma enorme placa dizia “Hospício Saint Lucas”. Algumas pessoas passeavam no jardim com enfermeiros. Depois de algum tempo tentando adivinhar de onde eu conhecia esse nome, finalmente me toquei.

Minha nossa. Esse era o hospício em que a melhor amiga da Sarah, Elizabeth, estava.

— April, está vendo esse museu? — perguntou a diretora, apontando para o outro lado da rua. O sinal estava fechado e o ônibus havia parado.

— Sim — respondi, desviando o olhar para o museu.

— Então, o passeio será aqui. É fantástico, não?

— Hum, fascinante. Pena que não vou estar aqui para ir junto — disse, tornando a olhar para o hospício. Caramba, esse lugar me dava arrepios. Entretanto, por mais assustador que fosse eu sabia que tinha que voltar algum dia para falar com Elizabeth. Havia coisas que eu simplesmente precisava saber.

— Ah, que bom que você tocou no assunto. Liguei para o novo orfanato para lhes informar sobre a Narcolepsia — ela contou enquanto fazia um coque em seu cabelo. — E para a sua felicidade, eles não quiseram aceitá-la. Acharam que seria uma responsabilidade desnecessária.

O. Quê?



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Espera um segundo. Então você está dizendo que eu vou poder ficar? — o sinal abriu e o ônibus começou a andar.

— Por um tempo, até eu achar um orfanato que te aceite.

— Oh, minha nossa! Muito obrigada, diretora. De verdade! — exclamei, abraçando-a.

— Acalme-se, April. É temporário — disse ela, dando tapinhas em minhas costas.

Uma felicidade instantânea brotou em meu peito e eu não consegui parar de sorrir. Voltei a olhar a paisagem e, por mais estranho que fosse, agora a cidade não parecia tão sem vida. Ou talvez fosse pelo fato de eu não estar tão sem vida após aquela grande notícia que acabara de receber.

— Não brinca! — gritou Claire assim que ouviu que eu iria permanecer no orfanato. Nós estávamos sentadas em uma mesa do refeitório, comendo bolo de chocolate e bebendo chá. O tal investidor melhorou muito a vida do pessoal no orfanato. Assim que cheguei lá, tive uma surpresa. Todo o pessoal do orfanato havia se juntado e organizado uma comemoração, celebrando a minha volta. Eles até fizeram cartazes com o meu nome! Senti-me muito feliz e lisonjeada, como se pela primeira vez eu realmente fizesse parte de algo. E, para falar a verdade, senti falta de todos, então era muito bom estar em... casa, digamos assim. Uma música animada, que no refrão reconheci que era Enjoy the Silence da banda Anberlin, tocava no refeitório pelo velho rádio, deixando todos animados e felizes.



— Essa é, tipo assim, a melhor notícia que eu já recebi na vida! — vociferou Kaleigh, empolgada.

Coloquei mais um pedaço de bolo na boca e o mastiguei.

— Eu sei, também estou super feliz! — exclamei, vendo Angelique me encarar. Ela estava sorrindo. Assustador, eu sei. — É, ahn, porque a Angelique está me olhando com essa cara? Ela está me assustando — acrescentei.

As meninas olharam na direção da Angelique e também captaram a expressão dela. Depois de longos segundos me encarando, ela virou o rosto.

— Sei lá — disse Claire. — Acho que ela sentiu sua falta.

— Só se for falta de destruir minha vida, — revirei os olhos e comi mais um pedaço de bolo.

— Ah, falando em sentir falta, como é que o Ian está?

— Como é que eu vou saber? — perguntei de boca cheia.

— Ué, você que é a amiga-ou-algo-mais dele — Kaleigh afirmou.

Tomei um gole de chá e olhei seriamente para Kaleigh.

— Amigos, ok? Apenas amigos. E ele não me visitou mais, desde que eu disse que iria para outro orfanato,

— Então vai procurar ele! — Claire sugeriu.

Neguei com a cabeça e bocejei alto.



— De jeito nenhum. É melhor assim. Quando eu for embora, ele será menos uma pessoa de quem eu terei que me despedir.

— Às vezes você é tão boba – disse Kaleigh.

— E às vezes você é tão chata! — eu disse rindo e depois mostrei a língua. – Tenho que ir, hora de ir dormir.

— Mas são quatro da tarde! — as meninas falaram.

— É, eu sei. Mas preciso regular meu sono. Faz parte do tratamento. Até mais. — Despedi-me delas e subi para o quarto. Assim que cheguei lá, pulei na cama e abracei meu travesseiro. Era tão bom voltar ao orfanato!

Joguei um cobertor em cima de mim e me preparei para dormir. Enquanto o sono não vinha, fazia notas mentais sobre voltar ao hospício e falar com Elizabeth. Eu sentia que ela era o elo que eu precisava para encontrar respostas para todas as minhas dúvidas sobre a Sarah. Então decidi que daria uma escapada do museu e correria para o outro lado da rua.

Mas o que eu não sabia é que eu encontraria respostas que eu jamais sonharia em ter.

Acordei sobressaltada, escutando barulhos estranhos vindos do jardim. Levantei da cama e olhei através da janela. Lá fora, tudo estava escuro. Mas, de um jeito completamente bizarro, meus olhos se ajustaram rapidamente e eu fui capaz de ver cada folha no jardim e, mais à frente, a floresta onde Sarah estava. Eu via tudo com novos olhos; isso nunca havia acontecido antes. Eu enxergava muito bem. Como nunca havia enxergado antes. Por um



segundo, pensei estar sonhando. Então esfreguei os olhos e percebi que estava mesmo acordada, era estranho. Estranho demais.

Escutei um barulho e num reflexo rápido, virei o rosto e vi um gato se arrastando pelos arbustos. Ele tinha os olhos fixos em mim. Tinha algo errado comigo. E como eu pude ouvir, daqui de cima, um gato andando nos arbustos no jardim? Ele ainda me olhava fixamente, como se tentasse me dizer algo.

— ... e lógico que eu disse que não ia, de jeito nenhum... — disse Kaleigh entrando no quarto — Nossa, você está acordada.

Virei assustada e ela acendeu a luz.

— O que você está fazendo aí na janela, April? Não dá pra ver nada lá fora. Está tudo terrivelmente escuro.

— Só olhando — respondi e me virei novamente, o gato havia sumido.

Droga

Por que esse gato sempre aparecia pra mim?

— Por quanto tempo eu dormi? — perguntei, indo para a cama.

— Muito tempo. Já são dez horas da noite. Sério, não sei como você pode ter tanto sono, April — disse Claire, colocando o pijama.

— É, nem eu... — disse, me sentando na cama e pegando o livro Sangue de tinta.



Comecei a ouvir sussurros e murmúrios no quarto. Eles estavam me distraindo e tirando a minha concentração da história.

— Gente, vocês podem falar mais baixo? Estou tentando ler. — Olhei para as meninas e elas também estavam lendo. Em silêncio. Elas se entreolharam por um instante e franziram o cenho.

— Acho que você está delirando, Aprilynne — riu Claire, voltando a ler o livro.

Algo muito, muito estranho estava acontecendo. De onde vinham esses barulhos?

— Vocês não estão ouvindo esses sussurros? — perguntei, fechando o livro. — Droga, eles não param!

— April, acho que você anda lendo demais. Quer que eu chame a diretora? — disse Kaleigh, se levantando.

— Não, não. Eu... eu estou bem. — se elas chamassem a diretora, com certeza eu pararia no hospital de novo— Acho que vou descer para tomar um pouco de água.

— Tem certeza?

— Não se preocupe, deve ser só cansaço.

Levantei-me da cama e saí do quarto. O toque de recolher já havia sido dado, então estava tudo quieto pelo orfanato. As luzes estavam todas apagadas. Mas eu conseguia ver. Estranhamente, eu conseguia enxergar



perfeitamente. Desci até a cozinha e peguei a jarra de vidro que ficava em cima da mesa, preparada para alguém que estivesse com sede. Coloquei a água num copo e tomei tudo em um gole só.

Ao me virar para voltar para o quarto, deparei-me com uma silhueta feminina. De tanto susto, pulei e, sem querer, bati o braço no copo. Ele caiu e se espatifou no chão. Droga

— Olha só o que você fez! — disse uma voz familiar. Cerrei os olhos e vi que era Angelique.

— O que eu fiz? Você que me deu um susto! — vociferei, Angelique acendeu a luz da cozinha, pegou uma vassoura e me entregou. — Você me assusta e eu tenho que limpar? Essa é boa!

Ela revirou os olhos e pegou outra vassoura. Limpamos os cacos de vidro e depois os jogamos no lixo. Por sorte, ninguém havia escutado, ou se havia, não se incomodou em descer para checar.

— Posso saber o que você estava fazendo aqui no escuro, Angelique? — perguntei, fechando o saco plástico e tampando a lixeira. Ela hesitou por alguns segundos e depois disse:

— Eu estava com sede.

— Sede? — perguntei. — Estranho, porque eu não vi nenhum outro copo na pia.

Ela mordeu o lábio e começou a gaguejar.



— Então?

— Não interessa.

Franzi a sobancelha e cruzei os braços.

— Ah, eu acho que interessa sim, senhora. Eu estou sendo expulsa do orfanato por culpa sua, e você estar zanzando por aí no meio da noite me faz ter certa vantagem sobre você. Ou você diz ou...

— Tá legal — disse ela. — Eu tinha ido ao escritório da Wells, ok? E se você contar pra alguém, eu vou... te matar — ameaçou.

No escritório da diretora? O que ela foi fazer lá? Quer dizer, o escritório ficava trancado à noite, o que significava que ela tinha arrumado as chaves em algum lugar.

— Como você conseguiu as chaves? — perguntei.

— Ha, ha — ela riu. — Isso já é pedir demais. Agora, se você não se importa, eu vou dormir. Tive muito por uma noite. — antes que ela começasse a andar, segurei seu braço e a olhei nos olhos.

— Não antes de me falar o que você foi fazer lá — impus.

Ela me fuzilou e se desvencilhou de mim.

— Não que isso te interesse, mas eu fui ver minha ficha.

— Ficha? — perguntei.



— É, imbecil. A ficha que contém tudo sobre nós. Onde nascemos, de quem somos filhas, tipo de sangue, alergias... Esse tipo de coisa.

Meus olhos se arregalaram e eu cobri minha boca com a mão.

— Existe esse tipo de coisa? — eu disse.

Angelique bufou de raiva e, antes de ela falar qualquer coisa, ouvimos passos.

— Droga — falamos juntas.

Ela me arrastou para a despensa e me empurrou, fazendo com que eu ficasse atrás de uma cortina imensa. Ela estava de costas para mim, de modo que eu pude sentir o cheiro do cabelo dela. Era um cheiro... peculiar. Cheirava a terra molhada.

Nós esperamos. E esperamos.

E então, após minutos que pareciam ter durado séculos, saímos de trás da cortina e começamos a rir. Se você me dissesse que eu, Aprilynne, estaria rindo ao lado da menina que eu mais odiava, Angelique, tarde da noite, no meio da cozinha, eu diria que você é maluco.

Depois de algum tempo, recuperamos nosso fôlego e paramos de rir.

— Será que a barra está limpa? — quis saber.

Angelique fechou os olhos por alguns segundos, parecendo se concentrar em algo, e disse:

— Sim. Era a Morgana, mas ela já foi dormir.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Começamos a andar até os quartos.

— E como você sabe disso?

Ela parou em frente a seu quarto e sorriu. Um sorriso estranha- mente familiar, quase debochado. Como se estivesse me provocando.

— Se eu te contasse, teria que te matar. Boa noite. — em seguida, entrou no aposento e bateu a porta na minha cara.

Grossa.

Caminhei até meu quarto e abri a porta. As luzes estavam apagadas, Kaleigh e Claire já estavam dormindo. Entrei de fininho e encostei a porta.

Mas, antes de cair profundamente no sono, fiquei imaginando de onde poderia conhecer aquele sorriso debochado de Angelique.

Então as aulas haviam voltado. Droga. Se a vida já era um pouco chata quando estávamos de férias, imagine com as aulas voltando. Seria o inferno na Terra. O dia de acertar as contas, pagar os pecados, ou qualquer coisa do tipo. Bem, era só nisso que eu conseguia pensar enquanto o Sr. O'Donnell, nosso professor de biologia, explicava Darwinismo. A aula havia começado há quinze minutos, e já parecia durar horas. Olhei para o lado e vi Claire anotando tudo perfeitamente, como sempre fazia. Kaleigh estava ocupada lixando as unhas, então deduzi que a aula estava tão interessante para ela quanto para mim.

Alguns dias haviam se passado desde o incidente da cozinha e, desde então, eu não tive aquelas sensações estranhas e legais ao mesmo tempo, tipo



ouvir e enxergar super bem. Eu estava um pouco decepcionada, também. Queria ter alguma habilidade especial. Isso faria toda a diferença para mim, uma garota estupidamente normal. A não ser pela narcolepsia/órfã, mas tudo bem. Talvez esses acontecimentos fossem somente um efeito colateral dos remédios. E, como se não bastasse, ainda havia lan...

Eu não o via desde o hospital, e parte de mim preferia assim. Eu acabaria sendo transferida assim que arrumassem um orfanato que me aceitasse, não é mesmo? Então para que criar laços se eles seriam desfeitos? Eu não queria me machucar. Mas outra parte de mim tinha curiosidade. Curiosidade para saber o que poderia ter acontecido se continuássemos sendo amigos.

Poderíamos descobrir várias coisas sobre Sarah, e não seria nada mal arranjar um amigo. Sem falar que ele havia salvado minha vida duas vezes. Quando vi Sarah no lago e quando eu desmaiei em frente ao orfanato. Tudo bem que na última vez eu não estava morrendo, mas acho que isso conta.

— ... Você não concorda, senhorita Hill? — O'Donnell estava olhando e caminhando até mim, o que significa que ele fez alguma pergunta e eu precisava responder. Caramba, por que ele não perguntou para Claire, que estava morrendo ali com a mão estendida?

— Eu... concordo — disse, tentando parecer confiante.

— Concorda? Com o quê, exatamente?



Mordi o lábio e olhei para Claire. Ela me olhava com desaprovação. Ok, desculpe-me se eu não sou a Miss Inteligência, mas aula de biologia é simplesmente impossível de se prestar atenção. Bem, pelo menos para mim.

— Concordo com o que o senhor acabou de dizer. — sorri amarelo.

— E o que eu acabei de dizer? — perguntou-me, perdendo a paciência.

— Hum, é, eu não ouvi exatamente. Pode repetir a pergunta?

Ele balançou a cabeça negativamente e apertou a caneta da sorte dele, que ele carregava para todo lugar. Quando ele ficava nervoso, ficava apertando a tampa da caneta. Clic, clic, clic. Era um tique super irritante, me dava arrepios.

— Começaremos o ano letivo assim, senhorita Hill? Da mesma forma que começamos o passado? Acho melhor prestar atenção na aula, se você quer ser alguém na vida. Sabe...

Ah, não! Lá vinha ele de novo com esse papo. Todos da sala resmungaram e me fuzilaram com o olhar. Toda vez que o Sr O'Donell começava com esse assunto, não parava mais.

Depois de algumas semanas de aula, enquanto comíamos panquecas doces na hora do intervalo, pude ver que Claire continuava a fazer anotações em seu caderno. Tomei um gole de leite e disse;

— Você não acha que está estudando demais? — perguntei.



— Você não acha que está estudando de menos? — ela disse retoricamente. — Você precisa se focar mais, April. Dois de quatro professores já chamaram a sua atenção hoje. Você vive no mundo da lua.

Cortei um pedaço da panqueca, espetei um mirtilo com o garfo e enfiei na boca.

— Eu sei, eu sei — disse de boca cheia. — Prometo que vou me focar, ok?

Ela pegou um guardanapo e me entregou.

— Ok, ok, mas pare de cuspir comida mastigada em cima de mim — ela disse, fazendo todos na mesa rirem. Revirei os olhos e limpei a boca.

Will e Noah estavam ao lado de Kaleigh, e Angelique e suas duas amigas também estavam sentadas à mesa. Deixe-me explicar. Quando as “aulas” começam, a diretora marca os lugares das séries mais avançadas e, conforme a série, você senta junto com seus colegas de classe. Na nossa série havia dezesseis pessoas. Por isso, duas mesas grandes ficavam à nossa disposição. As aulas eram feitas nas salas desocupadas do orfanato, então, logo após o intervalo em que comíamos e descansávamos — nós voltávamos às salas e tínhamos aulas.

A visita ao Museu seria daqui uma semana, e todos estavam empolgadíssimos. Ninguém — com exceção de mim, Claire e Kaleigh, que havíamos ido ao hospital — podia sair do orfanato, então era quase como um milagre ir visitar qualquer lugar fora daqui. E é claro que eu planejava



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



burlar as regras e dar uma escapadinha até o Hospício Saint Lucas. Eu precisava falar com a Elizabeth de qualquer forma.

Terminamos de comer e ficamos batendo papo por mais alguns minutos. A diretora assoprou seu apito metálico e irritante — o que significava o fim do intervalo — e nós caminhamos até a “sala de aula”, onde teríamos Literatura Inglesa. Austen, Brontë e Shakespeare faziam parte do conteúdo da aula, então cada um tinha um exemplar abatido, que fora doado por alguma escola. A Sra. Leavitt, nossa professora, estava usando um vestido florido e seus habituais óculos de leitura. Ela começou a aula e nos pediu para anotar o que estava escrito no quadro negro. Comecei a anotar e, por alguma razão, um sono pesado começou a se apoderar de mim, profundo demais para pedir para alguém trazer meus remédios. O fato era que, com a correria das aulas e lições, eu havia me esquecido de tomá-los hoje. E ontem. E há vários dias. Abaixei a cabeça e fechei os olhos.

E então aconteceu de novo.

Ammon estava preso. Nuru fez questão de arrastá-lo com suas próprias mãos até o calabouço subterrâneo, onde ficavam todos os traidores e prisioneiros de guerra. O casamento de Bastet com ele fora ontem. Sim, ela estava destinada a pertencer a Nuru, mas isso não significava absolutamente nada. Ela não o amava. Nunca seria capaz de amá-lo. Ainda mais depois de ele ter lhe dado uma bofetada. O pai de Bastet não disse nada sobre isso, mas gritou com ela quando tentou impedir de levarem Ammon. Ele disse que ela deveria obedecer e respeitar seu futuro marido. Desde então, Bastet não vira Ammon. Só sabia que ele estava fraco e magro, pois sua fiel amiga, Khepri,



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



fora até o calabouço verificar a situação. Ammon pediu para ela entregar seu colar da sorte à Bastet, pois, segundo ele, Bastet precisava de forças naquele momento. Mas, o que ela não teve coragem de dizer em resposta, era que nenhum colar podia trazer-lhe sorte. Tudo já estava arruinado, de qualquer forma.

Então, ali, deitada ao lado de Nuru, Bastet pôde sentir lágrimas caindo. O sol havia acabado de nascer e, de seu novo quarto, ela podia vê-lo perfeitamente. Bastet levantou-se, com o cuidado de não acordar Nuru, e foi até a janela. Respirou fundo o ar puro da manhã e saiu, andando sem rumo em sua nova moradia. Por sorte, deixaram-na trazer Khepri e sua gata Stek. Ao chegar ao aposento de preparação de refeições, Bastet viu Khepri alimentando Stek. Assim que ela a viu, ronronou e foi em sua direção. Bastet a pegou no colo e encarou Khepri.

— Tenho um recado para você — ela disse. — De Ammon.

Bastet olhou para ela com incredulidade e sentou-se em uma cadeira.

— Ele vai fugir daqui duas noites. Para longe, muito longe — ela continuou —, e quer que você vá junto. Eu dei minha palavra que te ajudaria, então você tem dois dias para pensar bem e...

— Eu vou — Bastet disse, com toda a certeza.

— Se alguém chegar a descobrir...

— Estaremos mortos — Bastet continuou a frase por ela. — Mas não importa. Pior do que isso não fica. Eu vou fugir com ele.



Acordei com um sobressalto. Olhei em minha volta e ninguém tinha percebido que eu havia dormido. Ainda bem. Eu tinha que me lembrar de tomar meus remédios, do contrário, continuaria tendo esses sonhos. Esses sonhos-visões podiam ser estranhos, mas eu realmente gostaria de saber o desfecho dessa história.

O quadro negro já estava todo preenchido e eu só havia anotado duas linhas da matéria. Ótimo jeito de voltar às aulas, Aprilynne. Parabéns.

A professora saiu da sala e nós ficamos esperando a próxima aula.

Nossa, como o tempo estava demorando a passar! A visita ao museu tinha que chegar o mais rápido possível. Eu já não aguentava mais todas as dúvidas sobre o que aconteceu com Sarah e o motivo de Elizabeth estar naquele hospício. Eu precisava de respostas. E rápido.

— Psiu. April, você está surda? — perguntou Claire — Estou te chamando faz tempo!

— Oh, desculpe. Estava distraída — respondi, me virando para ela.

— É, percebi. Kaleigh e eu estávamos pensando em nos vingar da Angelique hoje. O que você acha?

— Eu não sei, Claire. Será que é uma boa ideia? Quero dizer, da última vez que a gente mexeu com ela, eu acabei sendo pega pela diretora — respondi, fechando meu caderno e aguardando a entrada do próximo professor.



— Olha, eu já te disse, é muito fácil — falou Kaleigh, me entregando uma caixa de bombons recheados com laxante. — É só entrar no quarto dela, falar o que nós ensaiamos e pronto. Ela é meio burra, tenho certeza de que vai cair fácil.

— Essa é a sua vingança? Sério? Uma caixa de bombons com laxante? Você tem quantos anos? Doze? — respondi, pegando a caixa.

— Você tem um plano melhor? E outra, já te disse. Essa é a parte um do plano. Quando Angelique estiver no banheiro sofrendo por causa do laxante, nós vamos finalizar a vingança com chave de ouro.

— Kaleigh estava começando a ficar impaciente.

— E como vocês vão finalizar o plano? E por que eu tenho que ir até o covil dela? Aquele quarto me assusta — disse, esperando que elas trocassem de lugar comigo. Eu não estava com um bom pressentimento sobre isso.

— Não vou dizer ainda. Só sei que ela vai desejar nunca ter mexido conosco. E você tem que ir lá, pois foi você quem mais sofreu nas mãos dela. A que mais teve problemas por causa da grande boca dela. Agora pare de ser covarde e vá logo. Depois volte aqui para nos prepararmos para a segunda fase — ordenou Claire, abrindo a porta do quarto e me empurrando para fora.

Claire estava se tornando uma verdadeira mandona. E eu achava que ela era a mais covarde do grupo.



Eu estava sozinha no corredor. Tudo estava escuro. Graças a Deus que o quarto de Angelique ficava no mesmo andar do meu. Seria menos difícil de ser pega.

As estranhas habilidades estavam de volta. Mesmo com as luzes apagadas, eu conseguia enxergar tudo com perfeição. Não sei se minha audição estava diferente, mas eu esperava que sim, porque assim eu saberia se alguém estivesse vindo.

Caminhei lentamente até o quarto de Angelique tentando não emitir ruído nenhum. O covil dela ficava no fim do corredor. Minhas mãos suavam e a caixa de bombons parecia mais pesada do que nunca. O orfanato ficava mais assustador de noite, com todos esses quadros bizarros me encarando. Parecia que eles estavam vivos. Isso estava me dando calafrios.

Preparei-me para bater na porta, mas algo me deteve. Minha boa audição estava de volta.

— Pois é, foi meio assustador, mas vocês me conhecem. Eu sempre consigo o que eu quero. — Essa voz, certamente, era da Angelique. Impossível não reconhecer o tom de superioridade.

— Mas me conta, vai, o que você achou lá? — perguntou Kendra, ansiosa por uma fofoca.

— Bom, primeiro eu dei uma olhada na minha ficha, é claro. Mas não tinha nenhuma informação nova. Nada de nomes de família ou algo do tipo. Eu já esperava por isso.



— E a minha ficha, você viu? — Perguntou outra voz. Lauren.

— Vi, Lauren. Só tinha o nome da sua mãe. Ela se chama Joanne Silver. No espaço do nome do pai estava vazio. E antes que você pergunte, Kendra, eu também vi sua ficha. Mas não tinha nada também. Eu sinto muito — Angelique falou. Ouvi alguns passos dentro do quarto, mas eles logo pararam.

— Tudo bem, não é como se fosse fazer alguma diferença. Como você conseguiu entrar no escritório da Wells, afinal? — Kendra perguntou.

Minha nossa, Angelique tinha invadido o escritório da diretora para olhar as fichas de adoção delas! De novo. Então era verdade mesmo. Eu pensei que só havia uma chave, a que ficava no pescoço da Wells, mas pelo visto, eu estava enganada. Essa garota era mais esperta do que eu pensava. Eu tinha de dar um jeito de ver a minha ficha. Alguma informação contida nela poderia me ajudar a descobrir quem eu era e por que esses sonhos e poderes estavam tomando conta de mim.

— Foi mais fácil do que eu imaginava. A chave do escritório fica atrás do quadro daquela moça horrorosa com flores no cabelo — disse ela, se vangloriando.

— E como diabos você sabia disso? — Lauren perguntou, parecendo andar pelo quarto. Ela não parava quieta?



— Hum, não importa. Nós já sabemos o que queríamos. — então parou. A boa audição havia ido embora. Mas que negócio é esse de ir e voltar? Eu queria saber o resto!

Tudo bem, não importa. Eu saberia de tudo que precisasse se eu fosse ao escritório. Procurei por um lixo e joguei os bombons com laxante lá. A vingança podia esperar. Eu precisava saber quem eu era. E eu ia descobrir, custe o que custar.

Se o corredor do segundo andar me assustava, imagine o do quarto. Mil vezes pior porque:

- A) A diretora, Morgana e Montgomery dormiam neste andar. B) As chances de alguém acordar e me pegar no flagra eram maiores.
- C) Havia o triplo de quadros nesse andar. Um pior que o outro.
- D) E o silêncio era de dar arrepios.

Mas, pelo menos, eu estava com a minha visão boa, assim não precisava me preocupar com luzes ou lanternas. Kaleigh e Claire me matariam por não ter feito minha parte no plano. Elas, provavelmente, estavam me esperando no quarto. Mas eu não me importava. Depois que as meninas soubessem onde eu tinha ido, elas me perdoariam.



Caminhei até o quadro da moça com flores no cabelo, Era muito feio. Por que a diretora guardaria a chave atrás de um quadro? E pior, como Angelique sabia disso? Respirei fundo e toquei na moldura. Fiz força e ela se mexeu. Arrastei-o e atrás dele encontrei uma abertura. Nessa abertura, havia uma pequena caixinha. Abri-a e vi um molho de chaves brilhando. Meus olhos se iluminaram e eu sorri.

Fechei a caixinha e empurrei o quadro de volta ao seu lugar. Andei até o escritório da diretora Wells e coloquei a chave na fechadura. Com um pequeno estalo, a porta se abriu. Com medo de ter acordado alguém, esperei ouvir algum barulho, mas por minutos nada aconteceu, então resolvi entrar na diretoria. Encostei a porta e caminhei diretamente ao armário que continha a ficha dos órfãos. Em cada gaveta havia uma fechadura, então tentei chave por chave, por um período de tempo enorme, até que por fim uma chave abriu a gaveta.

Como meu nome começava com “A”, a minha ficha provavelmente estaria entre as primeiras. Dito e feito. Lá estava ela. Por mais que eu enxergasse no escuro, queria ter certeza de que estava lendo tudo com clareza, então acendi a luz da luminária na mesa da Wells e me sentei em sua cadeira.

Nome: Aprilynne Hills

Nascimento: 29 de Novembro de 1993



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Lugar do nascimento: Hospital St. Anastacia

Nome da mãe: Bridget Cooper

Nome do pai: Leonard Thomas Hills

Data de chegada ao orfanato: 18 de Setembro de 1995

Tipo Sanguíneo: O negativo.

Alergias: Picadas de inseto.

Tratamentos Especiais para: Narcolepsia.

Informações sobre os pais: Morreram em um acidente de carro na noite de 4 de julho de 1995. Os avós paternos, William Roberts e Eleanor Hills, morreram três anos antes do acidente. Já os avós maternos, John Cooper e Rosalie Cooper, não puderam ser localizados, devido à omissão de dados. A única parente viva é Elizabeth Cooper, irmã de Bridget, mas a tutela é inviável, já que ela se encontra internada no hospício Saint Lucas, desde 20 de janeiro de 1980.

Elizabeth. Elizabeth... Cooper. Não, não podia ser possível. Era coincidência demais. A mesma Elizabeth, amiga da Sarah, era minha tia? Eu tinha uma tia? Uma tia louca internada em um hospício? Alguém da minha família ainda vivia?

Mas que merda era essa?

Antes de conseguir assimilar mais sobre os acontecimentos, minha audição aguçada voltou. O que me fez ouvir passos no corredor. Não sei



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



como, mas eu tinha certeza de que era a diretora Wells. Só pelo cheiro de hortelã e creme para o rosto, pude reconhecê-la.

Ok, isso definitivamente estava ficando estranho. Fechei a ficha e guardei-a na gaveta. Sem ter tempo, deixei a gaveta destrancada e guardei as chaves no bolso. Ela estava cada vez mais perto, podia sentir sua presença. Olhei para os lados e não vi alternativa. Não havia para onde escapar. Apaguei a luz da luminária e rezei para que um milagre acontecesse.

E então.

A janela, que estava atrás de mim, se abriu com um estrondo e uma rajada de vento se chocou contra mim. Fui até a janela e medi a altura.

Humanamente impossível. Eram cinco andares, eu provavelmente quebraria o pescoço ou uma costela. Mas que escolha eu tinha? O barulho dos passos martelava em minha cabeça. Ela estava a alguns segundos de distância. Não havia tempo para nada. Se ela me pegasse aqui, eu iria parar na cadeia por roubo ou invasão. Sem olhar para trás, subi na janela e senti o vento ricochetear meus cabelos. Era agora ou nunca. Fechei os olhos e pulei noite adentro.



Capítulo 10

Hospício Saint Lucas

“Flores envenenadas na jarra. Roxas, azuis, encarnadas, atapetam o ar. Que riqueza de hospital. Nunca vi mais belas vi mais Perigosas. É assim então o teu segredo. Teu segredo é tão parecido contigo que nada me revela além do que já sei. E sei tão pouco como se o teu enigma fosse eu. Assim como tu és o meu.”

Clarice Lispector — Teu Segredo

— E aqui, como vocês podem observar, temos uma autêntica peça de roupa do Rei Luís XV...

Enquanto o guia do museu falava sobre aquela roupa mofada e velha, não pude evitar pensar nas coisas estranhas acontecendo comigo. O que acontecera quando eu estava na diretoria foi inacreditável. Eu ainda estava chocada, e não tinha comentado isso com ninguém. Eu também estava assustada, como nunca fiquei antes. Ok, a não ser quando eu vi Sarah no lago, mas enfim.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Era para algo ter acontecido. Não que eu fosse algum tipo de pessimista, mas, verdade seja dita, quando alguém pula de uma altura de cinco andares, você espera que ela quebre alguma coisa, o braço, a perna... Qualquer coisa. Mas, comigo, simplesmente nada aconteceu. Assim que me atirei da janela — literalmente — esperei o choque contra o chão chegar. Foi tão rápido e tão louco que nem deu tempo de pensar. Mas, então, assim que o chão chegou, nada aconteceu. Eu simplesmente pousei com graça e destreza, como se fizesse isso todos os dias.

Foi a coisa mais assustadora e mais maravilhosa que eu já consegui fazer. Lá fora, a noite consumia tudo. No céu, uma lua tímida tentava brilhar atrás das nuvens, sem muito sucesso. A adrenalina corria louca-mente pelas minhas veias e meu coração batia como um martelo. Olhei para cima e vi que as luzes da diretoria se acenderam. Saí correndo e me escondi até tudo se acalmar. Passaram-se muitos minutos, até eu me sentir segura o bastante para ir ao quarto. Mas o problema seria entrar lá, já que todas as portas e janelas estavam trancadas. Pensei e pensei, até me lembrar que o molho de chaves continuava no meu bolso. Sorri e entrei pela porta da cozinha. Subi silenciosamente até o quarto e, assim que entrei, Kaleigh e Claire me bombardearam com perguntas. Menti para elas. Falei que havia entregado a caixa de bombons e, Angelique, de tão agradecida, pediu para eu ficar e jogar pôquer com elas. Kaleigh e Claire começaram a rir e a bolar outro plano, enquanto eu deitava na cama e imaginava o que minha suposta tia deveria estar fazendo naquele momento.



Naquela noite eu chorei. Chorei de felicidade e de medo. Eu tinha alguém. Mas esse alguém estava em um manicômio. E esse alguém, Elizabeth Cooper, além de melhor amiga da Sarah, era também minha tia. Irmã da minha mãe. Elas deveriam ser melhores amigas. Deveriam contar tudo uma para outra. Elizabeth deve ter ido ao casamento dos meus pais. Deve ter conhecido meu pai, Leonard. Deve ter sido a madrinha da minha mãe. Deve ter acalmado ela, falando como ela estava bonita e como sua vida seria feliz dali para frente. Mas também havia essa coisa com a Sarah... O desaparecimento dela fora tão estranho. Será que Elizabeth estava envolvida nisso? Bem, era o que eu esperava descobrir na minha visita ao museu.

— E aqui, jovens, há um amuleto que pertenceu a deusa egípcia Bastet, que era a protetora dos gatos, das mulheres, da cura. Os fatos históricos apontam que ela tinha grande ligação com a Lua, fortalecendo seu poder a cada eclipse lunar.

— Minha nossa senhora! — exclamei, fazendo com que todos meus colegas me encarassem. A diretora Wells fez uma cara de brava e eu continuei. — Isso é muito, muito interessante! Quer dizer...

— Continuando - o guia do museu disse asperamente. - O templo de Bastet se localizava em Bubástis, cidade hoje do Delta do Nilo, cujo nome em egípcio “Per-Bast” significa “a casa de Bastet”. Esse templo mantinha gatos sagrados que eram embalsamados em grandes cerimônias quando morriam, porque acreditava-se que eram encarnações da deusa. Os gatos eram considerados sagrados no antigo Egito, e quem matava um gato era condenado à morte.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Caramba! Ele realmente estava falando sobre Bastet? A minha Bastet? Eu ouvia atentamente ao que o guia falava. Os gatos aparecendo para mim finalmente fizeram sentido. Tudo estava estranhamente conectado. Tudo. Mesmo.

— Quando a deusa se tornava agressiva — explicou o guia — ela se transformava na deusa de cabeça de leoa Sekhmet, representada no corpo de uma mulher segurando um sistrum. Sekhmet, ao contrário de Bastet, tem ligação com o sol.

— Isso não ficou muito claro pra mim. Será que você pode explicar melhor? — perguntei, atraindo a atenção de todos.

Claire e Kaleigh se entreolharam e senti minhas bochechas pegarem fogo. Todos estavam olhando, me encarando. O guia sorriu, aparentemente feliz por alguém estar interessado no assunto.

— Claro — respondeu ele. — Até hoje temos dificuldade em entender, pois é um pouco confuso. Os egípcios também tiveram dificuldade para dissociar estas duas deusas, e dizem que Bastet e Sekhmet são uma única pessoa, só que com personalidade e características diferentes. Enquanto Bastet é calma e amável, Sekhmet é uma guerreira implacável, uma deusa cruel da guerra e das batalhas e tanto causava quanto curava epidemias.

Então finalmente o sonho em que Sekhmet matara um guerreiro fez sentido. Mas a pergunta agora era: o que fazia Sekhmet se libertar? E porque Nuru era tão obcecado por ela?



— Como eu havia dito, os gatos eram extremamente sagrados no antigo Egito. Ele foi trazido por volta de 2.100 a.c e, quando algum gato morria, as pessoas raspavam as sobrancelhas em sinal de luto.

— Cada louco com a sua mania! – disse Angelique, provocando um riso coletivo. O guia ficou sem graça, e tive pena dele.

Segundos depois, quando todos se acalmaram, o guia mudou para a sala dos povos Astecas, e eu fiquei absorta no mundo egípcio, olhando para uma estátua de Bastet. Era praticamente igual a Bastet do sonho. Um arrepio correu por minha espinha, e eu tive uma sensação estranha. Gatos, poderes estranhos, sonhos com uma deusa egípcia e o desaparecimento de Sarah? Será que tudo isso estava, de uma maneira muito bizarra e cósmica, interligado? Eu esperava, pelo bem de todos, que não. E um pressentimento ruim invadia minha mente. Eu estava com medo do que poderia descobrir indo ao hospício ver minha suposta tia, Elizabeth Cooper,

— April? É você? — ouvi uma voz perguntar. Olhei para trás e não acreditei no que vi. Era coincidência demais.

— Ian? — perguntei, vendo-o sair de uma fila de alunos usando uniformes azuis. Meninos de terno e meninas de saia.

Ele veio ao meu encontro e me deu um abraço apertado.

– Eu pensei que nunca mais ia te ver. Você não ia se mudar ou algo assim? — Ele me soltou e eu sorri, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.



— Pois é, mas acabei ficando por lá mesmo, já que o outro orfanato não tinha “suporte” para cuidar de mim. Sabe, por causa da narcolepsia. Mas é só até a diretora achar algum orfanato que me aceite — expliquei.

— Isso é bom, realmente bom! Agora que Clark Kent tem sua Lois Lane de volta, acho que podemos voltar ao trabalho!

Sorri com a comparação e me senti aliviada. Pelo menos eu não estaria sozinha quando fosse ao hospício. Isso é, se ele quisesse ir comigo.

— Mas o que você está fazendo aqui, afinal? — perguntei.

— Acho que o mesmo que você.

— Visita com a escola? — Ele confirmou e colocou as mãos nos bolsos, balançando o corpo para frente. — Olha só... — Arrastei ele até um banco e nós nos sentamos. — Preciso contar várias coisas para você. Isso é, se você tiver tempo.

Ele sorriu e disse:

— Claro que tenho.

Então comecei a contar. E contei tudo. Absolutamente tudo. Desde os sonhos com Bastet até minha tia ser Elizabeth Cooper, melhor amiga de Sarah. Também contei a ele sobre minhas habilidades especiais. Sei que poderia parecer loucura, mas Ian era o único que sabia sobre Sarah, e ele era o único que acreditava que havia algo estranho nessa história toda. E, por fim, ele era o único que não me taxaria de louca. Bem, eu esperava que não. Depois de uma longa conversa, com várias pausas para assimilar tudo, e com



várias perguntas da parte dele, terminei de contar falando sobre minha ideia de ir ao hospício.

— Eu vou com você — disse com convicção. Ele não me achou louca, pelo contrário, quis ir comigo e pareceu acreditar em mim.

— Mesmo? — perguntei entusiasmada.

— Você está brincando? — ele falou. — Estamos a um passo de descobrir muitas coisas. E Elizabeth é sua tia? Isso é estranho demais! Mas você deve estar feliz, afinal de contas.

— É, acho que sim. Quer dizer, eu pensei que ninguém da minha família estava vivo, ou se estava, não me queria. Mas eu a tenho. E, apesar de ela estar em um hospício, não acredito que seja louca, uma vez que ela mesma se internou. Acho que ela só ficou transtornada com o desaparecimento de Sarah.

Ele franziu a sobrancelha e pegou o celular.

— Bem, é isso que iremos descobrir hoje. Você já almoçou? Eles têm um ótimo restaurante aqui no museu, sempre venho almoçar aqui com a minha mãe.

— Na verdade, não — confessei. Mas eu estava sem graça, pois não tinha um tostão para pagar o almoço, e me senti extremamente miserável. — Mas não estou com fome, de qualquer jeito e...

Ele se levantou e me puxou junto.



— Não me venha com desculpas. Nós precisamos de energia para hoje. Ainda temos mais duas horas de visita, ou seja, tempo perfeito para almoçar e ir ao hospício. Então, levanta a bunda daí e vamos almoçar!

Era difícil me desvencilhar dele, então simplesmente levantei. Com muita vergonha, admiti:

— Eu não tenho dinheiro, lan. É por isso que não posso ir almoçar com você.

Ele ficou sem graça e pareceu ter pena de mim. Até eu tenho pena de mim, francamente! Uma jovem que não pode nem almoçar com um amigo? É de dar pena mesmo.

— Eu pago — ele sugeriu.

— Mas você já pagou aquele outro dia. Desculpa, lan.

Ele começou a me puxar e a me levar para algum lugar.

— Não tem problema! Sério, eu não tenho mesmo o que fazer com a minha mesada. Eu não me importo! Por favor, vamos?

— Mas...

— Mas nada! Qualquer dia desses você me recompensa de algum jeito.

Parei de andar e semicerrei os olhos. Essa frase ficou muito sugestiva, se é que me entendem.

— Que tipo de recompensa? — respirei fundo e cruzei os braços.



Ele pensou por um segundo e respondeu com um sorriso maroto nos lábios;

— Uns amassos no banco de trás do meu carro.

Arregalei os olhos e senti meu queixo cair.

— É brincadeira, April — ele disse ainda sorrindo.

— Não teve graça.

— Teve sim, e você sabe. E por um instante acho que acreditou. Acho que você até gostou da ideia — ele deu uma piscadela e eu senti meu rosto corar.

— Tá, até parece — respondi ironicamente e o deixei para trás, seguindo a placas que direcionavam ao restaurante.

— Mas falando sério... — ele disse, ao me alcançar. — A melhor recompensa seria se qualquer dia desses você aceitasse ir comigo a um baile do colégio. Seria bem... divertido — convidou, sorrindo timidamente.

— Eu posso pensar — respondi simplesmente, escondendo minha empolgação. Um baile? O quão legal era isso?

Almoçamos junto e foi incrível. A comida estava deliciosa, como lan afirmou que estaria.

— Nossa, me diz agora: como é que eu vou voltar a comer o mingau do orfanato sabendo que aqui existe uma comida tão absurdamente boa? — perguntei, enquanto lan pagava a conta. Saímos do restaurante e fomos até o



centro do museu. Eu havia avisado Claire e Kaleigh que ia almoçar com o Ian, quando as encontrei no banheiro. Então elas estavam me dando cobertura.

— Fácil. A gente podia fazer isso mais vezes — Ian disse, evitando olhar em meus olhos. Ele estava envergonhado? E, ainda por cima, tinha me convidado para sair?

Olhei no relógio do museu, que ficava pendurado no meio da recepção, e vi que ainda tínhamos uma hora para ir ao hospício.

— Hora de irmos. — Desvencilhei-me do assunto, puxando-o em direção a saída.

Sáimos do museu e atravessamos a rua.

O hospício parecia mais assustador quando visto de perto. Parecia um castelo mal assombrado. Quem construiu isso deveria ter um péssimo gosto. O nome Saint Lucas encontrava-se entalhado em pedra, bem na entrada do lugar. O prédio tinha quatro andares e era coberto com tijolos marrons. As janelas eram gigantes, e todas tinham o mesmo formato quadrangular. A grama do jardim seria toda verde, se não estivesse coberta por milhares de folhas laranjas. Ninguém limpava isso aqui? Se a diretora Wells visse o estado desse jardim, teria uma síncope.

Algumas pessoas estavam sentadas em banquinhos brancos do jardim. E outras passeavam com os enfermeiros. Todos os pacientes usavam um roupão branco e chinelos com desenhos de patinhos. Os enfermeiros e as



peessoas nos encaravam, como se visitas não fossem uma coisa muito comum por aqui. Ian e eu trocamos olhares. Ele segurou minha mão e disse,

— É melhor nós entrarmos logo. – Concordei e nos dirigimos para as escadas que levavam a entrada do prédio. A escadaria cinza estava forrada de folhas secas.

O interior do prédio não era tão antigo e tão assustador quanto o lado de fora. Um balcão ficava na entrada, e uma recepcionista toda vestida de branco anotava algo em um caderno. Ela não notou quando entramos.

— Com licença — disse Ian, chamando a atenção da mulher. Ela ergueu os olhos e parou de anotar. Pela sua cara, nós a estávamos incomodando.

— Como posso ajudar? — falou, com uma voz esganiçada. Vi em seu crachá que se chamava Shirley.

— Viemos visitar uma paciente — respondi.

— E quem seria ela? — perguntou Shirley, pegando uma lixa e lixando as unhas. Isso que eu chamo de trabalho.

— Elizabeth Cooper — disse Ian.

Shirley digitou o nome no computador e aguardou um pouco.

— Sinto muito, mas essa paciente não está autorizada a receber visitas.

Droga! Eu estava perdida.



De repente, começamos a ouvir uma gritaria no corredor e logo depois alguns seguranças também com roupas brancas estavam correndo de um lado para o outro.

— Shirley, precisamos de ajuda! A louca da Meredith furou a mão da companheira de quarto e fugiu! De novo! — gritou um dos seguranças.

Shirley saiu do balcão e nos disse:

— Fiquem aqui, eu volto num instante.

Eu e Ian estávamos sozinhos na recepção. Mais sorte, impossível. Invadi o balcão e me sentei frente a frente com o computador. Por sorte o registro de Elizabeth ainda estava aberto.

— Aprilynne, o que você está fazendo? — perguntou Ian, olhando para os lados.

— Você acha que eu vim aqui à toa? Eu não vou sair sem falar com ela. Ela está no quarto 1122. Segundo andar. Vamos.

Sai em direção às escadas, para ir ao segundo andar. Olhei para trás e Ian estava parado.

— Você vai ficar aí sozinho? — perguntei, colocando as mãos na cintura. — Se eu fosse você teria cuidado com a Meredith. Ela pode te furar também.

Ele sorriu e veio em minha direção. Subimos as escadas o mais rápido possível, rezando para que ninguém nos pegasse. Aposto que o que eu havia



acabado de fazer era crime. Mas, às vezes, para conseguirmos o que queremos, é necessário burlar as regras.

Quando chegamos ao segundo andar, ele estava vazio,

— Acho que hoje é o nosso dia de sorte — afirmou Ian, procurando o número do quarto.

Andamos até o final do corredor e lá estava. O último quarto 1122. Minha tia estava lá. E aposto que algumas respostas também.

— Ok, entre lá e descubra tudo o que puder. Eu vou ficar vigiando. Tome cuidado, April.

— Deseje-me sorte — falei, entrando no quarto.

— Não demore — ele disse.

O quarto era meio vazio. Havia apenas uma cama, uma pequena cômoda e um sofá. Havia grades na janela. Provavelmente para ela não fugir. A janela estava aberta, permitindo que os feixes de luz invadissem o quarto. Elizabeth estava sentada no sofá. Seus cabelos, castanhos e curtos, estavam bem bagunçados. Seus olhos eram azuis violetas, assim como meus. Ela me olhou, mas logo desviou seu olhar. Seu olhar era triste e intenso, como se ela tivesse sofrido muito.

— Elizabeth? Oi, meu nome é Aprilynne — disse, me sentando na cama. A mulher nem se mexeu. Esperei um pouco, mas ela não disse nada. Será que ela era mesmo louca?



— Hum, então. Eu vim aqui porque quero saber algumas coisas. Você pode me ajudar? — perguntei e esperei. E esperei. — Eu queria saber o que realmente aconteceu com a sua amiga, Sarah. — Elizabeth não respondia. Ela só ficava encarando a parede.

— Elizabeth, você está me ouvindo? — perguntei e me levantei.

Será que eu deveria cutucá-la? Era melhor tentar. Cutuquei-a. Elizabeth nem se mexeu. Esperei mais um pouco e a chamei. E nada. Ela só continuava a olhar para um ponto fixo.

Ok, ela era louca. E surda. E muda. Em que tipo de mundo alternativo ela vivia? E o que tinha acontecido com essa mulher? Cutuquei-a e chamei seu nome. Novamente, nada aconteceu. Ela só ficava parada, sem ao menos piscar.

Que grande perda de tempo. Ela não ia falar comigo. Um desapontamento repentino invadiu minha mente. Que maldita estupidez ter vindo aqui. Sim, era verdade que ela havia se internado por vontade própria, mas tanto tempo presa em um hospício deve tê-la afetado de um jeito irremediável. Era hora de encarar a verdade: eu não conseguiria minhas respostas. Talvez alguns segredos existam para permanecer em silêncio. Talvez eu tivesse ido longe demais. Talvez essa obsessão em descobrir o que aconteceu com Sarah não estivesse ao meu alcance. Talvez, talvez, talvez.

— Não acredito que fiz tudo isso por nada — falei indo em direção a porta. .. Foi um erro pensar que você poderia me ajudar, e foi um erro pensar



que você talvez, só talvez, quisesse conhecer a sua sobrinha. Você é só mais uma decepção em minha vida.

Segurei a maçaneta e...

— O que você disse? — perguntou Elizabeth, assustada.

Larguei a maçaneta e cruzei os braços.

— Olha, ela fala! — exclamei, ironicamente, — Disse que você é só mais uma decepção em minha vida. Ah é, e que eu sou sua sobrinha, filha de Bridget. Mas você não poderia se importar menos, poderia?

Ela se levantou num ímpeto e correu até mim, me grudando na porta. Droga, eu sabia que ela era louca, mas me atacar? Deus, que maluquice ter vindo aqui! Ela me prensou contra a porta e me chacoalhou.

— Não pode ser! — ela disse, me olhando de cima baixo.

— Me larga! — eu gritei, engolindo em seco. Ela me apertava e seus olhos pareciam querer saltar. Então ela me apertou mais forte. Estava me machucando. E muito.

Senti alguém se chocar contra a porta, fazendo força para entrar.

— April, você está bem? April, abra a porta! — Ian gritou do lado de fora.

— Me solta! —, pedi. — Você não vê que está me machucando? Ian me ajuda! — gritei.



Senti as mãos dela se afrouxarem contra mim. Por fim, ela me soltou e eu abri a porta, assustada. Ian estava lá, seu rosto pálido.

— Você está bem? — ele perguntou.

Olhei para trás e vi Elizabeth sentada na cama, se balançando para frente e para trás,

— É, acho que sim — respondi, esfregando meus ombros doloridos,

— Vamos embora — ele ordenou, me empurrando gentilmente. Olhei para ele e vi que seus olhos estavam suplicantes. Ele também estava com medo.

Voltei o olhar para Elizabeth e vi o sofrimento dentro daquela mulher louca, que também era minha tia. A irmã da minha mãe.

Sangue do meu sangue. Eu não poderia deixá-la aqui. Não desse jeito. Não sem respostas.

— Eu... não posso — murmurei. — Preciso de mais tempo com ela.

Olhei para Ian e vi a desaprovação estampada em seu rosto. Estava claro que ele não concordava com isso.

—Você viu o que acabou de acontecer? Ela quase te sufocou — Ian vociferou, olhando em meus olhos, muito sério.

— Eu sei. Mas não posso culpá-la. Ela esteve aqui nos últimos anos. Presa, escondida como um bichinho assustado, Preciso ajudá-la. E também preciso da ajuda dela. Por favor — supliquei. — Só mais alguns minutos.



Ian, por mais que discordasse da ideia, cedeu. Ele caminhou até a porta e saiu do quarto.

— Grite se alguma coisa acontecer, ok? — ele pediu, suspirando, rendido.

Assenti e ele fechou a porta. Fui até a cama de Elizabeth e fiquei parada na frente dela. Percebi que, além de ficar se balançando para frente e para trás, ela também chorava em silêncio. Senti muita pena, afinal de contas, ela era minha família. Então, fiz o que meu coração mandou. Abracei-a. Com força, com amor, com saudade — uma saudade de alguém que eu jamais havia visto, mas que sempre estive em meus devaneios, fazendo parte de minha família — urgência e vontade.

Inevitavelmente, comecei a chorar também. Finalmente estava abraçando alguém da minha família! Ouvi-a soluçar alto e — até que enfim, Senhor — ela me abraçou também. E assim permanecemos por alguns minutos, em silêncio, só sentindo todo o desespero desse encontro percorrer nossos corpos e almas.

— Desculpe-me — ouvi-a sussurrar após algum tempo. Despreendi-me do abraço e a olhei nos olhos. Olhos iguais aos meus.

— Desculpar pelo o quê? — quis saber. Sentei-me ao lado dela e esperei pela resposta.

— Por ter deixado você sozinha. Por ter te abandonado e... Espere. Você tem família adotiva, certo? — ela perguntou.



Ri ironicamente e respondi:

— Se você considera duas adolescentes companheiras de quarto no orfanato em que eu vivo como família, então sim.

Ela começou a chorar ainda mais.

— Perdoe-me, me perdoe... — ela não parava de implorar por perdão.

— Está tudo bem, de verdade — eu assegurei.

— Não, não está. Você teve que viver esse tempo todo sozinha, sendo que eu estava aqui — ela justificou.

Respirei fundo e afastei as lágrimas do meu rosto.

— Então por que você não saiu? Por que não me procurou? — perguntei, um nó se formando na minha garganta,

Ela abaixou a cabeça e começou a se balançar novamente.

— Pare com isso — mandei, segurando o ombro dela.

Então ela sussurrou algo quase inaudível.

— Ela vai nos matar. Matar.

Semicerrei os olhos e perguntei:

— Quem? Quem vai nos matar, Elizabeth?

Ela chacoalhou a cabeça e começou a tremer. Jesus, o que aconteceu com essa mulher?



— Isso tem alguma coisa a ver com a morte de Sarah? — indaguei. No mesmo instante, ela parou de tremer e levantou a cabeça. Ela parecia descontrolada.

— O quê você disse? Como você sabe sobre Sarah? Quem te contou? — ela meio que gritou, se aproximando de mim.

Eu estava assustada, com medo que ela me machucasse. Afastei-me e me levantei da cama.

— Você vai me machucar de novo? Porque se for, eu vou embora.

Ela também se levantou e, completamente encolhida e assustada, segurou minha mão.

— Não, não me deixe sozinha - ela implorou sussurrando. - Eu prometo que não vou te machucar, mas você tem que me contar como sabe sobre Sarah.

— Eu... eu... — gaguejei.

— Conte! — ela gritou, extremamente perturbada.

— Eu a vi, ok? — gritei de volta. — Ela está morta, dentro de um lago.

Ela cobriu a boca com as mãos e começou a chorar. Meu Deus, eu estava ficando realmente assustada.

— Mas é impossível! — ela chorou e, depois de alguns segundos, agarrou meus ombros novamente. Encolhi-me e ela percebeu meu medo,



largando-me na mesma hora. — Desculpe-me. Eu estou tentando me controlar.

—Ok — eu disse.

— Seu namorado? Ele também sabe disso? — ela quis saber.

Demorei um tempo pra entender do que ela estava falando e, quando entendi, senti minhas bochechas corarem.

— Não! Ian não é meu namorado — eu praticamente gritei.

— *Humpf* — ela soltou.

— Mas ele sabe. Porque também a viu — expliquei.

Ela se sentou no sofá e fez um gesto que eu me sentasse também.

— Ela estava mesmo morta? — Elizabeth perguntou.

— É — eu disse, como se fosse óbvio. Bem, porque era mesmo. — Se ela estava dentro de um lago, significa que ela está morta.

Ela riu e chacoalhou a cabeça.

— Você não tem ideia do que diz, criança.

— Eu esperava que você pudesse me explicar — confessei, decidida.

Ela arregalou os olhos.

— Acredite, você não iria gostar de saber. Se entrar nessa história, jamais vai poder sair — ela avisou.



Cruzei os braços e a olhei nos olhos.

— Tarde demais, Elizabeth. Ian e eu já estamos bem envolvidos, se você quer saber.

Ela murmurou alguma coisa e se levantou, caminhando até a janela. Sentou-se no parapeito e olhou para mim.

— Quão envolvidos? — ela quis saber.

— Eu não sei, mas o bastante para que coisas estranhas aconteçam — respondi.

Ela arregalou os olhos e arfou.

— Que tipo de coisas estranhas, Aprilynne? Aprilynne — ela murmurou. — Que lindo nome. Adoro ele. Eu mesma sugeri esse nome a sua mãe.

Então ela que havia sugerido meu nome para minha mãe? Ai, que coisa mais fofa! Só de pensar nas duas lá, conversando sobre nomes de bebês, meu coração se apertou e eu perdi o fôlego. Qual era a pergunta mesmo?

— Então? — Elizabeth indagou.

— Promete que não vai me achar maluca? — perguntei.

— Eu acho que não estou em condições de chamar ninguém de maluca, já que eu que estou num hospício.

Dei risada e finalmente disse:



— Ok, é o seguinte: eu venho tendo esses sonhos estranhos com uma deusa egípcia chamada Bastet.

— Bastet? Como você sabe dela? — ela perguntou, se levantando.

— Acabei de dizer. Tenho sonhos com ela. Ela e a gata.

— Stek — Elizabeth afirmou.

— É, isso aí. E não são bem sonhos. São...

— Visões — Elizabeth completou, chegando mais perto. A expressão dela mostrava fascínio.

— Isso. E acontece o tempo todo. E, sempre que acontece, eu desmaio, e então, depois de uma série desses desmaios, eu fui parar no hospital e descobri o porquê.

— E no hospital eles te falaram que você tinha narcolepsia, não foi? — Elizabeth disse.

Epa. Mil vezes epa. Até então, eu não havia percebido. Mas como ela sabia o nome da gatinha de Bastet? E como ela sabia sobre a narcolepsia?

— Foi! Exatamente! — eu disse. — E também eu, recentemente, descobri que tenho algumas habilidades especiais. Posso enxergar e ouvir melhor. E também posso pular de alturas grandes sem nem me machucar. Mas como você sabe de tudo isso?

A não ser que... Ai. Meu. Deus.



— Como eu sei? Oras, de quem você acha que herdou esses poderes? Da Fada do Dente? Claro que não! Foi da sua avó. Não posso acreditar que você também esteja metida nisso. E você não tinha ninguém para te guiar. Pobre criança.

Arregalei os olhos e senti meu coração bater mais rápido. Era impossível!

— De jeito nenhum! — eu gritei.

— É verdade — ela afirmou. — Em que fase seus sonhos estão?

— Fase? Bem, Bastet quer fugir com Ammon, e ela já se casou com Nuru.

Ao dizer o nome do Nuru, vi que Elizabeth se encolheu.

— Você sabe o que acontece? — perguntei, curiosa.

— Sei, mas não posso falar. Você tem que vivenciar os sonhos, só assim entenderá tudo — ela explicou.

Bufei de raiva e disse:

— Mas eu vim aqui atrás de respostas e...

— E você já conseguiu algumas — Elizabeth interrompeu.

— Mas preciso saber sobre Sarah. Por favor — supliquei.

Alguém bateu na porta e ela se abriu, Ian entrou no quarto e disse:



— Precisamos ir! Nossos ônibus acabaram de partir. Estamos bem encencados!

— Droga! — levantei-me e fui até a porta. — Elizabeth, eu preciso ir. Mas eu prometo que volto.

Ela sorriu e concordou com a cabeça.

— Foi bom conhecer você, sobrinha.

— Foi bom conhecer você, tia — eu disse, sorrindo, me sentindo parte de uma família, pela primeira vez na vida. — Tchau.

Ela acenou e eu fechei a porta. Ian e eu começamos a correr e passamos rápido pela recepção, que ainda continuava vazia. A coisa com a Meredith deveria estar barra pesada. Saímos do hospício e atravessamos a rua.

— O que vamos fazer? — perguntei.

— Bom, na escola não vai mais ter aula hoje, já que tiramos o dia para a visita, então eu acho que a minha barra está limpa, o negócio vai ser explicar para os meus pais, mas tudo bem. Agora você...

— É agora que eu me ferro — disse, bufando.

Ele começou a rir e tirou algo do bolso.

— Está rindo do quê? — perguntei brava.

— Nada, não se preocupe. Vamos pegar um táxi.



Rolei os olhos e Ian assoviou para parar um táxi. Ele abriu a porta para mim e nós entramos no carro. No caminho, contei toda a história para Ian, sussurrando quando necessário, já que o taxista poderia ouvir alguma coisa. Ele ficou tão perplexo quanto eu sobre o fato de minha tia também ter essas habilidades estranhas. Pena que não deu tempo de saber o que mais eu poderia ser capaz de fazer. Também comentamos sobre o que aconteceu com Sarah, mas nenhuma ideia plausível o suficiente surgiu para virar uma teoria.

Então, simplesmente paramos de tentar adivinhar e decidimos agir. Essa noite nós iríamos ao lago novamente. Ian passaria no orfanato e me levaria até a floresta. E eu estava disposta a correr todos os riscos para descobrir qualquer coisa a mais.

Ian me deixou no portão do orfanato e eu entrei. O ônibus do orfanato estava estacionado ali em frente. Por sorte, a diretora Wells estava fazendo a contagem de alunos naquele exato momento. Dei a volta no ônibus e me misturei na multidão de alunos enquanto a chamada era feita. Ouvi-a chamar meu nome e levantei o braço. Só não entendi qual era a relevância de se fazer chamada após a chegada no orfanato. E se algum de nós tivesse ficado para trás? Ela iria voltar até lá?

Entreí no orfanato e fui até meu quarto, procurando Kaleigh e Claire. Assim que entrei, as duas pularam em cima de mim, me bombardeando com perguntas. Como foi com o Ian? Muito bem, obrigada. Sobre o que vocês conversaram? Nada demais. Ele te levou pra almoçar? Sim, no restaurante mais chique e delicioso que já estive na vida. Ele te trouxe de volta? Não, vim



montada em um cavalo. Terminadas as perguntas, deitei-me e suspirei fundo. Que dia!

— Ah, e acho bom você agradecer a Angelique — Claire disse enquanto fazia uma trança no cabelo da Kaleigh.

— Por quê? — perguntei, encarando o teto.

— Porque foi ela que convenceu a Wells a fazer a chamada quando a gente chegasse aqui, em vez de fazer lá no museu mesmo.

— Sério? Minha nossa, essa garota está cada vez mais estranha — falei.



Capítulo 11

Atentado

“Depois da floresta selvagem vem o vasto mundo — disse a ratazana. — E nós não temos nada a ver com ele, nem você, nem eu. Nunca estive lá e também não irei, e você muito menos, se tiver um pinga de bom senso.”

Kenneth Orahame — O vento nos salgueiros

Meia-noite. Ian já estava me esperando nos fundos do orfanato. Saí pela janela da cozinha sem fazer barulho.

— Está pronta? — ele perguntou.

— Sim, eu trouxe algumas coisas que podem ajudar — disse, sussurrando. — Mas primeiro vamos sair daqui antes que alguém nos veja.

A noite estava fria e silenciosa. O céu não tinha nenhuma estrela, mas a lua estava brilhando. O vento batia contra meu rosto, me fazendo lembrar a primeira noite em que estive na floresta. Foi tão assustador, realmente pensei que não sobreviveria. Então Ian me salvou, e agora eu estava aqui, com ele, novamente. E pensar que eu o odiava. O destino nos prega grandes peças.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Entramos na floresta e começamos a caminhar. A floresta estava mais fria do que o jardim do orfanato, e o único barulho audível era o do vento e dos grilos.

— Eu trouxe uma lanterna, água e duas toalhas.

— Toalhas? — indagou ele, abrindo a mochila.

— É. Não é loucura, ok? Da última vez que estive aqui, eu quase morri de frio. Se nós nos molharmos ou coisa do tipo, essas toalhas vão ajudar.

— Hum, faz sentido. Eu trouxe uma lanterna, cordas, um pouco de comida, e um taco de baseball — ele disse, me mostrando tudo. Cruzei os braços e o encarei. — O quê? Um taco para se defender.

— E você rindo da minha toalha. Vem, vamos logo chegar nesse lago — disse, apressando o passo.

— Mas Ian não caminhou. Continuou lá, parado.

— É que... — ele começou, depois desistiu. Então mexeu no cabelo e ficou olhando para o chão.

— Olha, Ian, agora não é o momento de amarelar. Nós vamos fazer isso, ok? Porque estamos juntos nessa. Não precisa ter medo — disse, segurando a mão dele. — Ok, você pode ter medo, mas para de palhaçada. Nós chegamos até aqui. Não vamos desistir — incentivei-o.

Ele se aproximou e, suspirando fundo, disse:



— Não é da Sarah que eu tenho medo. – Ele se aproximou mais ainda e me olhou nos olhos. — Eu tenho medo de fazer isso.

E então ele me beijou e eu explodi em milhares de pedacinhos de purpurina.

Tipo, mesmo. Era como se eu fosse feita de gelatina; estava mole e prestes a desabar a qualquer momento. Mas não desabaria. Ah, não... Porque simplesmente não poderia interromper esse beijo. Esse beijo irresistível, doce, suave...

Oh, Deus! Coloquei as mãos na nuca dele e ele passou os braços em volta da minha cintura.

Seus lábios eram gentis e macios contra o meu. Ninguém nunca havia me beijado assim antes. Nem o Charles, o garoto com quem eu tive um “caso” de alguns meses na escola pública. Qual é, o garoto era gato, mas vivia chapado... Mas diabos, por que eu estava pensando no Charles? Ian estava me beijando. Ian Carmichael, o garoto que eu odiava. O garoto que salvou a minha vida.

E agora ele estava me beijando.

Oh, Deus. De onde veio isso? Quer dizer, Ian é absurdamente bonito, mas eu não pensava nele desse jeito... Mas talvez eu devesse começar a pensar. Porque do jeito que ele estava me beijando...

Por mais que eu estivesse gostando do beijo, a dúvida falava mais alto. Então eu tive que perguntar.



— Ian, de onde veio isso?

— Shiu, não fale nada. Uma palavra pode estragar tudo — ele disse, voltando a me beijar.

— Uau — eu soltei, sem fôlego, assim que ele interrompeu o beijo. Ambos estávamos ofegantes. — Nunca mais tenha medo de fazer isso.

Ian riu e olhou nos meus olhos.

— Eu jurava que a antiga April iria me dar uns bons tapas — ele confessou.

— E eu jurava que o antigo Ian Carmichael jamais me beijaria — contra-argUMENTEI.

Ian se inclinou e sussurrou em meus ouvidos:

— Então é ótimo que eles tenham ido embora.

E então me beijou. De novo.

Chegamos ao lago, ofegantes. Não tanto por causa da coisa beijo-respira-beijo-ri-beijo-respira. Ok, talvez um pouco por isso, mas a verdade era que nós demoramos muito para encontrar o lago. Era mais longe do que eu imaginava, portanto tivemos que andar por um bom tempo.

— Ok, chegamos. O que vem agora? .- perguntei, tomando um gole de água.

— Vamos dar uma olhada no lago.



— Você quer pular lá? Nesse frio?

— Não, Aprilynne. Foi por isso que trouxemos as lanternas — riu.

— Engraçadinho — falei, pegando a minha lanterna. Fomos para a borda do lago e nos agachamos. — Você já viu o tamanho disso? Vamos levar séculos para achar a Sarah. Isso é, se ela ainda estiver aqui.

— É só nos apressarmos. Ligue a lanterna e comece a trabalhar. Minha ótima visão e minha boa audição estavam funcionando, o que me ajudou bastante na procura. Eu já tinha percorrido metade do lago e nada da Sarah. Ian estava do outro lado procurando, mas também sem nenhum sucesso. E o fato de eu querer beijá-lo mais uma vez não ajudava em nada na busca, pois praticamente não conseguia tirar os olhos dele. Olhei para o relógio e já passava das três da manhã. Eu estava realmente cansada.

E agora a floresta não estava mais quieta. Podia escutar uns sons estranhos vindo dela. As árvores balançavam freneticamente. Os animais faziam barulhos, aparentemente apavorados. Algo estava errado. Muito errado. Até a lua havia se escondido.

Então, pude ouvir mais barulhos estranhos acompanhado por passos e uma respiração ofegante.

— Ian, eu acho que nós não estamos mais sozi... — comecei a dizer, mas fui interrompida.

Alguém havia me agarrado por trás com força. Pelo reflexo no lago, pude ver que a pessoa usava uma máscara.



— Me larga! — Eu me debatia com força. — Me larga! Socorro, alguém me ajude! — eu gritava. Mas o agressor tampou minha boca com força e eu tive que me calar.

Comecei a me debater violentamente, fazendo de tudo para me soltar. Mas ele era forte demais. Eu teria que ceder em algum momento.

Então o agressor me jogou no chão e se lançou em cima de mim. Instantaneamente, senti algo quente escorrer da minha nuca. Oh, Deus, eu estava sangrando.

Ele agarrou meu pescoço e começou a me sufocar.

Tentei procurar por Ian, mas ele estava deitado no chão com um pano na boca.

Desmaiado.

Debati-me com toda força, tentei chutar quem estava me agarrando, mas tudo foi em vão. Suas mãos continuavam a apertar minha garganta. Eu estava sufocando lentamente. Todas as células do meu corpo imploravam por ar. Como a desgraça nunca andava sozinha, um pano com uma substância forte foi colocado em meu rosto e, depois disso, comecei a ficar zozza. A última coisa que vi antes de desmaiar foi o agressor jogando Ian no lago. E eu seria a próxima.

Stek sentiu o ar esvanecer de seu corpo. E um suspiro pesado ecoou em seus ouvidos. Ela sabia o que estava acontecendo.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Sem erros desta vez, Stek prometeu a si mesma. Forçou-se a correr mais rápido enquanto um furacão de emoções passava pelo seu corpo em uma espécie de descarga elétrica.

O desespero da garota era o desespero de Stek. O sufoco. A falta de ar. Tudo a atingia. Imagens do que estava acontecendo passaram pela mente de Stek. Aquilo era o bastante.

Ela lançou-se mais na mata, percorrendo cada centímetro com maestria.

A menina nem ao menos estava consciente, pelo amor de Bastet! Quem quer que tivesse feito isso iria pagar. Ah, iria sim. Stek farejou o ar e sentiu o cheiro dela. Só mais alguns metros. *Aguente firme, menina. Aguente firme.*

Respirar doía. Pensar doía. Minha garganta estava fechada e meu corpo não se mexia aos meus comandos.

Eu estava morta. Certo?

Não. Porque em meu peito o coração ainda batia. Batia acelerado, desesperado. Mas então por que meus pulmões estavam tão pesados? Sugar o ar se tornara um fardo. Cada suspiro me matava, me feria. E Ian... Ai meu Deus, o que havia acontecido com ele? Tentei abrir os olhos, mas uma luz irritante fez com que eu os fechasse novamente. Coloquei a mão em cima dos olhos e os abri, bem melhor.

—Você está bem? — ouvi uma voz masculina perguntar.

Senti algo entalado em minha garganta e tossi. Tossi água. Muita água.



— Alfred, traga mais um cobertor — disse a voz.

Alfred...? O mordomo do Ian! Deus, onde eu estava? A luz irritante se apagou e eu tirei a mão dos olhos. Um homem de meia idade estava parado em minha frente. Os olhos dele eram verdes e brilhantes, e ele tinha olheiras debaixo dos olhos. Olheiras de cansaço.

Olhei em volta e vi que estava deitada em uma cama de solteiro, em um quarto cheio de posters de várias bandas. O quarto também tinha um mural cheio de fotos. E Ian estava em todas. Isso só poderia significar uma coisa: eu estava na casa do Ian. Na cama dele, para ser mais específica. Mas, se eu estava aqui, onde ele estaria?

— Você está bem? — o homem voltou a perguntar.

— Acho que sim — respondi, levantando-me e sentando-me na cama. Uma manta estava em cima de mim. E a minha toalha estava por baixo. Eu disse que seria útil. Agarrei-me a ela e suspirei fundo. — Quem é você? — perguntei com dificuldade.

Ele sorriu e estendeu a mão.

— Sou Stefan Carmichael. Pai do Ian. — Ele sorriu e apertei sua mão. – E você deve ser...

— Aprilynne. Ou só April — apresentei-me, soltando a mão dele. Alfred entrou no quarto com uma xícara de chá e um cobertor. O senhor Stefan colocou a coberta em cima de mim e me entregou o chá.

— É um prazer revê-la, senhorita Hills — Alfred sorriu amarelo.



Ok, vou fingir que acredito.

— Vocês dois se conhecem? — o pai de Ian quis saber.

— Sim, senhor. Ian já a salvou uma vez. A menina que estava morrendo, lembra? — indagou.

O senhor Stefan mexeu a cabeça e eu beberiquei o chá.

— Como poderia esquecer? Ian me contou sobre você, April. Você mora no orfanato, não é? Você estudava na antiga escola dele.

Assenti e voltei a beber o chá. Eu começava e me sentir um pouco melhor.

— Ian está bem? — perguntei.

— Sim. A mãe dele está cuidando dele agora. Nós somos médicos.

Bem, isso explicava de onde Itirava tanto dinheiro.

Alfred saiu do quarto, nos deixando sozinhos. Senti meus cabelos emaranhados e molhados. Daria um trabalho tremendo para desembaraçar depois. Mas coisas mais importantes passavam por minha mente.

O que havia acontecido, exatamente? Quer dizer, alguém tentou nos matar. E esse mesmo alguém nos jogou no lago. Só isso explica o cabelo molhado. Olhei para meu corpo e vi que eu vestia uma blusa de flanela meio grande e uma calça de moletom. Deveriam ser da mãe do Ian, provavelmente.



— Vocês tiveram sorte, sabe — o pai de Ian começou a falar. — Se Nina não começasse a latir desesperadamente, nós nunca teríamos ido até os fundos da casa e os encontrado. E sei também que estiveram na floresta. Agora, por favor, me responda: o que vocês dois faziam lá? De madrugada?

Mordi o lábio inferior e desviei o olhar para o chá. O que nós fazíamos lá, senhor Stefan? Bem, primeiramente nós estávamos dando uns amassos, mas depois fomos fazer o trabalho sujo, o que significa que nós procurávamos por uma garota morta chamada Sarah, mas tudo deu errado, porque aparentemente, fomos jogados dentro de um rio, largados lá para morrer. Entretanto, de algum modo realmente inexplicável, viemos parar em frente à sua casa, inconscientes.

— Nós estávamos... perdidos - menti. — Nós perdemos o ônibus de volta e resolvemos pegar um ônibus público, mas pegamos o ônibus errado e fomos parar no meio da floresta. — Tomei mais um gole de chá e rezei para que ele não percebesse a hesitação em minha voz. E acreditasse nessa mentira deslavada.

Ele cruzou as mãos e olhou seriamente para mim.

— Você também estava no passeio ao museu? — ele indagou.

Fiz que sim com a cabeça e coloquei a xícara. Enrolei-me melhor no cobertor e, pouco a pouco, senti o frio dar lugar a um confortável calor. Lembrei-me do sangue escorrendo da minha nuca e a toquei. Estava coberta por um esparadrapo.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Espero que não se importe, mas eu fiz um curativo. Sorte sua que não precisou levar pontos. — Ele sorriu. — Mas como vocês acabaram ensopados, machucados e inconscientes?

— Eu cai no lago e bati a cabeça em uma pedra. Ian pulou no lago e me salvou. Fora isso, eu não me lembro de mais nada, — Jesus, estava ficando cada vez mais fácil mentir.

Ele arregalou os olhos e fez sinal para que eu me deitasse.

— Você sempre parece ser a donzela em perigo, não é mesmo? — ele riu. — Descanse um pouco, quando amanhecer eu te levo ao orfanato. Vou ver como Ian está.

— Obrigada — agradei sinceramente. Ele sorriu e saiu do quarto, deixando-me sozinha com meus pensamentos.

Alguém queria nos ver mortos. E esse alguém ficaria irritadíssimo ao saber que havíamos sobrevivido. O pior de tudo era não saber como havíamos parado em frente à casa do Ian. Quem havia nos salvado? Como teve força o bastante para carregar duas pessoas? E como teve tanta agilidade para nos tirar do lago com vida? Entre um maremoto de perguntas, acabei adormecendo.

— *“Neblina deslizando pelos meus pés.*

Corro, corro, até não ter mais fôlego. Ao meu redor, tudo é escuridão.

Ela me envolve sem receio. Fecho os olhos. E assim permaneço por alguns instantes.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Até sentir algo encostar-se em meu ombro. Viro-me.

*É a Esperança, sussurrando uma canção de ninar. Não tenha medo...
Não corra...*

*Abrace seu destino e se entregue a ele – ela canta. E então, ao invés da
escuridão, uma aurora magnífica se estende até onde os olhos alcançam.*

*Olho para meus pés — a neblina sumiu, dando lugar a um gramado
verde e macio.*

Olho para trás, querendo agradecer a Esperança.

Mas ela já havia partido.

E, de alguma forma, eu sabia que tudo ficaria bem.

Simplesmente bem.”— É o que eu me ouço dizendo para sala toda.

O negócio é que a nossa professora, a Srta. Leavitt, nos havia dado uma lição de casa: escrever um poema sobre esperança. Então, a primeira coisa que fiz ao chegar escondida no orfanato, às sete horas da manhã, foi escrever o bendito poema, pois valia nota. Assim que terminei de escrevê-lo, fiquei lembrando tudo que aconteceu nas últimas horas.

O beijo. O ataque. O salvamento. E, além disso, fiquei pensando na maneira em que se sucedeu o café-da-manhã na casa dos Carmichael.

Ian, graças a Deus, havia acordado e veio falar comigo. Eu nunca havia imaginado que dormiria na casa dele. Logo dele. Nós concordávamos nas mesmas suspeitas — quem havia nos atacado, quem havia nos salvado — e



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



começamos a ressaltar hipóteses. Nenhuma válida, mas pelo menos tentamos. Nenhum de nós teve coragem o bastante para falar do beijo. Meio irônico, não? Ter sofrido um ataque de morte não nos assustava, mas falar sobre o beijo nos deixava completamente apavorados. Bom, pelo menos o clima não tinha ficado constrangedor. Ambos agimos naturalmente.

Alfred havia preparado um delicioso chocolate quente e havia comprado croissants de vários sabores, como de quatro queijos, pasta de amendoim e amora. Os pais de Ian tomaram café conosco também, já que eles partiriam para o hospital em que trabalhavam. A mãe de Ian, Annabelle, era muito simpática, mas tinha uma expressão cansada, assim como o pai de Ian. Não deve ter sido fácil para eles cuidarem a noite toda do seu filho e de sua amiga bisbilhoteira. Amizade, essa, com benefícios, se é que me entende. Mas, continuando, os pais dele não demonstravam o cansaço, sendo gentis e me fazendo sentir bem-vinda.

Alfred também foi muito legal comigo, diferente do dia em que nos conhecemos. Ian tinha um corte na testa e um curativo grande o cobria. Ele não iria à escola por causa do machucado, mas mesmo assim, acompanhou-me até o orfanato quando seus pais me deram uma carona.

Despedi-me deles e agradei incondicionalmente por tudo que haviam feito por mim. Entrei escondida no orfanato e fui direto para o quarto, onde Kaleigh e Claire pareciam estar mortas, de tão profundo que era o sono delas. Fui à biblioteca e fiz o poema lá. Oh, então. Ficou meio porcaria, mas francamente, eram sete horas da manhã, pelo amor de Deus!



Olhei nos olhos dos meus colegas de classe e fiquei esperando por uma resposta. Quase todo mundo estava terminando seu poema às pressas, já que se esqueceram de fazer ou algo assim. As únicas que prestavam atenção eram a professora, Claire e — Jesus Cristo — Angelique.

— Isso foi um tanto... — começou a professora.

— Perturbador? — riu Angelique. Senti minhas bochechas corarem, já era difícil ficar ali em pé na frente da sala toda, ainda mais quando alguém tirava sarro de você.

— Não, Angelique. Mais respeito, por favor. Foi sombrio, com um toque de frescor — a Srta. Leavitt falou.

— Close-up, quando mais perto melhor — Angelique disse, provocando o riso de todos aqueles que pararam para ouvir a professora falar.

Ok, então o poema não era tão bom, mas compará-lo com slogan de pasta de dente? Foi o fim, fui para meu lugar e sentei-me.

— Controlem-se, por favor — ordenou a professora.

Depois de várias tentativas, os alunos resolveram obedecer. Vi um aviãozinho de papel pousar em minha carteira. Abri-o.

Ligue para ela não, A. O poema ficou lindo e sombrio— assim, como você!

PS. Sua malandrinha, pode ir contando tudo sobre ontem à noite!

Claire!



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Olhei para ela e sorri. No mesmo papel, respondi:

“Obrigada Claire! Ah, agora não posso contar.

Na hora do almoço, pode ser?

April”

Virei para trás e joguei o aviãozinho de volta. Claire leu e fez que sim com a cabeça. A Srta. Leavitt chamou os outros alunos para lerem os poemas e, cada vez que um ia ler, a sala explodia em gargalhadas. Um pior que o outro; eu não acreditava que a Angelique havia falado mal do meu. Eu era a encarnação de Shakespeare em comparação aos outros.

Depois que a aula de literatura acabou, fomos para o jardim ter uma aula prática de biologia das plantas e, por fim, foi a hora do almoço.

Fui para o refeitório, peguei uma bandeja e comecei a despejar o cardápio de hoje no prato. Peixe grelhado, macarrão e salada de alface.

Claire e Kaleigh eram as únicas sentadas na mesa, o que facilitou para que eu contasse — ou melhor, mentisse — sobre os acontecimentos de ontem no meu “encontro”, como elas chamaram, com o Ian.

Falei que ele havia me levado ao parque de diversões da cidade, mas eu havia caído de um brinquedo e cortado a nuca. Então Ian me levou para sua casa e o pai dele fez um curativo.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Você está ficando boa em chegar escondida — disse Kaleigh. — Ninguém nem ouviu quando você chegou.

Tomei um gole de suco e cortei um pedaço do peixe.

— Pois é.

— Mas conta mais sobre o parque! Tinha algodão doce? Tinha barco do amor? — Claire quis saber.

— Não, não — menti. — Era um parque bem simples. Tinha um castelo de terror. Foi assustador, de verdade. Tinha até uma pessoa com máscara e tudo mais — eu disse, tentando conciliar a noite real com a inventada, — Ah, e nós nos beijamos.

Claire arregalou os olhos e Kaleigh, dramática do jeito que era, cuspiu o suco que estava bebendo.

— Nossa, isso realmente era necessário? — perguntei.

— Sim! — Kaleigh praticamente gritou. — *AimeuDeus*, conta tudo!

Então contei tudo. Como elas pediram detalhadamente, não omiti nada. Ah, por favor, essa era a única coisa que eu podia compartilhar com elas! Não poderia simplesmente ficar calada.

Finalmente, após muitos detalhes e comentários, terminamos de almoçar e fomos à biblioteca estudar. Tínhamos um teste de biologia e um seminário de história para apresentar essa semana, ou seja, estávamos bem



ferradas, ou nem tanto, já que Claire estava no nosso grupo e ela era a mais inteligente da sala.

Passamos o dia todo fazendo pesquisas e estudando. À hora do crepúsculo, estávamos exaustas. Tomamos um banho quente e fomos descansar em nosso quarto. Enquanto elas liam ou faziam qualquer coisa, eu dormia.

E Bastet tomou conta dos meus sonhos mais uma vez. Eu não sabia como, mas tinha certeza de que oito meses haviam se passado na história dela.

Nada do que eles tinham planejado havia funcionado. Na verdade, tudo dera errado. No dia em que eles combinaram de fugir, algo aconteceu e Bastet teve de ir embora, antes que os guardas chegassem. Desde então, ela não o tinha visto mais. Bastet estava deitada enquanto acariciava sua barriga. A barriga que carregava um filho de Ammon. Nuru pensava que o filho era dele. Estava tão enganado!

— Bastet! — gritou Khepri entrando às pressas no quarto. — Amanhã. Ou vocês fogem amanhã ou não fogem nunca! — ela disse, tentando recuperar seu fôlego.

— O que você quer dizer com “fogem amanhã ou não fogem nunca”? —, perguntou a deusa, sobressaltando-se.

Khepri sentou-se na cama e respondeu:



— Nuru vai matá-lo daqui a dois dias. Tem de ser amanhã. Eu te ajudarei.

Bastet sentiu uma fígada de dor em seu coração. Nuru iria matá-lo? Depois de tanto tempo? Será que ele havia descoberto sobre a minha traição? Não! Como poderia? Sai antes de qualquer guarda chegar, e absolutamente ninguém me vira, pensou ela.

— Ammon sabe da criança?

— Sim, Bastet — Khepri disse envergonhada. — Perdoe-me, senhora, mas tive que contar a Ammon, ele se sentia culpado por deixar você sozinha todo o tempo, então eu contei a ele que você não estava sozinha. Fui vê-lo hoje.— ela confessou.

Stek entrou no quarto e pulou em cima da cama. Virou o corpinho miúdo para que Bastet fizesse carinho em sua barriga,

— E o que ele disse? — perguntou a deusa, nervosa, ele a odiaria por carregar um filho dele?

— Nunca o vi naquele estado. Nunca o vi tão feliz. Um raio de esperança no meio de tanta solidão — ela disse com um sorriso. Bastet sorriu também e a abraçou.

— Nunca vou poder te agradecer o suficiente, vou?

— Oh, senhora, eu me sinto honrada em servi-la. Vou sentir sua falta — Khepri confessou.



As moças se desprenderam do abraço e, subitamente, Bastet teve uma ideia.

— Você não precisa! — a deusa disse. — Fuja conosco!

O rosto dela se iluminou e ela sorriu.

— De verdade, Bastet?

— Sim, querida amiga. De verdade!

Elas se abraçaram novamente e começaram a combinar tudo para a fuga. Ammon já estava ciente de tudo, o que facilitava as coisas.

O calabouço ficava abaixo do depósito de caixas de vinho, dentro de uma pirâmide. A porta ficava ao lado de enormes prateleiras cobertas de pó. Entrando por ela, havia uma grande escadaria, em seu fim, o calabouço. Na hora marcada, Bastet, Stek e Khepri estavam prontas para fugir. Enquanto Bastet aguardava na escadaria do calabouço, para não ser reconhecida por nenhum guarda, Khepri havia ido soltar Ammon com a ajuda de um guarda amigo. Stek estava andando pelo castelo, para se certificar de que tudo estava tranquilo e ninguém suspeitava de nada.

Os poderes de Bastet estavam em sinal de alerta. Pela janela ao lado da escadaria subterrânea, ela pôde ver a lua. Estava gigante, e seu brilho a dava certeza de que tudo daria certo e que, em breve, ela estaria feliz novamente. A noite estava fria, mas Bastet não se importava. Tudo que ela queria era sair da fortaleza de tristeza e amargura e viver feliz para sempre com o seu amado Ammon.



Luzes vindas de velas e candeeiros iluminaram as paredes da escadaria. Alguém estava subindo. Preciso me esconder, pensou ela. Assim, subiu as escadas e escondeu-se atrás de caixas ao lado dos primeiros degraus. Esperou por alguns segundos e seu pressentimento estava correto. Dois guardas subiram as escadas, fazendo a ronda noturna, então logo se foram. Eles não demorariam a voltar. Khepri tinha que se apressar.

—Vamos, rápido! — A deusa pôde ouvir a voz de Khepri pela escadaria. Ela havia conseguido, Bastet saiu de seu esconderijo e foi ao encontro deles.

No momento que avistou Ammon, seu coração começou a bater mais forte, como se todo esse tempo estivesse adormecido, apenas esperando por ele. Ela nunca havia se sentido tão viva!

— Eu senti tanto sua falta, minha bela Bastet — disse Ammon, envolvendo-a em um abraço apertado. — Eu te amo tanto.

— Eu também, querido Ammon — sussurrou Bastet.

Bastet ia falar algo mais, mas a visão de Stek correndo em sua direção a deteve. Bastet pôde escutar além das paredes com os seus poderes. Nuru havia descoberto sua fuga. E estava vindo.

— Nós temos de ir agora, Nuru está vindo! — disse Bastet, se apressando e saindo do depósito de vinhos. Khepri e Ammon estavam atrás dela. Saíram pela passagem secreta da pirâmide, entretanto, dois guardas



estavam lá fora. Com lanças nas mãos. Não havia jeito de escapar dessa sem usar seus poderes.

— Tapem os ouvidos — Bastet sussurrou para Ammon e Khepri. Eles fizeram o que ela mandou.

Com toda a força, Bastet soltou o grito mais profundo e agudo que pode. Os guardas caíram no chão no mesmo instante, agonizando. Os três saíram correndo e atravessaram uma duna de areia. Stek os havia alcançado e estava ao lado de Bastet. Cavalos os esperavam do lado de fora da fortaleza, como o combinado. Ninguém os deteria.

Bem, pelo menos era isso que todos pensavam.

—Ahh! —acordei sentindo uma golfada de ar escapou de meus pulmões. Estava encharcada de suor, meu cabelo estava todo ensopado e minhas roupas, grudadas ao corpo. Respirei fundo e olhei no relógio. Nove e quinze da noite.

Meu Deus, quanta coisa havia acontecido! Bastet grávida de Ammon? Nuru descobrindo a fuga? Eu queria saber mais. Precisava saber mais. Nuru conseguiria prender Baster? E Ammon...

Desci da cama e fui à janela respirar ar puro. Ventava muito naquela noite, e várias nuvens pesadas cobriam o céu. Meu coração ainda batia rápido, fazendo meu peito latejar.

Eu sentia o que Bastet sentia. Nos sonhos, eu era ela. Bem, eu me sentia como ela. Elizabeth estava certa. Eu era mesmo descendente de Bastet. Era a



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



única explicação para todos esses sonhos. E para os poderes também. Deixei o vento bagunçar meus cabelos por mais algum tempo e depois fui ao refeitório, onde encontrei Claire e Kaleigh conversando e rindo.

Servi-me de sopa e pão integral e fui me sentar ao lado delas.

— A Bela Adormecida resolveu despertar — brincou Kaleigh.

Dei um risinho e comecei a tomar a sopa.

Enquanto elas conversavam, eu fui montando um plano em minha mente. Amanhã eu veria Elizabeth novamente. Tudo bem, ela havia dito que eu precisava vivenciar os sonhos, e era isso que eu estava fazendo. Mas ela sabia coisas sobre sua amiga Sarah que ninguém mais sabia. Estava na hora de descobrir isso de uma vez por todas. E eu queria contar a ela sobre o que havia acontecido no lago; ela, com certeza, deveria ter alguma explicação para toda essa confusão. E talvez, só talvez, ela estivesse certa. Eu não fazia ideia de onde estava me metendo, mas eu havia sido escolhida por algum motivo. E não desistiria até ir ao fundo nessa história. Pelo menos eu não estava sozinha. Tinha Elizabeth e Ian ao meu lado. E isso era suficiente para mim.



Capítulo 12

A proposta

“Eu te vi hoje, meu amigo estranho. Tudo mudou. Você veio assim distante. Você está diferente agora. Você queria voltar atrás. Diga adeus, diga adeus a “você” que eu conhecia antes. Diga olá, diga olá para um novo começo.”

Joy Williams — Say goodbye

— De novo, April? – Kaleigh sussurrou em meu ouvido. Ela estava sentada atrás de mim, e o Sr. O'Donnell havia nos dado exercícios para fazer em sala. Como eu havia copiado de Claire, sobrou tempo para bater papo.

— Por favor — implorei a ela, virando-me. — É importante.

O Sr. O'Donnell nos mandou ficar em silêncio e eu me virei. Quando meus olhos encontraram os dele, ele me olhou de cara feia. Desviei o olhar e fingi estar fazendo os exercícios. Após alguns minutos, sussurrei para Kaleigh:

— Por favor. Eu fico te devendo essa.

— Essa e mais outras mil, né? Aonde você vai, afinal de contas? — ela perguntou.



Sorri amarelo e respondi:

— Desculpe, mas não posso falar. Prometo que um dia vou contar, mas não agora.

Kaleigh fez cara feia e revirou os olhos. Ok, eu estava passando dos limites. Mas eu precisava ver Elizabeth. Era caso de vida ou morte.

— Se eu vou reencobrir de novo, pelo menos tenho que saber onde você está indo. Ultimamente você tem estado distante, já não conta mais nada para nós — ela reclamou, fazendo com que eu me sentisse extremamente culpada.

Pois era verdade. Elas não sabiam nem metade do que estava acontecendo na minha vida. Desde o dia em que eu vi Sarah no lago, nossa relação tem se baseado em mentiras. Mas essas mentiras serviam para protegê-las. Eu não queria metê-las nisso. Era muita confusão para uma garota só, imagine mais duas no meio.

— Por favor — supliquei.

— Ok, tanto faz — ela disse, emburrada.

Sorri e dei um beijo em sua bochecha.

— Obrigada!

— Não há de quê, senhorita Hills. Já que está tão empolgada, que tal sair para tomar um ar fresco? — O Sr. O'Donnell perguntou.

Droga.



— Não, professor. Eu estou bem aqui, — Dei o meu melhor sorriso inocente e rezei para que ele não me tirasse da sala.

Todos olharam para mim, querendo saber o que aconteceria em seguida. Angelique deu risada e mostrou a língua. Aquela ordinária

— Boa tentativa, senhorita Hills. Fora da sala. Já! — ele mandou.

Recolhi meu material e saí da sala, recebendo um olhar repreensivo de Claire e um riso descontrolado de Angelique. Fui ao quarto e me troquei para ir visitar minha tia. Algo me dizia que essa visita poderia mudar muita coisa em minha vida.

Dessa vez eu iria sozinha. Ian estava se metendo em muitos problemas por minha causa. Eu tinha de descobrir algumas coisas por conta própria. E outra, tinha certeza de que aquela enfermeira do hospício — Shirley — iria se lembrar de nós, por isso seria mais fácil entrar sozinha. Saí do orfanato pela janela do quarto. Ok, isso não era totalmente necessário, mas como eu podia saltar sem me machucar, não resisti e pulei.

Nos últimos dias, percebi que minhas ótimas visão e audição não iam e vinham mais. Agora eram permanentes. Assim como os meus saltos. Será que outro poder iria se manifestar em meu corpo? Eu esperava que sim. Tudo bem, essa coisa toda de garota afogada e pessoas tentando me matar eram bem assustadoras, mas eu gostava dos meus poderes. Eu não era como aquelas garotinhas bobas de livros ou filmes que ficavam negando seus poderes, achando que isso é uma maldição. Não é. É um presente que me fazia ser diferente. E eu gostava do diferente. Diferente era bom.



— Espere aí, mocinha — disse alguém às minhas costas enquanto eu corria para as escadas, droga. Vir-me-ei e vi que Shirley, a enfermeira, estava parada atrás de mim. — Aonde você pensa que vai?

Mordi os lábios e respirei fundo. Dessa vez eu não teria escapatória.

— Vim visitar Elizabeth Cooper. Ela vai me receber, tenho certeza — disse.

Shirley olhou algo em sua prancheta e perguntou:

— Qual é o seu nome mesmo?

— Aprilynne Hills — respondi. Ela olhou mais uma vez para a prancheta e sorriu.

— Hum, isso é bom. A paciente Cooper permite uma visitante agora. Você. Quarto 1122.

Sorri aliviada e subi em direção ao quarto. Elizabeth deveria ter avisado a eles sobre minhas visitas. Assim que cheguei ao corredor, bati na porta e esperei.

E, assim que abriram a porta, levei um choque, pois uma Elizabeth diferente estava sorrindo para mim. Seus cabelos, antes desgrenhados, agora estavam enrolados em um coque perfeito. Seus olhos, cansados e sem vida, agora refletiam um azul violeta tão vivo quanto os meus. Era como se eu me enxergasse nela, eu mesma alguns anos mais velha. E, por fim, em vez de um roupão branco, ela vestia um vestido florido e alegre.



Meu Deus. O que estava acontecendo?

— April! — disse ela enquanto me abraçava. — Fico feliz em ver você!

— É, eu também —. confessei, ainda olhando-a, chocada. E um pouco assustada. Entramos no quarto e nos sentamos no sofá. — O que aconteceu com você? — perguntei.

Ela sorriu e cruzou as pernas.

— Pensei que nunca fosse perguntar. Eu só resolvi virar gente... de novo. — Ela riu. — Creio que temos algo a conversar, não?

— Sim, mas antes eu preciso te contar uma coisa.

— Sou toda ouvidos.

Contei tudo o que havia acontecido naquela noite. Ok, não sobre o beijo, mas enfim, contei sobre o agressor e sobre a tentativa de nos matar. Também contei a ela do sonho com Bastet, e ela disse que em breve eu seria capaz de entender tudo. Mas eu não queria entender em breve. Queria entender agora.

— Ok, isso me preocupa bastante. Alguém quer vocês longe desse lago. O que por um lado é bom, agora temos certeza que há algo ali. Algo que alguém quer manter em segredo. Mas por outro lado, a situação está saindo do nosso controle.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Eu sei, mas preciso ir até o fim com isso. Eu não vou me render. Preciso saber o que aconteceu com a Sarah. Por favor — supliquei. — Ian e eu quase fomos mortos. É o mínimo que você pode fazer.

Ela mordeu o lábio e ficou em silêncio por algum tempo. Eu torcia para que ela me contasse tudo. Ou pelo menos uma parte da história. Ela suspirou fundo e me olhou, rendida.

— Nós éramos melhores amigas desde... sempre. Não sou nem capaz de lembrar a primeira vez que nos falamos, mas foi amizade instantânea desde o primeiro momento. Nós crescemos juntas, fomos à mesma escola. Dormíamos na casa uma da outra quase todos os finais de semana. Nossa amizade era indestrutível. Bem, pelo menos eu achei que era. Sarah tinha um namorado. O nome dele era...

— Brian Atwood — completei, Elizabeth pareceu surpresa.

—Alguém andou fazendo a lição de casa. — Sorri envergonhada e ela continuou: — Brian era um cara legal. Foi o melhor namorado que Sarah havia arrumado. Todo mundo se dava bem, a vida não poderia estar melhor. Até que Sarah começou a ficar estranha. Àquela época, eu já tinha meus poderes, e os escondia do melhor jeito possível. Ninguém nunca suspeitou, nem sua mãe, muito menos Sarah. Mas ela começou a se afastar, a ficar agressiva comigo e com todas as pessoas ao seu redor. É claro que comigo era pior. Porque, de algum modo inexplicável, Sarah descobriu meus poderes. E a inveja e a traição por eu nunca ter contado nada a sufocaram. Brian temia por ela. Sarah estava diabólica. Então, em uma noite quando eu



voltava do cinema com meus pais e com a Bridget, ela estava parada na frente da minha casa, com uma expressão que eu nunca havia visto. Mandeí-os entrar em casa e tentei descobrir o que havia de errado. Foi quando tudo desmoronou. No meio da discussão ela bateu com uma pedra em minha cabeça e eu desmaiei. Quando acordei, estava em cima de uma mesa de mármore e havia várias velas ao meu redor. Ela havia me acorrentado, eu estava presa e machucada. Mas foi só quando ela começou a ler feitiços egípcios que eu me dei conta do que estava acontecendo ali. Era um ritual. Um ritual para tirar meus poderes. Ela os tirou de mim, arrancou a única coisa que me fazia ser...

— Diferente — continuei por ela.

— É, isso mesmo. Ela os roubou de mim sem dó. Ela, mesmo não querendo, levou minha alma junto. Meus poderes eram parte de mim. E eles se foram — disse ela, pensativa. Depois de algum tempo, ela continuou a história. Ela me soltou e eu corri durante a noite toda, desnorteada e machucada. Não sabia para onde ir, então Brian apareceu e me ajudou. Nós nunca contamos isso a ninguém. Fizemos uma promessa. E então, desde aquela noite, eu nunca mais vi Sarah. E também nunca mais vi ou falei com Brian. É claro que eu fiquei muito perturbada. Eu tinha medo, não saía mais de casa. Então me internei aqui, onde ninguém seria capaz de me machucar.

Demorei alguns minutos para absorver tanta informação. Sarah era a vilã de tudo isso? Como ela descobriu sobre os poderes de Elizabeth? E como diabos ela soube fazer um ritual para roubar esses poderes? E Brian? Onde ele estava? E até que ponto da história ele sabia? Quando a gente pensa que



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



finalmente vai ter alguma resposta, mais perguntas aparecem. Isso nunca teria fim?

— Mas e Brian? Ele sabia de algo ou... — comecei a falar, mas tia Elizabeth me interrompeu.

— Acredito que sim. Ele sabia que ela estava se envolvendo em uma coisa perigosa, mas não soube como impedir — ela explicou. — E agora você me vem com essa. Sarah dentro de um lago, morta? É estranho demais. Como a polícia não a encontrou?

— É uma boa pergunta — concordei. — Olha, eu sinto muito. Só ganhei os meus poderes a alguns dias, e não quero perdê-los. Imagine você, que os teve por um bom tempo. E o pior, sua melhor amiga os roubou!

Ela balançou a cabeça e respirou fundo. Percebi que esse era um assunto complicado para ela, afinal, ela não havia contado isso a mais ninguém.

— É como dizem: “Um amigo falso e maldoso é mais temível que um animal selvagem; o animal pode ferir seu corpo, mas um falso amigo irá ferir sua alma.”

— Desculpe por te causar esse transtorno, mas eu precisava saber — desculpei-me.

Ela deu um sorriso amarelo e colocou suas mãos sobre as minhas.

— Há anos isso estava preso dentro de mim. Está na hora de ser livre, de sair daqui. Preciso te perguntar uma coisa — tentei decifrar seu olhar.



Falha tentativa.

— Ok, pode perguntar.

— Você estaria disposta a sair do orfanato? — ela perguntou com certa esperança em sua voz.

— Como assim, sair de lá?

— Você estaria disposta a sair do orfanato para ir morar comigo? Em uma casa de verdade? — perguntou esperançosa.

Uma casa? Um lar? Uma família?

— Minha nossa, eu... Eu nem sei o que dizer. É claro que sim! Ter um lar é tudo que eu mais quero na vida! — exclamei, abraçando-a.

Elizabeth sorriu e me abraçou também.

— Isso é ótimo, April. Nós podemos recomeçar tudo.

— Obrigada, eu estou tão feliz! Mas como você vai sair daqui? Quero dizer, você se internou por vontade própria, né? Mas isso não significa que você possa sair — indaguei.

— Eu temo que sim. Não posso sair daqui. Vou precisar da sua ajuda. Vou ter que fugir daqui — ela disse, com um olhar triste — Pensando bem, eu não posso te pedir isso. É muito arriscado, eu já vi o que os seguranças fazem com as pessoas que tentam fugir.



– Mas é claro que eu vou te ajudar! Sim, é arriscado, mas não é impossível. E tenho certeza de que meus poderes virão a calhar na hora da fuga. Pode contar comigo, tia.

— Bem, acho que se bolarmos um bom plano, tudo dará certo. Uau, não posso nem acreditar que, em breve, sairei daqui e poderei rever minha mãe — Elizabeth disse, com lágrimas nos olhos.

— Minha avó? Você sabe onde ela está? — perguntei, obviamente chocada. Na minha ficha não constava nenhuma informação sobre ela.

— É claro, Aprilynne! Você acha que eu não sei o paradeiro da minha própria mãe? — disse ela, mas logo se arrependeu de ter o feito.

— Desculpe, eu não queria...

— Tudo bem, não tem problema – respondi, me levantando. – É melhor eu ir embora antes que alguém se dê conta que eu desapareci do orfanato. Eu voltarei daqui uns dias para te buscar. Esteja preparada. Vou bolar um ótimo plano.

— Ok, obrigada, April. Sei que nós três seremos muito felizes juntas. Sua avó vai ficar muito contente em te conhecer. Vou estar te esperando — Elizabeth falou, me dando um beijo e um abraço.

Na volta para o orfanato, no ônibus, fiquei pensando em minha avó. Eu mal podia esperar para conhecê-la. Finalmente eu teria uma casa, um lar. Finalmente eu teria tudo que sempre sonhei. Uma família. O estranho era como o orfanato não tinha conseguido achar vovó. Se tia Elizabeth sabia do



paradeiro dela, por que a diretora Wells não se esforçou para achar minha única parenta viva? Numa dessas, vovó se mandou e não deixou rastros. Depois de ter uma filha morta e outra em um manicômio, acho que você fica meio desnorteada.

Eu tinha de pensar em um bom plano para tirar Elizabeth de lá, porque não seria nada fácil. E também não seria nada fácil deixar o orfanato. Sentiria muitas saudades de Claire e Kaleigh, porque durante um bom tempo elas foram tudo o que eu tinha. Como elas reagiriam ao saber que eu tinha uma família? Ficariam bravas, nervosas, se sentiriam abandonadas? Será que elas me perdoariam por esconder todos esses segredos delas?

Eu não aguentava mais tantas perguntas. E quanto a Sarah? Como ela pôde roubar os poderes de Elizabeth? Quem havia tentado nos matar? E por que Sarah estava morta naquele lago se ela tinha roubado todos os poderes de Elizabeth?

— Moça, você vai descer nesse ponto? — perguntou o cobrador, interrompendo meus pensamentos. O ônibus estava quase vazio, só eu e mais umas três pessoas estavam nele.

— Ah sim, obrigada — respondi, me levantando e entregando o dinheiro da passagem. Ainda bem que eu havia guardado um pouco de dinheiro a minha vida toda para o caso de emergências.

Desci, do ônibus e fui andando até o orfanato. Era uma boa caminhada até lá, mas eu tinha muito o que pensar. Droga, eu estava tão ferrada, no que eu havia me metido?



Depois de alguns metros percorridos, finalmente cheguei ao orfanato. E, assim que entrei escondida por um buraco no muro, sabia, não, tinha certeza de que estava muito, muito ferrada. Pois, parada em minha frente enquanto eu me agachava para passar pelo buraco, estava a diretora Wells. Engoli seco e me levantei rapidamente, meus cabelos cheios de folhas. Ela batia o pé no gramado verde e me olhava com uma expressão dura.

— Saindo escondida de novo, senhorita? — indagou. — Bem, isso já não é mais problema meu, Aprilynne. Amanhã uma van do novo orfanato vem te buscar. Diga adeus às suas amigas. Você parte amanhã — dito isso, ela se virou e foi embora, me deixando sozinha.

Comecei a tremer e sentei na grama. Apoiei o queixo no joelho e fechei os olhos. Não teria tempo para conversa mole. Não teria tempo de fazer nada. Eu precisava arrumar minhas coisas e me mandar daqui. Eu não iria para nenhum outro orfanato.

Levantei-me, decidida, e entrei no orfanato. Partiria hoje mesmo. Sem nem olhar para trás.

Queridas Claire e Kaleigh isso não vai ser nada fácil. É meia-noite e eu estou pronta pra ir embora. A diretora Wells já arranhou um novo orfanato pra mim, mas não é para lá que eu vou.

Sei que tenho estado distante ultimamente, então peço perdão. Também peço perdão por guardar segredos. Mas, acreditem, é melhor assim. Quanto menos vocês souberem, melhor e mais seguro será. O negócio é que eu encontrei minha tia. — isso mesmo, eu tenho uma parente viva! Só que as



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



circunstâncias foram meio estranhas tendo em vista que ela está em um hospício. Mas tudo está bem, não se preocupem, ela não é louca. Pelo menos eu acho (e se vocês quiserem ver a ficha de vocês, vão até o quadro da moça com flores no cabelo, abram o quadro e lá terá uma caixinha e, dentro dela, o molho de chaves que abre a diretoria. Boa sorte!)

Estou feliz, muito feliz, para falar a verdade. Nunca tive uma família — tirando vocês— e estou animada, — também vou viver com a minha avó, e estou nervosa para conhecê-la. Mas, por outro lado estou muito triste por deixar vocês aqui. Vou sentir muitas saudades! Perdoem-me por partir assim, mas é o mais fácil. Não posso explicar muita coisa, pois tudo é... complicado.

Não deixem a Angelique irritar vocês? Antes de eu ir embora, colocarei formigas na cama dela, então a vingança estará completa, e eu deixo o campo livre para vocês! E Kaleigh por favor, beije logo o Will antes que ele vá embora, acho que vocês podem ter um lance forte aí, então vê se toma coragem, ok?

Bem, não tenho mais nada a falar. Quer dizer, na verdade eu tenho, mas não posso. Mais uma vez, peço perdão. E por favor, não me odeiem por estar partindo. É o melhor para mim, mesmo que soe egoísta.

Amo vocês, minhas irmãs. Beijos e até algum dia!

Aprilynne Hills.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



PS. Não deixem ninguém ler essa carta. Se descobrirem que eu fugi com a minha tia, eles podem me encontrar e me mandar para o orfanato de novo.



❖ *Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...* ❖

Parte 2

Capítulo 13

Voltando atrás

“Eu nunca soube que tudo estava desmoronando, que todos que eu conheci estavam esperando uma deixa para dar as costas e correr quando tudo que eu precisava era a verdade.”

— The Fray — Over my head

3 meses depois...

— Você está pronta? — tia Elizabeth perguntou. Respirei fundo e fiz que sim com a cabeça. — Atacar! — ela gritou, vindo para cima de mim com uma lança afiada.

E então começamos a duelar com duas lanças douradas e pesadas. Tia Elizabeth executava movimentos perfeitos, com técnica e agilidade. Enquanto eu... bem, eu estava dando o melhor de mim, muito bem, obrigada. Desferi um golpe com a lança que a fez perder o equilíbrio. Ela deu risada e se recuperou, dando um pulo e um giro.

Logo depois ela bateu a lança dela com a minha, um golpe muito forte. E continuamos assim por algum tempo. Ninguém caía, ninguém se rendia.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Então, quando percebi que Elizabeth havia baixado a guarda, derrubei a lança dela e apontei a minha contra sua garganta.

— Bom trabalho! — vovó Rosalie disse, vendo tudo da varanda.

Enquanto tomava seu chá das cinco, ela nos assistia duelar no jardim, que era enorme e florido.

Puxei a lança e a coloquei no chão. Tia Elizabeth batia palmas.

— Está ótimo! Ótimo mesmo! — ela me parabenizou.

Andamos até a varanda e nos sentamos à mesa em que vovó tomava seu chá. Descansei um pouco e peguei uma torrada com geléia.

— Você melhorou muito, acho que finalmente está pronta para qualquer batalha — tia Elizabeth disse.

Sorri e pensei o quão duro eu vinha treinando nesses últimos meses. Eu havia deslocado o ombro — culpa da vovó, que me fez subir e descer umas quarenta vezes a árvore do jardim — quebrado um braço, cortado a testa — muito obrigada por fazer um corte na minha testa, tia! — e também passei os últimos meses com dores no corpo todo. Vovó disse que é por causa do treinamento, que está fazendo com que meus músculos fiquem mais fortes. Eu passava dia e noite — quando não estava na escola — treinando, sendo preparada para uma batalha. Qual batalha? Bem, isso eu não sabia, mas sentia que algo forte estava por vir.

Então era isso. Três meses haviam se passado desde a última vez em que estive no orfanato Joy Lenz. Desde então, não tive mais notícias de ninguém.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Só deixei a carta na minha cama, coloquei as formigas na cama da Angelique e me mandei em direção ao Saint Lucas para tirar minha tia de lá. Não foi fácil, mas conseguimos fugir. Entrei por lá subindo na árvore que dava bem na janela de seu quarto. Para o caso de alguma emergência, eu tinha levado um canivete. Como a janela tinha grades de ferro com pequenos espaços abertos, eu passei o canivete para ela e ela conseguiu tirar os parafusos que prendiam a grade na parede,

Ajudei-a a empurrar a grade para trás e ela, através do galho da árvore, saiu do quarto. Descemos da árvore e partimos em um ônibus para uma cidade muito distante, onde minha tia tinha certeza de que sua mãe — minha avó estaria. Chegamos lá dois dias depois, de madrugada, quase amanhecendo, e batemos na porta da casa dela. Ao ver Elizabeth, minha vó começou a chorar e a abraçar. Depois ela me viu e minha tia contou quem eu era. Então minha avó, Rosalie, começou a chorar ainda mais e me abraçar também. Também comecei a chorar, pois eu finalmente estava conhecendo minha avó! Minha tia, nos vendo chorando, começou a chorar também. Foi uma tremenda choradeira.

Ela nos mandou entrar e passamos três semanas por lá. Vovó também contou que vovô tinha morrido há quatro anos, e ela havia ficado sozinha. Tia Elizabeth chorou por não ter tido a oportunidade de dizer adeus a ele.

Nos jornais, nada de manchete especial: Louca foge de hospício ou delinquente foge de orfanato, então nós resolvemos voltar. Minha tia e minha avó compraram uma casa no centro da cidade, bem longe do orfanato



e bem perto da escola do Ian. O que era bom, porque eu não queria que a diretora me visse na cidade. Seria altamente perigoso.

Eu não havia mais sonhado com Bastet. E não sabia a razão disso. Eu precisava saber o final daquela história. Eu precisava saber se Bastet e Ammon terminavam juntos.

A casa em que nós morávamos era simplesmente uma graça. Era grande e aconchegante, no estilo vitoriano. Tinha dois andares e um sótão, no qual guardávamos nossas “armas” para treinamento e outros artefatos egípcios que vovó herdou de sua tataravó que herdou de sua tataravó, e assim por diante, desde os tempos de Bastet. Tinha coisa ali que era de antes de Cristo, então tudo era muito antigo.

A cozinha era enorme, assim como os outros cômodos da casa. Meu quarto era o lugar que eu mais gostava — vai ver era porque eu nunca tive um só meu. Uma cama de casal ficava bem no centro, ao lado de um aquário bem grande com muitos peixes coloridos. Também havia um tapete bem macio debaixo da minha mesa para estudos, no qual eu ficava passando o pé só para fazer cócegas. E, por fim, havia meu guarda-roupa, e eu não parava de abri-lo, afinal de contas eu havia ganhado roupas e sapatos novos.

Eu estava muito feliz, mas ainda sentia falta da Claire e da Kaleigh. Um buraco se abria em meu peito toda vez em que eu pensava nelas lá, sozinhas e sem família. E, por incrível que pareça, eu até sentia um pouquinho de falta da Angelique. Das nossas brigas e intrigas, que me divertiam muito. Sem



falar que, se não fosse por ela, eu jamais estaria aqui, tendo em vista que ela que me mandou ir àquela floresta no meio da noite.

Sobre Ian... Bem, o negócio era que minha tia havia me colocado na mesma escola em que ele estudava, então nos víamos todos os dias. No começo foi estranho, levando em conta que eu havia desaparecido sem deixar rastros e depois reaparecido do nada, em seu colégio. Fora o fato de que nós havíamos nos beijado e depois fingido que nada tinha acontecido. E nós ainda não havíamos conversado sobre isso. Mas, depois de explicar o motivo do meu sumiço, Ian e eu voltamos ao normal, se é que dá pra chamar a nossa “amizade-com-benefícios” de normal.

Ele me apresentou a todos os seus amigos e, antes que eu pudesse me dar conta, eu já era amiga de todo mundo. O pessoal era bem legal, e eles sempre faziam festas divertidíssimas. Não que a minha tia me deixasse ir a todas, mas quando ela deixava — o que era bem de vez em quando — eu aproveitava mesmo.

Quanto o agressor e Sarah... Nada mais aconteceu desde aquela noite em que apanhamos feio e quase morremos. O que era estranho demais, se você quer saber. Vovó também achava isso muito estranho. Tudo estava quieto demais ultimamente.

Eu havia adquirido dois novos poderes. Quando eu me sentia ameaçada ou em perigo, garras cresciam em minhas mãos. Isso era muito útil nas minhas batalhas com a tia Elizabeth, e eu sempre tinha que tomar cuidado com elas. E o último a se manifestar, acabou se tornando o meu preferido.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Era um grito agudo e potente, que deixava qualquer um surdo. Mas eu não o usava, porque era perigoso demais.

— Chá? Vovó perguntou, me despertando dos devaneios.

— Sim — respondi. Ela despejou chá em uma xícara e entregou a mim.

E então, para matar o silêncio, minha avó começou a me contar mais sobre meus pais.

— Eles sempre tiveram um caso, sabe — ela disse com um sorrisinho nos lábios. — Desde quando eram crianças, sempre andaram juntos. Seja brigando ou brincando. Mas então eles cresceram e viram que tinha um sentimento forte por trás de tanta briga. Começaram a namorar na adolescência e não pararam até se casarem. Depois de algum tempo, você veio. Ah, ninguém da família te soltava. Você era o presente que todos estavam esperando.

Nós três rimos e ela voltou a contar mais sobre meus pais.

— Hum, interrompendo o assunto — eu disse, bebericando meu chá,
— Mas eu realmente preciso saber o que aconteceu com Bastet. Por que você não me conta, tia?

— Aprilynne, eu já te disse. Você tem que vivenciar a vida dela. Você tem que ver o que ela viu. Você tem que sentir!

— Ok, mas como vou saber se nunca mais tive as visões? Por que não as tive mais? O que há de errado? — perguntei, deixando a xícara na mesa.



— Ninguém sabe o motivo. Vai ver você só não está pronta. Mas no momento certo, as visões voltarão. — Dessa vez quem respondeu foi a vovó.

— Não aguento mais esperar — disse impaciente — Vovó, como foi quando você ganhou seus poderes?

— Sei o que você está tentando fazer, mocinha, mas não vai conseguir. Sei que você ainda não fez suas tarefas escolares. Além do mais, essa é uma longa história, April. E nós não temos tempo agora.

Droga, ela era esperta. Ninguém merecia lição de física. Eca!

— Ok, ok, estou indo — respondi, me levantando da cadeira. — Mas só me diga uma coisa: Você tem os mesmos poderes que eu?

— Pare de nos enrolar, April — minha tia falou, dando risada.

— Sim, querida, todas nós, descendentes de Bastet, temos os mesmos poderes – respondeu vovó, calmamente.

Saí da varanda e entrei na casa. Minha casa. O sol entrava pelas janelas, iluminando a sala. Subi as escadas e cheguei ao meu quarto. Eu estava com muitas lições atrasadas, porque eu havia praticado o dia inteiro. Era o que eu mais gostava de fazer e, quando eu ganhava da minha tia, oh Deus, era a melhor sensação! Como se eu fosse realmente uma guerreira.

A tarde ensolarada deu lugar a uma noite serena, repleta de estrelas. A lua, como sempre, brilhava mais que um diamante. O clima estava delicioso.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Duas horas depois, eu já tinha terminado quase todas as tarefas, mas deixei algumas de matemática para resolver — ou melhor, copiar do Ian — amanhã na aula.

— Prestem atenção, essa questão só resolve quem é aluno bom! — dizia o meu professor de matemática. Deus, ele não parava de falar isso!

Fechei meu caderno e desisti de copiar a matéria. Eu não conseguia acompanhar matemática, era um fato. Meu corpo começou a ficar mole e meus olhos estavam pesando. Ok, não vou mentir. Eu não havia me esquecido de tomar os meus remédios, eu só estava tentando mesmo sonhar com Bastet. Não demoraria muito até eu apagar completamente, e para piorar, noite passada eu não tinha dormido nada bem, porque estava na esperança de ter alguma visão, ou seja, eu estava mais cansada e sonolenta do que nunca. Se ao menos a minha espera durante toda a noite tivesse alguma recompensa, mas o sonho não veio. Abaixei minha cabeça na mesa.

— Psiu, April, você vai dormir na aula? — perguntou Ian, me cutucando. Ele se sentava na carteira da frente.

— Eu preciso dormir, Ian, se esqueceu da narcolepsia? — respondi, levantando a cabeça.

— Você não tomou seus remédios?

— Não, eu me esqueci de tomá-los hoje... — minha voz cada vez mais fraca.



— Ok, só não ronque ou faça qualquer barulho, você sabe como o Sr. Claud fica quando atrapalham a aula dele.

— Tudo bem, tchau! — murmurei já de olhos fechados.

Por favor, Bastet, apareça para mim, eu preciso saber o final de sua história. Por favor. E, dessa vez, o pedido funcionou.

Há algumas horas Bastet estava fugindo de Nuru e seus guardas. Mas agora tudo estava bem. Ammon, Khepri, Stek e Bastet estavam em uma cabana ao lado do rio, muito longe do castelo, e Bastet esperava que Nuru nunca os encontrasse.

— A senhorita melhorou? — perguntou Khepri, colocando um pano molhado em sua testa.

— Eu temo que não, minha amiga. As dores estão cada vez mais constantes e sinto que vou desmaiar — Bastet confessou, acariciando sua barriga.

— Então eu acho que já está quase na hora. Estou tão feliz por você, Bastet — murmurou Khepri.

Ammon entrou no pequeno cômodo em que as duas estavam.

— Sei que tudo vai dar certo, meu amor. Finalmente seremos felizes, e ninguém, nem mesmo Nuru, vai poder nos atrapalhar. — Bastet fechou os olhos e desejou arduamente a vinda da pequena criatura alojada dentro de si. Seu filho estava chegando.



Ao fim de três dias, Bastet pôde enfim sair do minúsculo cômodo em que estava confinada com a pequena filha em seus braços. Ela parecia um anjo, bonita e serena. O parto fora difícil. A dor fora excruciante. Bastet havia ficado muito indisposta e doente, mas graças aos deuses, Khepri era uma ótima curandeira.

Bastet sentou-se no jardim, em frente ao lago, e contemplou a belíssima vista do Nilo.

— Bastet, é melhor você entrar, você acabou de se recuperar, não vai querer ter outra recaída — sugeriu Khepri, sentando-se ao seu lado.

— Aposto que esta vista maravilhosa não vai me fazer mal algum, Khepri. Veja esse belíssimo pôr-do-sol, não é fantástico? Como estou feliz por finalmente ter saído da posse daquele nefasto do Nuru!

— Sua filha vai crescer muito feliz aqui, senhorita.

— Bastet, Khepri! — uma voz distante gritava. Khepri e Bastet se viraram para ver quem gritava. Era Ammon. — Eles estão a caminho!

As duas se levantaram depressa. Stek, que estava dentro da casa, saiu correndo e se pôs ao lado de Bastet. Não demorou muito para Ammon chegar até elas.

— O que aconteceu? — Bastet perguntou, dando a menina para Khepri segurar.

— Os guerreiros de Nuru me viram na vila comprando comida. Eu consegui despistar o bando lá, mas quando estava na estrada, um deles me



seguiu. Eles e Nuru devem estar a caminho. Nós temos de ir embora agora mesmo! — ele disse, sem fôlego.

— Isso nunca vai ter um fim, vai? — Bastet perguntou, com lágrimas nos olhos. — Estou cansada de ter medo, cansada de fugir. Não aguento mais.

— Do que você está falando, Bastet? Rápido, junte suas coisas, ainda há tempo! — exclamou Ammon, puxando-a em direção a casa.

— Você não entende? Isso nunca vai acabar, não até que Nuru me tenha. Vocês tem que fugir, eu fico. Esse é o único jeito de salvarmos nossa filha.

— Bastet, não! Você é uma deusa poderosa, tenho certeza de que pode vencê-lo! — afirmou Khepri, tentando encorajar sua amada.

— Pode ser que sim, mas o quanto isso vai me custar? Ele irá atrás de todos vocês, e vai matar todas as pessoas que eu amo. Não deveria ter fugido de lá, isso só o enfureceu! — falou, pegando a filha no colo.

— Khepri, preciso que me faça um favor. Fuja com ela. E tome conta dela, sei que o fará muito bem.

— Eu não vou te deixar aqui sozinha, Bastet. Eu não posso ir embora sabendo que você estará aqui. Ou ficamos os dois ou ninguém fica! — afirmou Ammon, ficando ao seu lado.

Bastet deu um beijo na filha e entregou-a a Khepri.



— Prometo em nome de todos os deuses, Bastet. Irei tomar conta dela como se ela fosse sangue do meu sangue. Obrigada por tudo e boa sorte a vocês — falou Khepri, com os olhos marejados. Ela entrou na casa e saiu de lá com uma bolsa de pano, levando apenas as coisas essenciais.

Depois de um tempo sustentando o olhar de sua gatinha, Stek, ela não teve escolha.

— Vá. Cuide dela por mim. Por favor — Bastet pediu à gata.

Stek assentiu e foi atrás de Khepri.

— Khepri, se apresse! Eles estão vindo! — gritou Ammon.

Bastet olhou para o começo da estrada e lá estavam eles. Nuru estava na frente. Khepri pegou a menina e saiu correndo, junto com Stek. Que os deuses as protejam, Bastet rezou. Ela segurou a mão de Ammon e fechou os olhos. Por favor, que isso termine logo.

Em poucos segundos, todos os soldados de Nuru estavam frente a frente com o casal.

— Vejo que vocês se renderam juntos. Que romântico, não? — disse Nuru, rindo com escárnio. — Oh, mas que trágico isso vai ser. Você não deveria ter fugido de mim, Bastet. Isso tornou tudo muito pior. Eu ia te poupar do sofrimento de ver a morte do seu amado, porém você se portou muito mal para com o seu marido.



— Pare com isso, Nuru. É a mim que você quer, não ele — Bastet respondeu, e ela pôde sentir uma inquietação conhecida tomar conta de seu corpo. Ela havia começado a tremer.

— Mas é claro que eu o quero! O quero morto! — gritou Nuru, ficando vermelho. — Vou matá-lo, agora!

Nuru agarrou Bastet pelo braço e a lançou no chão.

Sekhmet, você não vai sair. Eu controlo você, Bastet mentalizou. Se Sekhmet tomasse conta do seu corpo, ela poderia matar a todos. E até mesmo Ammon, e Bastet nunca se perdoaria por isso.

— Fique assistindo a morte de seu querido Ammon no chão, que é onde você merece estar — riu Nuru.

Ele avançou em cima de Ammon com a espada e a afundou em seu abdômen. Ammon caiu de joelhos no chão. Ele sangrava. Bastet gritou com todas as suas forças, mas não surtiu nenhum efeito nos homens de Nuru.

— Isso não funciona mais, Bastet. Lancei um feitiço sobre meus guardas. Eles estão imunes aos seus poderes medíocres.

Se meus poderes são tão medíocres, por que você os quer? — Bastet perguntou, se levantando e saltando para cima dele.

— Eu não quero seus poderes, quero os poderes de Sekhmet — vociferou, e antes que ela pudesse atacá-lo, Nuru deu uma pancada em sua cabeça.



— NÃÃÃÃO! — gritei, levantando a cabeça e tentando recuperar o ar que havia escapado dos meus pulmões. E, olhando ao redor, vi que todos da sala me encaravam. Ótimo. De verdade.

— O que é isso, senhorita Hills? — o professor perguntou, aparentemente chocado. Era difícil dizer se ele estava com raiva ou assustado. Todos os meus colegas me olhavam como se eu fosse louca. E eu não poderia discordar. Acordar gritando no meio da sala de aula? No mínimo, preocupante.

— D-desculpe, eu... — gaguejei, mas nada plausível saiu de minha boca.

Ian me olhava com preocupação.

— E-eu só tive um pesadelo e...

— Dormindo na sala de aula? — Sr. Claud indagou. — Não sei em que tipo de escola você estudou, mas aqui nós não permitimos desrespeito ao professor. E dormir, senhorita Hills, é um desrespeito tremendo. Vá até a sala da diretoria, por favor — ele pediu educadamente, mas soou mais como uma ordem.

Juntei meus materiais tremendo e sentindo gotas de suor escorrerem por minha nuca. Pude sentir todos os olhares da sala em mim. Alguns até cochichavam. Que vergonha! E que sensação mais perturbadora. Os sonhos nunca haviam ficado tão reais e tão dolorosos como os de hoje.

— Você está bem? — Ian sussurrou. — O que houve?



— Eles vão matá-la, Ian — sussurrei de volta. Terminei de colocar meu material na mochila e a coloquei nas costas.

— Matar quem? — ele perguntou assustado.

— Mas que ótimo! — Sr. Claud disse. — Sinta-se à vontade para acompanhar sua amiga, senhor Carmichael.

Ian deu de ombros e juntou seu material. Pelo visto, ele não poderia se importar menos em sair de sala. Esperei ele juntar tudo e, juntos, fomos até a diretoria. Chegando lá, tivemos que esperar para falar com o diretor, já que ele estava dando um telefonema.

— Bastet. Eu sinto que vão matá-la. E ela deu a filha para Khepri — contei.

— Minha nossa. — Ele segurou minhas mãos, que tremiam. — Calma, April. Tudo vai ficar bem.

— Não, Ian. Dessa vez nada vai ficar bem.

— Você tem certeza disso? — Tia Elizabeth perguntou assim que estacionou o carro a dez metros de distância do orfanato. Olhei para a escuridão lá fora e respirei fundo.

— Sim, tenho certeza, deseje-me sorte. — Saí do carro e comecei a andar até o orfanato. Entrei pelo mesmo buraco no muro de sempre, arrastei-me no gramado e me esgueirei até a janela do quarto que costumava ser meu.



Depois de o diretor ligar para minha tia e para os pais do Ian, eu levei uma bronca por “desrespeitar a aula do Sr. Claud” e “não só dormir, como também fazer um escândalo,”

É claro que a tia Elizabeth não brigou comigo, pois ela entendia o que eu estava passando. Já os pais do Ian não ficaram nada contentes com o fato de ele ser expulso de sala.

Como eu havia contado que me esqueci — ok, tive que mentir, porque aposto que tia Elizabeth iria me dar uma bronca se eu falasse que não tinha tomado de propósito – de tomar os remédios, vovó achou melhor eu não tomá-los hoje, já que o fim da história de Bastet estava chegando. Tia Elizabeth ficou meio relutante, mas no final acabou cedendo. Não é como se eu fosse morrer ou algo do tipo por não tomar o remédio, não é mesmo?

Então, após chegar a casa, decidi que estava na hora de ver Claire e Kaleigh. Não sei o porquê, mas senti uma necessidade grande de conversar com elas. Talvez todo esse esforço e toda essa mudança a qual eu venho me submetendo finalmente chegaram ao limite, e nada melhor do que falar com as melhores amigas para lembrar como é ser normal novamente.

Olhei para o chão e vi uma pedrinha. Peguei-a e joguei contra a janela, já que eu as assustaria subindo pela parede e aparecendo ali de repente. Pois é, eu também conseguia fazer isso. Graças as minhas unhas super aderentes.

Joguei mais três pedrinhas até eu ver a luz se acender e alguém abrir a janela. Claire.



— Claire! — sussurrei, feliz demais em vê-la após tanto tempo. — Desça aqui!

— April? — ela gritou e mais alguém apareceu na janela. Kaleigh. As duas ficaram me olhando por algum tempo e depois fecharam a janela e apagaram a luz.

Como assim?

Joguei mais algumas pedrinhas e nada. Por que elas não queriam falar comigo? Quando ia atirar mais uma pedra, alguém falou:

— Pode parar com isso, Aprilynne. — Virei-me e vi Kaleigh parada ao meu lado. Ela havia mudado um pouco desde a última vez que a vira. Seu cabelo estava mais comprido e a postura dela se tornara mais séria.

— Kaleigh! — gritei, abraçando-a. Rapidamente ela se soltou e me olhou com uma expressão dura. — O que há de errado? — perguntei.

— O que há de errado? — ela gritou, me empurrando. — Você simplesmente desaparece e agora volta como se nada tivesse acontecido!

Claire estava ao lado dela, calada e me olhando assustada. Ela parecia outra pessoa. A tristeza em seu olhar chegou a me machucar.

— Eu sei, me desculpem. Mas eu deixei uma carta e...

— Uma porcaria de carta, isso sim! Você nos abandonou para ficar com a sua família perfeita, e nos deixou com uma porcaria de carta! Essa é a verdade. Então não venha dando desculpas, você nos abandonou sem nem



nos avisar. — eu nunca havia visto Kaleigh daquele jeito. Seus olhos fumegavam de raiva, e suas bochechas ficavam mais e mais vermelhas a cada palavra. Já Claire me olhava com uma expressão desolada. A minha partida fora mais difícil para elas do que eu imaginara. Eu havia arruinado nossa amizade. Arruinado de verdade.

— Desculpe, por favor! Sei que fui embora sem falar nada, mas eu não podia contar a verdade para vocês e...

— E agora você pode? — Kaleigh quis saber.

Tentei pegar a mão dela, mas ela se desvencilhou.

— Não me toque! É claro que você ainda não vai nos contar seu segredo, não é mesmo? Pois é complicado demais. E você deve estar tão triste! — ela forçou a voz, até ficar esganiçada o suficiente para me atingir com sua ironia. — Morando com uma família, vivendo uma vida normal... Você deu às costas à sua verdadeira família, April. E partiu sem nem dizer adeus. Isso é imperdoável. Eu nunca imaginei que você fosse capaz disso, mas eu estava errada. Completa e totalmente enganada. — ela vociferou

— Não, por favor! Vocês ainda são a minha família, mas coisas aconteceram e...

— E tudo é complicado demais... — ela completou. — Bem, pelo visto você ainda não está pronta para contar nada da sua nova vidinha. Famílias compartilham segredos, April. Irmãs são cúmplices, são amigas.



Comecei a chorar e vi Kaleigh se virando para ir embora. Claire ainda ficou ao meu lado, relutante.

— Claire, por favor, entenda — supliquei.

— Vamos embora, Claire! — Kaleigh mandou, voltando e puxando

— Eu... sinto muito — Claire sussurrou.

— É, eu também.

Caminhei de volta até o carro e engoli em seco. Eu não imaginava que seria assim. Eu imaginava abraços e muitas lágrimas, mas lágrimas de alegria. Eu havia vindo até o orfanato procurando por duas meninas que eram minhas melhores amigas. Mas elas haviam ido embora. E eu não tinha certeza se elas, algum dia, voltariam. Entrei no carro e coloquei o cinto, sem sequer olhar para Tia Elizabeth.

— Elas estavam lá? — ela perguntou sorrindo.

Apoiei a testa no vidro do carro e encarei as árvores lá fora.

— Não, tia. Elas se foram. Se foram para sempre.

Enquanto a música *You're Goodbye* da Holly Conlan tocava a toda altura no som do carro, tia Elizabeth dirigia pela noite e eu a guiava, já que não havia nenhuma luz, ela não conseguia ver no escuro do mesmo modo que eu. O negócio é que ela quis pegar um atalho e nós acabamos nos perdendo.



— Cuidado, ali em frente tem uma curva — eu disse. Por algum tempo continuou assim. Eu falando como era o caminho, e tia Elizabeth dirigindo através dele. Mas já fazia horas que nós estávamos perdidas, e o celular estava fora de área.

— Nós estamos perdidas! — reclamei. Tia Elizabeth desviou seus olhos da estrada e olhou para mim.

— Então, não venha me dizer que nós somos sua família. Pois famílias de verdade são unidas, e não abandonam uns aos outros — ela gritou, apontando o dedo em minha cara. — Pode ir embora. Ninguém sente sua falta. Ninguém nem lembra quem foi Aprilynne Hills. Para mim, seu nome nada mais é do que uma memória com gosto amargo. Vá embora, April.

— Nós não estamos perdidas — disse ela. — Eu conheço esse caminho, pode confiar. Quando eu era pequena, eu e sua mãe vivíamos vindo por aqui e...

— CUIDADO! PARE O CARRO, TIA! — gritei completamente assustada. Tia Elizabeth olhou para a estrada e seus olhos se arregalaram. Uma moça estava parada no meio da rua e nós passaríamos por cima dela se ela não parasse o carro. Tia Elizabeth freou o carro com brutalidade, mas jamais conseguiríamos parar a tempo. Ela perdeu o controle e nós saímos da estrada. O carro derrapou até parar completamente e capotar. Foi tudo tão rápido que eu não tive nem tempo de reagir quando minha cabeça bateu com tudo no vidro do carro. E a única coisa que eu escutei foram os últimos versos da música.



"You are the sun gone down

You are the sky

You are the moon rushed round

You are goodbye

You are good, goodbye



❖ *Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...* ❖

Capítulo 14

Revelações

“Correndo pela sua vida, a chuva negra ainda cai em seus olhos. Borboleta de tirar o fôlego. Escolheu um dia escuro para viver”

Nightwish — Cadence of her last breath

Eu estava presa. Encurralada. Meu corpo estava espremido e não podia sentir minhas pernas. Mas sangrava. Ah, sangrava sim. Eu até podia sentir o gosto de sangue escorrendo pela minha boca. Abri os olhos e vi que tia Elizabeth estava inconsciente. Ela tinha alguns arranhões no rosto, mas nada muito preocupante. O problema mesmo era eu. Minha testa estava imprensada contra o vidro. Tentei me afastar, e a tentativa doeu mais do que tudo, mas felizmente, consegui desgrudá-la do vidro. Fiz um esforço tremendo e levantei o braço enquanto sentia algo escorrer por minha testa. Toquei-a e senti um pedaço de vidro dentro da pele. Soltei um grito de dor e desvencilhei-me do cinto de segurança.

Meu Deus, que diabos havia acontecido?

— Tia? Tia? — chamei. Mas ela mal se mexeu.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Comecei a sentir cheiro de gasolina e decidi sair do carro. Era possível ocorrer uma explosão. De ponta cabeça, chutei o vidro do para brisa, tentando ignorar a dor de mexer as pernas. Chutei e chutei mais algumas vezes, até que ele cedeu e se quebrou. Saí do carro pelo vidro quebrado, cacos de vidro entrando em minhas mãos conforme eu engatinhava para sair. Levantei-me e vi que havia um corte na minha perna direita. Um corte feio e profundamente dolorido. Manquei até a janela do carro em que minha tia estava e tentei abrir a porta. Estava emperrada. O único jeito era quebrar o vidro. Poderiam voar cacos de vidros no rosto dela, mas eu simplesmente não a deixaria ali para morrer. Chutei o vidro, que já estava rachado, e ele se espatifou em mil pedaços. Agachei-me e, com um esforço sobre-humano, tirei o cinto dela e a puxei para fora do carro. Ela era pesada. Levei uns bons minutos para arrastá-la para longe do carro. Olhei em volta e percebi que nós estávamos no meio do nada.

O carro estava capotado e completamente destruído. Toquei meu bolso e lembrei-me do meu celular. Tirei-o dali e tentei ligar para a emergência. Sem sinal. Ao nosso redor não havia nada a não ser uma floresta. Árvores e mais árvores. Nós estávamos perdidas.

— Tia, por favor, acorde! Não me deixe sozinha — implorei chorando. Eu estava sentada na estrada e tia Elizabeth estava ao meu lado, deitada no chão. Havia um corte na barriga dela que eu não havia percebido antes. Ela sangrava muito. A dor de todos os meus ferimentos estava insuportável. Eu tremia, mas não era de frio, e pude sentir que estava perto do fim. Morreria ali mesmo, no meio de uma estrada, e ninguém nunca iria nos encontrar.



Deitei no chão e fiquei encarando o céu. Após alguns minutos, virei a cabeça para o lado e, não muito longe dali, vi algo no chão. Semicerrei os olhos e vi o que era. Alguém estava caído no chão. Foi quando me lembrei da garota em frente ao carro. Nós a havíamos atropelado. Meu Deus!

Levantei-me e manquei até o lugar em que ela estava desmaiada. Era em um gramado, quase entrando na floresta. Chegando lá, agachei-me ao lado dela e a chacoalhei.

— Ei! Acorda! — a chamei, mas ela estava imóvel. Olhei para suas roupas e vi que ela estava usando um vestido branco. E ele estava molhado. Mas nem estava chovendo, então por que ele estava encharcado?

— Ei! — chamei novamente, dessa vez desviando o olhar para seu rosto.

Estava pálido, quase roxo. Toquei suas bochechas e dei tapinhas na testa, para ver se ela acordava, mas nada. E então percebi. Instantaneamente o choque percorreu minhas veias. Não era qualquer moça que estava deitada ali. Eu a conhecia.

Repentinamente, ela abriu os olhos e sorriu de um jeito malicioso. Ah, não...

— Olá, Aprilynne — ela cumprimentou com uma voz aveludada e calma. — Você não sabe quanto tempo eu esperei por isso.

Sarah. A Sarah que estava morta. Afogada, dentro de um lago. Simplesmente. Morta.



Bem, aparentemente não, já que ela estava parada sorrindo ao meu lado.

Joguei-me para trás e ela se levantou num átimo. Seu cabelo loiro também estava molhado.

— Oh, não tenha medo. Não é como se eu fosse roubar seus poderes — disse ela, olhando para tia Elizabeth. Ela riu e se aproximou de mim. Seus olhos estavam completamente brancos, suas pupilas estavam brancas, como se ela fosse algum demônio ou algo assim.

— Fique longe de mim! — gritei, levantando-me.

Tentei correr, mas ela foi mais rápida e me jogou no chão com toda a força. Então ela se atirou em cima de mim e começou a me enforcar. Eu me debatia de todas as formas, mas nada parecia adiantar. Ela era realmente forte. Olhei para o lado e vi uma pedra pontiaguda. Fiz um esforço grande e a peguei. Eu sentia que meus pulmões iriam estourar a qualquer momento, então, sem nem pensar duas vezes, bati a pedra no rosto dela. Ela tirou as mãos do meu pescoço e eu me aproveitei da situação e a joguei para trás. Então peguei um pedaço de pau e mandei ver. Bati no estômago dela com força, não deixando ela nem se recuperar.

— Isso é pela minha tia! — Uma paulada. — Isso é por você ter roubado os poderes dela! — Mais uma paulada. — E isso é por você ser uma vadia psicótica! — Outra paulada.



Ela estava no chão, se contorcendo de dor e eu tentei correr até a estrada, onde tia Elizabeth estava. A adrenalina corria solta pelas minhas veias, amenizando minha dor e me dando chance de fugir.

Eu precisava buscar socorro. E rápido. Mas, antes mesmo de chegar à estrada, senti algo se chocar contra mim, fazendo-me cair no chão. Sarah havia pulado em cima de mim.

— Pensou que fosse se livrar de mim? — ela gritou, me dando um soco na boca. Mais sangue escorreu.

Então ela enfiou a mão debaixo da minha blusa e senti algo afiado arranhar minha barriga. É claro. Garras.

— Sua maldita! — eu gritei. Ela deu risada e cravou as unhas em meu estômago. A dor e o choque eram tão profundos que eu nem tinha forças para chorar.

Quando pensei que minha hora havia chegado, quando não conseguia sequer levantar os braços para revidar, uma sensação estranha percorreu meu corpo. Meus músculos se enrijeceram e eu não consegui mexer nada. Nem falar. Eu tentei, e Deus sabe como, mas simplesmente não conseguia me mexer. Caí dura no chão e só meus olhos se movimentavam. A sensação era horrível. Era como se eu estivesse anestesiada. Como se tivesse... Então me lembrei do que a doutora Rebecca disse quando eu estava no hospital. “Pode apresentar cataplexia, que é a perda de força e controle muscular, podendo afetar pequenos músculos como joelhos, faciais, pescoço ou fala, ou até o corpo todo, provocando queda”. Era isso. Eu não havia tomado os remédios e



isso iria me custar a vida. Essa era a pior sensação do mundo. Estar ali, deitada, sem poder me defender. Desistir sem querer. Morrer sem lutar.

— Hum, não vai nem tentar sobreviver? Covarde. Covarde assim como a sua tia, que viveu escondida por tanto tempo. Só poderia ser do mesmo sangue. Patético! — ela riu e tirou as garras da minha barriga e, se eu pudesse gritar, o teria feito sem nem pestanejar. Eu morreria de dor a qualquer instante.

Continuei a olhar para ela, o rosto todo machucado por causa dos golpes que eu havia dado. E esses olhos... Deus, ela não parecia humana. Era como se ela... nunca tivesse morrido. Como se tivesse mais de uma vida, assim como os gatos. Era isso! É claro, como não pude perceber? Além de todos os poderes, nós, decentes de Bastet, a deusa dos gatos, também tínhamos sete vidas! Era isso!

— E agora o final! A morte! — ela disse, levantando uma faca e apontando para o meu coração.

Então esse era o fim. Se eu pudesse teria fechado os olhos, mas como não conseguia, simplesmente os desviei e esperei a dor chegar. Mas ela não chegou. Por incrível que pareça, não chegou. No lugar dela, um baque terrível, que fez Sarah cair no chão.

— Como é bom rever os amigos! — gritou uma voz familiar.

Muito familiar.

— Ah, não! — gritou Sarah.



— Ah, sim, Sarinha linda — riu ela. — Você vai apanhar tanto, mas tanto, que vai desejar nunca ter despertado daquele lago.

— Fique longe de mim, Stek — gritou Sarah, se levantando. Ela apontou a faca e a jogou, numa pontaria infalível.

Stek? A gata de Bastet? Mas como era possível? Essa voz não era da Stek. Nos sonhos, Stek nem falava! Eu não conseguia enxergar quem era. Mas, quem quer que fosse não era um gato. Tinha forma humana, com toda a certeza. Antes que a faca pudesse chegar perto, o corpo humano a segurou e a jogou no chão.

— Mira infalível, ataque previsível. É o melhor que você consegue fazer? — indagou.

Foi quando reconheci essa voz. Aquela voz! A voz que eu tanto odiei e tanto discuti comigo durante anos.

Então ela partiu para cima de Sarah com uma lança e desferiu um golpe em sua perna, fazendo-a cair no chão. Ela começou a falar alguma coisa em outra língua, e eu tinha certeza de que era egípcia. Um clarão se abriu e tudo começou a tremer. Folhas e galhos caíam das árvores. Era como se estivesse chovendo folhas verdes, foi a coisa mais linda que eu já havia visto. E, antes que o clarão consumisse tudo, escutei uma risada maliciosa que conhecia bem.

A risada de Angelique.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Acordei com um gosto amargo na boca. Provavelmente o sangue seco. Tive muita dificuldade em abrir meus olhos, mas me forcei a fazê-lo, porque precisava saber se ainda estava em perigo. Vozes familiares vinham de algum lugar. Abri os olhos, por fim, e pude ver que eu estava em meu quarto, em minha cama. O chão estava um bagunça. Toalhas sujas de sangue, roupas jogadas e caixas de remédios faziam parte da nova decoração.

Minha cabeça latejava, como se estivesse prestes a explodir. Sentei-me ou melhor, tentei, porque no momento em que o fiz, todo o meu corpo começou a doer. Olhei para mim mesma. E estava parecendo uma múmia. Esparadrapos e curativos se espalhavam por todo o meu corpo, nas pernas, na barriga, nos braços e na minha testa. Eu havia sido massacrada.

— É melhor eu ir ver se ela já acordou — disse uma voz feminina, vinda do corredor.

— April, você está acordada? — perguntou vovó, entrando no quarto e se sentando na cama.

— Minha nossa, aquela psicótica acabou comigo exclamei, com a voz fraca, examinando minha barriga. — Credo, ela deformou minha barriga. Mas se ela pensa que vai me deixar com cicatrizes, está muito enganada. Eu vou socá-la e chutá-la, até que ela implore por...

— Ei, ei, ei. Calma aí, mocinha, Primeiro, vamos nos concentrar em se recuperar, sim? April, eu estou tão feliz que você tenha acordado. Quando você chegou aqui naquele estado deplorável, eu pensei que tinha te perdido.



— É, acho que eu deveria ter tomado meu remédio no final das contas. Mas eu não entendo. Como eu sobrevivi? Oh, meu Deus! E a tia Elizabeth? Ela está bem? — perguntei, e dessa vez, consegui me levantar. Não queria saber da dor, precisava ver se ela estava bem.

— Aprilynne, deite-se agora mesmo! Sua tia está bem, está no quarto dela, dormindo. Elizabeth está menos machucada do que você, e tenho certeza de que ela não iria querer que você se levantasse somente para vê-la — afirmou vovó e eu voltei para cama — Tudo foi uma surpresa terrível. Nós não sabíamos que Sarah ainda possuía vidas. Mas nós nos enganamos e você quase morreu por isso. Nós vamos ter que tomar mais cuidado. Já passava das três da manhã quando escutei passos. Eu não havia conseguido pregar o olho, porque estava morta de preocupação. E então, a campainha tocou. Eu não podia acreditar no que estava vendo. Era Stek! Eu pensei que ela estava morta! Vocês duas estavam desmaiadas num carro, que Stek tinha roubado para salvar vocês.

— Angelique é a Stek mesmo? Eu... eu não posso acreditar! E ela roubou um carro! — exclamei, muito surpresa.

— Eu não sei quem é Angelique, e minha cabeça já está cheia de surpresas. Tome seus remédios, que estão aqui na mesinha. Irei ver como sua tia está. Descanse — falou vovó, me dando um beijo e, depois, saiu do quarto.

Angelique era Stek. Como isso poderia ser verdade? Eu a conhecia há muitos anos, e nunca ela deu indícios de ser Stek. Mas ela havia salvado a minha vida. E a de tia Elizabeth também. Droga, agora sim essa menina iria



me irritar. Angelique passou a vida inteira tentando pregar-me peças. E havia conseguido.

E quanto a Sarah? Que ordinariazinha! Além de ter roubado os poderes da minha tia, ela ainda tentou nos matar. Será que Angelique tinha conseguido matá-la? Eu realmente esperava que não, pois eu tinha que dar o troco nela. Eu estava sedenta por vingança.

— Você apanhou feio, garota! — riu Angelique-Stek, entrando em meu quarto.

— Angelique, eu não posso acreditar que você me enganou esse tempo todo! Por que você não me disse que era Stek? — perguntei, furiosa.

— Não seria tão divertido, saco de pancadas. E também, eu não podia. Você tinha que descobrir tudo sozinha. Mas eu não esperava que você fosse demorar tanto. — Angelique-Stek tinha o poder de me tirar do sério. Francamente, saco de pancadas?

— Você estava me vigiando? Durante todos esses anos?

— Claro, April. Eu sou uma guardiã. É meu trabalho cuidar de você. Lembra daquele dia na cozinha, em que você quebrou um copo, e antes havia visto um gato na janela? Era eu — disse ela, olhando para os peixes no aquário.

— Eu sabia que tinha algo familiar no gato! Sempre ficava me olhando como se estivesse debochando de mim! E se você é minha guardiã, porque você vivia me ferrando o tempo inteiro?



— Porque era divertido. Devo dizer que, em todos esses anos, eu nunca havia me divertido tanto! Ah, e suas formiguinhas não conseguiram me pegar. Sinto muito, aquela era a cama da Kendra. Mas boa tentativa — disse ela, sorrindo. — E você não vai me agradecer? Eu salvei sua vida. Duas vezes.

Duas vezes? Oh, não!

— Você me tirou do lago! Salvou a vida de Ian também! — exclamei, surpresa. De novo. Espere. — E quanto à aposta? E aqueles gatos me perseguindo?

– Uau, como você é esperta! Você se mete em muitos problemas, mas isso tornou a minha vida menos tediosa. Você está me devendo. Sobre a aposta, eu tinha que fazer você entrar naquela floresta e achar Sarah. Só assim seus poderes iriam começar a se manifestar. E quanto aos gatos, eu simplesmente os mandei assustar você para você entrar naquele lago de uma vez.

— Mas se você sabia que ela estava lá, por que não a matou? — quis saber.

— Ok, como se fosse mesmo fácil. O lago está enfeitiçado. Ninguém pode tirá-la de lá — Angelique explicou.

— Estranho... — comentei, e uma cena voltou em minha mente.

— E aquele dia lá no quarto, quando você contava para Lauren e para Kendra sobre a chave? Você sabia que eu estava escutando, não sabia? — perguntei.



— É claro! — ela respondeu. — Como você não tinha ido ao escritório procurar sua ficha depois do nosso encontro na cozinha, eu tive que fazer isso de novo. Você é lerda para entender as coisas. Tudo sempre esteve ligado e... — ok, ela não parava de encarar o aquário. Isso estava me assustando. Não, não estava encarando o aquário. Stek estava observando o movimento dos peixes. Será que ela...?

— Oh, minha nossa! Você quer comer meus peixes. — Agora era eu quem estava rindo. Angelique corou e ficou quieta e envergonhada. Fiquei com um pouco de pena, afinal ela havia se arriscado por mim duas vezes e ela era minha protetora.

— E de onde você conhece a Sarah? Vocês já lutaram ou algo assim? — perguntei.

— Oh, sim. Tentei impedi-la no dia em que ela roubou os poderes de Elizabeth. Mas não deu muito certo. Nós brigamos feio e eu saí ferida, não sei quem a instruiu, mas Sarah conhecia muitos truques para uma humana normal — Angelique explicou, me olhando nos olhos. Assenti e cruzei os braços, fazendo-me lembrar dos cortes profundos em minha barriga. Levantei a blusa e vi milhões de esparadrapos nela.

— Está cheia de pontos — ela disse. Suspirei fundo e abaixei a blusa, Angelique colocando mais um cobertor em cima de mim.

— Olha, Angelique-Stek, eu sei que nós tivemos nossas desavenças no passado, mas será que a gente não pode deixar isso de lado? Nós vamos ter que trabalhar juntas agora e seria muito melhor não ter de ficar brigando



com você a cada cinco minutos — sugeri, levantando minha mão. Ela me olhou durante alguns minutos e, finalmente, a segurou.

— Ok, estou de acordo. Mas você apanhou demais! – Stek começou a rir, mas logo parou. — E a propósito, me chame de Stek. Angelique é meio fora de moda. Boa noite.

— Ei, espere! O que você fez com a Sarah? Você a exorcizou que nem os irmãos Winchester? Você tem que me ensinar a fazer isso! Ela está morta?

— Quem? — perguntou ela com uma expressão confusa. — Não sei de quem você está falando. Mas em relação à Sarah, eu fiz um feitiço e a mandei de volta para aquele lago nojento.

— Então ela não está morta?

— Infelizmente, não. Eu não tenho poder suficiente para matá-la — respondeu, indo até a porta.

— Beleza! Mal posso esperar pra colocar as minhas mãos naquela doida. Ela vai desejar nunca ter se metido com a nossa família — afirmei, com um sorriso diabólico no rosto.

—Você me assusta — confessou Stek, franzindo o cenho — Mas eu gosto disso. Tenho que ir. Boa noite, Cinderela.

Bastet não conseguia se mover. Os soldados de Nuru a haviam acorrentado a uma mesa de pedra. Ela estava em um templo sagrado que fora construído para realizar sacrifícios humanos. O chão estava coberto de desenhos estranhos e hieróglifos. Tochas estavam posicionadas em círculo,



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



em volta da mesa de pedra. Bastet tentou soltar um de seus gritos ensurdecedores, mas a única coisa que saiu de sua boca foi... nada. Seu grito poderoso havia sumido. Ela também tentou usar qualquer um de seus poderes, mas no templo tudo era inútil. Os desenhos e hieróglifos no chão continham um tipo de feitiço que anulavam seus poderes.

— Vejo que a rainha já acordou! – exclamou Nuru, entrando no templo. — Que ótimo! Só estava faltando você para nossa festa.

— O que você vai fazer comigo, Nuru? E onde está Ammon? – perguntou ela, tentando ganhar algum tempo. Sekhmet lutava para se libertar.

“Não, Sekhmet, você não vai sair. Eu estou no controle. Agora já não importa mais. Nós vamos morrer do mesmo jeito, não importa o que você faça.”

— Hum, vou pegar emprestada uma coisinha e sei que você não vai se importar. E quanto ao seu querido Ammon, eu o matei. Mas não se preocupe. Foi rápido — ele disse, com um sorriso assustador. — Ele nem sofreu. Muito.

Sekhmet a estava fazendo tremer, mas mesmo assim Bastet continuou a falar com Nuru.

— Você é um monstro!

— Não, não. Eu fui muito misericordioso com seu amado. Eu poderia ter feito muito pior — Nuru balançou a cabeça. — Mas quanto a você... Não



posso prometer nada, querida esposa. Ouvi dizer que o processo é meio doloroso.

— Do que você está falando? — Bastet chorava de tanta raiva. Ammon estava morto. — O que você vai fazer comigo?

— Um pequeno ritual. Você tem algo que me pertence. Eu vou pegar Sekhmet. E depois te matar. Gostaria que outra pessoa fizesse esse trabalhinho sujo, mas sabe como é. Só um Deus pode matar uma Deusa. Então aqui estamos.

— O quê? Você fez tudo isso por que queria roubar meus poderes? — perguntou.

— Seus, não. Quero Sekmet. Você nunca a usa mesmo. Você é fraca, Bastet. Nunca aprendeu a controlar esse seu outro lado e nunca vai aprender. Você poderia ter sido a deusa mais poderosa de todo o universo, mas, em vez disso, teve medo de libertar Sekhmet. Você está tremendo, mas não deixa Sekhmet tomar conta do seu corpo. Você nunca deu valor aos seus poderes, não é? — Dito isso, ele pegou um livro e começou a lê-lo em voz alta em uma língua estranha.

Nuru terminou de ler e fechou o livro. Depois disso, jogou um líquido preto na cabeça de Bastet.

Se não fosse pelas correntes a prendendo, Bastet estaria levitando. Sekhmet estava indo embora do seu corpo. Bastet nunca havia sentido uma dor tão tremenda. Ela estava sufocando. Seu peito estava apertado. Nuru



falou mais algumas palavras e então aconteceu. Um fio esfumaçado saiu da boca de Bastet e foi de encontro a Nuru. Seus poderes estavam indo embora. E a metade da sua alma também.

A cabeça de Bastet começou a girar, deixando-a tonta. E então... ela se fora. Parte de Bastet se fora para sempre.

Um sorriso diabólico se formou nos lábios de Nuru. Sekhmet estava nele. Nuru pegou uma adaga dourada incrustada de rubis e disse:

— Adeus, Bastet.

Acordei gritando no meio da noite. Não era real. Como Nuru pôde fazer aquilo? O jeito que Bastet morreria foi a coisa mais triste que já presenciei em toda a minha vida. Além de perder a metade da alma, ela perdeu o grande amor e sua filha. Como alguém podia ser tão maldoso a ponto de arruinar a vida de outra pessoa? Como Nuru havia se tornado essa pessoa tão invejosa e sedenta por poder? E quanto a Sekhmet, por que Bastet nunca a libertava? Afinal, Sekhmet era parte dela, não era?

Bastet deveria ter muito medo de deixar Sekhmet tomar conta dela, porque quando deu liberdade, Sekhmet matou um guerreiro inocente. Mas isso não quer dizer que Sekhmet sempre machucaria os outros, certo?

Tia Elizabeth deve ter se sentindo muito mal depois que Sarah roubou seus poderes. Entendo porque ela se internou em um hospício. Eu não sei o que faria se algo assim acontecesse comigo. Mas eu certamente perderia a cabeça.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Não sei por quanto tempo fiquei pensando nisso, mas não me lembro como consegui pegar no sono.

Levei três semanas para voltar à escola. Essa foi a única coisa boa em apanhar. Eu queria ter ficado mais tempo em casa, mas vovó não deixou. Ela disse que eu precisava estudar mais para tirar boas notas. Mas, honestamente, pra quê? Eu precisava era de mais treinamento, depois do que tinha acontecido com a Sarah. Aquilo não poderia se repetir. Também fui ao hospital para fazer exames e mais curativos. Eu estava bem, entretanto, sentia dores o tempo todo, pois foram vários ferimentos. Eu tinha esparadrapos por todo o corpo.

No banheiro da escola, levei um susto. Angelique, vovó e tia Elizabeth me afirmaram que meu rosto não estava tão ruim. Mas estava. Estava pior do que ruim, estava um desastre. Eu estava parecendo uma berinjela, de tão roxa. Tinha vários cortes e hematomas, quase não me reconheci.

O sinal tocou, indicando que a primeira aula iria começar. Ótimo. Eu seria motivo de chacota na sala de aula. Tomei coragem e saí do banheiro. Ao andar pelo corredor, pude ver vários cartazes anunciando o baile que acontecia semestralmente. Seria daqui cinco semanas, e eu mal havia pensado sobre isso. Se eu estava animada? Claro, mas eu não poderia ir com essa cara. Continuei andando, ignorando os olhares dos outros em cima de mim. O dia estava sendo um inferno. E a primeira aula nem havia começado.

— April, o que aconteceu com você? — perguntou Ian, assustado, assim que eu cheguei à sala de aula.



— Levei uma surra das boas. Da nossa querida Sarah — disse, jogando minha mochila em cima da carteira e me sentando. Todos na sala de aula estavam olhando para mim e cochichando. Ian se assustou mais ainda, então logo contei a ele tudo que havia acontecido. Ele estava em choque.

— Eu... Eu não acredito! April, eu sinto muito. Queria ter te ajudado, se eu estivesse lá...

— Você teria feito o quê? — indaguei, — Ela é forte, Ian. Forte demais. E ela poderia ter te matado. Eu me salvei por pouco! Se não fosse pela Angelique... Stek...

Ele segurou minha mão com delicadeza. Seus olhos estavam mais coléricos do que nunca, mas ele sorriu. Sustentei seu olhar por alguns segundos e foi como se estivesse hipnotizada. Sorri e apertei a mão dele com força.

— Eu aposto que vou ficar bem — assegurei.

— Agora eu estou realmente preocupado, April — disse ele. — Tome cuidado, por favor — pediu ele.

Sorri e me deleitei com sua preocupação.

— Tomarei. Se eu encontrá-la novamente, não vou deixar ela me machucar. Vou matá-la, de um jeito cruel e bem doloroso. Vou deixar o cara dos Jogos Mortais parecendo com o Mickey Mouse — disse, e Ian me olhou.

— Uma vez garota-problema, sempre garota-problema, mas agora com um toque assassino — ele disse rindo.



— Meu Deus! — gritou Dakota Sanders, entrando na sala e me olhando. — De quem você apanhou? Aposto que foi uma briga das boas! — disse. Dakota sentou-se ao meu lado e pediu por uma explicação boa. Ian deu risada e se virou para frente. Ligou seu iPod e colocou os fones.

— Acidente de carro — respondi. E era verdade. Não uma inteira verdade, mas mesmo assim.

— Ah! — ela suspirou. — Queria tanto uma matéria bombástica! Do tipo “Adolescente é massacrada por gangue e sai viva por um milagre”. Mas tudo bem. Vou ter que me conformar com “10 motivos para você arrumar seu quarto”.

Revirei os olhos e sentei-me ereta. A Srta. Fernández havia chegado à sala de aula.

— Sinto muito desapontá-la — eu sussurrei para Dakota.

O negócio é que ela editava o jornal da escola, e bastava ouvir algum babado forte que seus olhos cintilavam. Ela namorava o melhor amigo do Ian, Jake, e rapidamente nós nos tornamos amigas. Ela era meio obcecada com o jornal da escola e com jujubas, mas todos nós temos nossos prazeres secretos, não é?

— Tudo bem, tenho um babado forte para te contar — disse ela bem baixinho, brincando com uma mecha de cabelo louro.

— Qual? — perguntei enquanto olhava a Srta. Fernández escrever no quadro. Ela dava aula de Espanhol, e eu adorava.



— No refeitório eu te conto. — Dakota deu uma piscadela.

— Ah, por favor! — eu supliquei.

— *Señorita Hills, por favor. Atención, si? La clase lia comenzado.*

Francamente, será que eu não conseguia passar despercebida nas aulas? Parecia que todos os professores estavam fazendo um complô contra mim. Isso porque minha tia havia falado que eu sofrera um acidente e tal. Ninguém tinha mais pena de mim, não?

— Ok, agora conta — pedi a Dakota assim que nos sentamos à mesa para almoçar. Estava um lindo dia e nós havíamos pegado uma mesa no jardim da escola, onde estava sempre lotado.

Dakota enrolou seu macarrão no garfo e colocou na boca. Enquanto ela mastigava, eu abri meu suco e tomei um gole. Ian e Jake ainda estavam na fila para pegar comida, e demorariam tendo em vista o tamanho da fila.

— Ian vai te convidar para o baile. Pronto, falei — Dakota contou, erguendo as sobrancelhas.

— Até parece — eu disse, chocada. Tudo bem que nós havíamos nos beijado, mas ele conhecia quase todas as garotas da escola, e havia centenas delas que se pareciam com a Barbie Malibu. Por que ele me chamaria ao baile se tinha tantas opções menos esquisitas?

— É sério! — Dakota disse. — Ele contou ao Jake, que contou a mim, e eu estou contando a você. Mas você não sabe de nada, ok? Se Jake descobrir que eu te contei, estou ferrada.



Mordisquei meu sanduíche.

— Não vou contar nada — disse de boca cheia, — Mas nem deve ser verdade.

— É sim! — seus olhos verdes semicerraram. — Por que é tão difícil de acreditar?

— Hum, talvez porque eu não seja a melhor opção por aqui? — indaguei.

— Ei, não seja tão dura com você mesma. April, você é legal e divertida. Por que ele não te chamaria ao baile? Sem falar que vocês se conhecem há bastante tempo. E eu sei que vocês tinham uma história de brigas no passado. Aposto que isso deixou as coisas muito mais apimentadas! Tipo, uma relação de amor e ódio, super sexy. Eu até me surpreendo com vocês. Já era pra vocês estarem juntos, tipo assim, há séculos.

Dei mais um gole no suco e observei Ian e Jake caminharem até a mesa. Duas meninas, Amanda e Melissa, estavam vindo atrás deles. Elas também eram amigas do Ian, então eu também as conhecia. Ambas eram simpáticas e legais, mas Dakota não gostava muito delas, pois Amanda havia picotado e Melissa pintado o cabelo de sua Barbie Médica quando elas tinham sete anos e Dakota nunca as perdoou.

E, enquanto eu ouvia todos conversarem na mesa, comecei a pensar em Ian. De novo. Minha nossa, nós tínhamos tanta história juntos! Ele havia salvado minha vida algumas vezes. Havia estado lá quando ninguém mais



estava. E fazia tanto tempo. Quase seis meses. Sem falar dos nossos amassos no lago. Mas se ele gostasse mesmo de mim a ponto de me chamar para o baile, então por que não havia falado mais nada sobre os beijos durante todo esse tempo?

Ele sempre esteve ali. Ele sempre me tratava bem. E o sorriso dele me confortava do mesmo jeito que chocolate quente em um dia frio. É, Ian era exatamente como chocolate quente. Tudo que eu precisava no final do dia.

Então, ao encontrar os olhos de Ian através da mesa cheia de gente, vê-lo sorrindo em minha direção e me lembrando dos nosso beijos, eu tive certeza. Certeza de que estava apaixonada por ele.



Capítulo 15

Escolhendo Vestidos

“Roupas nunca são uma frivolidade. Elas sempre querem dizer algo.”

James Laver

— Esse é perfeito para você! — exclamou Amanda, enquanto olhávamos uma arara cheia de vestidos. Daqui uma semana seria o baile e, como eu não tinha vestidos, tive que sair às compras atrás de um. E até agora, não tinha achado nada decente.

— Nossa, eu amei! — comentou Dakota.

Observei bem o vestido. Era azul claro. Em vez de um decote escandaloso, esse tinha um tecido transparente bordado com cristais que se trançavam e se encontravam nas costas, criando um decote muito bonito e discreto. A saia do vestido se tornava transparente do joelho para baixo e tinha uma fenda bem discreta também. Era simplesmente incrível.

— O preço? — pedi, antes mesmo de prová-lo. Eu não era nem doida de gastar mil dólares em um vestido. Mesmo que vovó e tia Elizabeth tenham insistido para eu comprar um que eu gostasse, independente do preço.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



É o mínimo que podemos fazer por você, Aprilynne, titia argumentou quando eu disse que não iria gastar uma fortuna.

— Quinhentos dólares — disse Dakota, tomando o vestido da mão da Amanda e examinando o preço.

— Deus que me perdoe. Muito caro — eu disse. — Vamos procurar por outro e...

— De jeito nenhum! — Dakota disse. — Essa é a décima loja que entramos hoje e você não gostou de nenhum! Nenhum, April. Pelo menos experimenta, ok?

Torci o nariz e tomei o vestido da mão dela.

— Tanto faz. — Fui até o provador e tirei minhas roupas. Coloquei o vestido, fechei o zíper e me encarei no espelho. Tirou até o meu fôlego.

Como mais de um mês havia se passado desde a briga com Sarah, os ferimentos em meu rosto haviam melhorado. Pelo menos não estavam roxos. Com uma boa maquiagem, eles desapareceriam completamente. Sai do provador e as meninas me olharam com fascínio.

— Compra. Agora — ordenou Dakota.

— Ficou lindo em você! — disse Amanda.

— É, mas e o preço? Bem caro.

— Eu estava lá quando sua tia disse que você podia gastar em um vestido bonito. E esse é perfeito! Além do mais, estou cansada de procurar



vestidos. Todas nós já compramos o nosso, só falta você. E ainda temos que procurar sapatos!

Olhei meu reflexo no espelho e balancei a cauda do vestido. Seria fantástico dançar com ele. Tão confortável e tão bonito! E se a tia Elizabeth disse que eu poderia mesmo comprar...

— Moça! — gritei para a atendente. — Vou levar esse.

As meninas suspiraram aliviadas e fomos pagar.

Depois compramos sapatos e fomos jantar no Lola's, onde encontraríamos Ian, Jake e mais alguns amigos. Fizemos o pedido e senti meu celular vibrar no bolso. Tirei-o e olhei para o visor. Uma mensagem. Do Ian. O que era estranho, já que ele estava sentado ao meu lado.

“Ok, estou tentando fazer isso nas últimas semanas, mas pelo visto, não estou conseguindo. Então... quer ir ao baile comigo?”

Sorri e suspirei fundo. Graças a Deus ele havia me convidado. Desde que Dakota havia contado que ele iria me chamar para o baile, nada aconteceu. Enquanto todas as meninas haviam sido convidadas, eu estava ali, aguardando um convite. O que eu achei estranho foi que ele já havia me beijado no lago, e tinha sido super corajoso. Para onde fora a coragem dele? Era só um convite para o baile!

“Hum sinto muito, Ian. Mas já vou com alguém.”



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Respondi, brincando. O celular dele tremeu e ele olhou para mim, sorrindo. Então abriu o celular, leu a mensagem e seu sorriso desapareceu, ele digitou algo e meu celular vibrou.

“Posso perguntar com quem? Que droga, eu deveria ter te chamado antes. Desculpe, só estava com medo de você já ter par. Como agora. Que droga mesmo.”

Dei risada e digitei.

“Oh, eu vou com o garoto mais sexy de toda escola. O Harry-meleca.”

Pensei que seus olhos fossem saltar do rosto quando ele leu a mensagem. Ele virou-se para mim e ficou sem palavras. Segurando o riso e sem encará-lo, digitei outra mensagem e enviei.

“Brincadeira! Pensei que você nunca fosse me chamar. É claro que eu vou ao baile com você. Afinal, isso está combinado faz tempo, lembra?”

— Alguém pode, por favor, desligar esse celular? O barulho está me irritando — Dakota reclamou.

Ian leu a mensagem e sorriu para mim, aliviado e feliz ao mesmo tempo. Assim como eu.

— Pobre Harry-meleca — disse ele. — Por um instante achei mesmo que você estivesse falando a verdade.

Gargalhei e nossos pedidos chegaram. Peguei uma batata frita e joguei na boca.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Aham, eu com certeza vou sair com um garoto que tira meleca do nariz e come. — Tomei um gole do meu milk-shake.

Ele deu risada e, acidentalmente, nossas pernas se encostaram. Senti uma eletricidade percorrer meu corpo.

— Ui, nós estamos comendo! — Amanda grunhiu. — Sem Harry-meleca aqui, por favor.

Todos caímos na gargalhada e Ian sussurrou em meu ouvido.

— Desculpe ter demorado tanto tempo para te convidar — murmurou, aproximando o rosto do meu para que os outros não ouvissem.

Apertei sua mão e senti fogos de artifício explodindo dentro do meu estômago.

— Tudo bem — disse. — Valeu a pena esperar. O baile vai ser inesquecível, tenho certeza.

Ah, Deus, se eu soubesse como ele seria mesmo inesquecível...

— Você está ridícula — riu Stek enquanto eu me olhava no espelho.

— Muito obrigada, Stek. Eu me sinto bem mais confiante agora.

— Revirei os olhos e calcei meus saltos.

Mexi no cabelo novamente, sentindo-me insegura em relação a ele. Eu tinha ido até o salão com Dakota, Amanda e Melissa, para fazermos um penteado e maquiagem. Meu cabelo fora enrolado com babyliiss e algumas mechas estavam presas com uma presilha em forma de borboleta cravejada



com pedras brilhantes, que vovó havia me emprestado para usar esta noite. Ela disse que me daria sorte, já que era um artefato egípcio e tal. Eu também havia feito maquiagem no salão, e estava muito diferente. Nunca havia usado maquiagem. Eu era outra pessoa. Mais... brilhante e viva. Meus olhos cintilavam de tanta animação. A notícia boa era que todos os hematomas do meu rosto haviam sumido.

Caminhei até a cama e peguei minha bolsa. Olhei rapidamente para o aquário e percebi que algo estava errado.

— Ué, cadê os peixes? — perguntei.

Stek levantou os ombros e disse que não fazia ideia. O que era estranho demais. Como eles haviam simplesmente sumido? E por falar em Stek, ela havia fugido do orfanato e agora morava conosco.

Fui ao banheiro dar uma última checada em tudo. Sorri de excitação ao ver meu reflexo no espelho. Estava bonita. Não de um jeito convencido, mas de um jeito natural, que vem de dentro quando você se sente bem e feliz. Rapidamente, voltei ao quarto e lá vi uma cena que jamais pensara em vivenciar.

— Stek! — gritei. — Eu não acredito nisso!

Ela me olhou chocada e eu pude ver a barbatana de um peixe se retorcendo nos lábios dela. Stek estava comendo meus peixinhos. Por isso eles estavam desaparecendo.

— Coloca ele de volta! Não ouse mastigá-lo.



Ela levantou-se e cuspiu o peixe de volta no aquário.

— Desculpe! — ela pediu com a cabeça abaixada. — Mas eles são tão bonitos, tão coloridos, tão apetitosos — ela tentou se justificar.

Balancei a cabeça e disse:

— Se quiser peixes, peça para vovó fritar alguns — sugeri, dando risada.

Ela me mostrou a língua e eu dei risada. Isso era tão hilário e tão trágico ao mesmo tempo.

— Estou nervosa — confessei. — É o meu primeiro baile.

— Ah, que palerma. Para com isso, é só um baile normal. Música, ponche ruim e pessoas dançando. Só isso — ela disse, me olhando de um jeito meio triste. Então percebi o porquê.

— Você também queria ir! — gritei. — Arrá! É por isso que está sendo tão chata comigo. Stek está com inveja!

Ela se levantou e colocou as mãos na cintura.

— Não estou, não! — ela disse. — Eu tenho mais de seis mil anos! Não tenho vontade de ir a essas festas colegiais. Pois saiba que lá no Egito fui com Bastet às festas mais incríveis. Tão incríveis que você nem imaginaria.

Comecei rir e me levantei também.



— Tem sim e você sabe disso. — Ouvi um carro cruzar a esquina e, alguns instantes depois, o som de uma buzina ecoou pela casa. — Hora de ir. Deseje-me sorte.

Ela revirou os olhos e disse:

— Boa sorte. Estarei vigiando. — Ela deu uma piscadela e eu descí as escadas. É claro que ela estaria vigiando. Como sempre.

Ainda na escada, gritei:

— Stek, cuspa meu peixe agora!

— Não sei do que está falando — ela gritou de meu quarto. Percebi que estava com a boca cheia. Neguei com a cabeça e ri, terminando de descer.

Despedi-me de vovó e de tia Elizabeth, mas não sem antes tirar uma foto com elas. Sai pela porta e as olhei. Sorri e pensei em como eu era sortuda por tê-las em minha vida. Fechei a porta e vi um Ian arrumado, vestindo um smoking preto e segurando uma flor branca. Ele a colocou em meu pulso e disse:

— Você está linda. De tirar o fôlego.

Eu sorri e ele me deu o braço. Agarrei-o e disse:

— Obrigada. Fiquei o dia todo no salão.

— Então cada segundo de espera valeu à pena — ele sussurrou em meu ouvido enquanto abria a porta do carro para mim.



— É, acho que sim. — Sorri e olhei a lua através da janela aberta. Ela estava enorme e prometia acontecimentos mágicos na noite de hoje.



❖ *Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...* ❖

Capítulo 16

O baile

“Noite. Noite encantada. Noite dolorosa. Noite doida, mágica e louca, e ainda sim, noite. Noite que parece não terminar nunca. Noite que às vezes passa depressa demais.”

Desculpa se te chamo de amor — Federico Moccia

Eu nunca tinha visto baile mais bonito. Eu não tinha outros com que comparar, mas sabia que esse era o mais incrível. Entrando no salão, havia uma cabine para tirar fotos. A fila estava imensa, todos queriam tirar fotos. No fundo do lugar tinham poltronas e pufes coloridos. Um enorme globo de espelhos em formato de caveira estava posicionado no centro do salão, causando movimentos psicodélicos. As luzes coloridas rodopiavam e faziam movimentos diferentes conforme a batida da música. No salão também tinha um balcão com drinques e doces variados. Nem precisava dizer que era o lugar mais cheio. Adolescentes sedentos por bebidas e doces de graça. Típico.

A música alta ecoava por todos os cantos. Garotas e garotos dançavam loucamente, como se o amanhã não existisse. Amanda, Dakota, Melissa e eu



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



estávamos na fila para tirar fotos na cabine, enquanto Ian, Jake, Lucas e Tommy pegavam bebidas para nós.

— Esse baile vai ser demais! — exclamou Amanda, entrando na cabine com Melissa para tirar as fotos. Segundos depois elas saíram.

— Ai meu Deus, amei! — sorriu, nos mostrando as fotos. Tinham três. Uma era da Amanda e Melissa sorrindo, a outra era delas fazendo caretas e na outra faziam chifrinhos uma na outra. Eu sempre quis tirar uma foto em uma daquelas cabines. Sempre via nos filmes, mas parecia algo tão inalcançável.

— Ficaram lindas — falou Dakota, me puxando para entrar na cabine com ela — Agora é nossa vez!

Tiramos uma foto sorrindo, outra mandando beijo e a outra fazendo careta. Saímos dali e os meninos já tinham voltado e estavam segurando nossos drinques nas mãos. Dakota pegou a foto e me mostrou. As fotos tinham ficado super divertidas, assim como nos filmes. Tudo que eu sempre havia sonhado tinha acontecido. Família, escola, bailes, diversão.

Como eu queria que Kaleigh e Claire estivessem aqui. Elas estariam se divertindo mais do que qualquer um.

Ian me entregou um drink vermelho, que ele disse ser suco de morango com limão e água com gás. Tomei um gole. Simplesmente sensacional. Fazia cócegas na minha garganta, era incrível.



— Você está se divertindo? — perguntou Ian, tomando um gole da bebida azul dele.

— Muito — respondi, tomando um gole também.

— Oh, minha nossa! Eu adoro essa música, vamos dançar! — gritou Amanda, indo para pista de dança.

Todos foram para a pista de dança, inclusive eu. A música era boa demais, e eu já a conhecia, pois Dakota tinha me mostrado todos os hits do momento, porque ela disse que eu pre-ci-sa-va saber todas as músicas que iriam tocar no baile há algumas semanas. O nome dessa que estava tocando era Chew Me Up do Cobra Starship. A batida era incrível.

A festa estava muito cheia e parecia que todos tinham escolhido essa música para dançar. A pista de dança estava lotada. Todos dançavam e riam, se divertindo ao máximo. Ian dançava de um jeito engraçado e desengonçado, mas totalmente fofo. Eu deixei minha vergonha de lado e me joguei na música, que sensação libertadora. Dançar como se não houvesse mais nada.

— Você dança bem para uma garota que nunca veio a um baile — afirmou Ian, perto de meu ouvido.

— E você dança bem mal para um garoto que sempre vem a bailes — falei, rindo.

Dançamos mais quatro músicas, todas animadas e divertidas. Segundo Dakota, elas eram: Feel it in my bones — DJ Tiesto, Dancing mi my own —



Robyn, Under The Stars — Morning Parade e Animal — Neon Trees. Fiz uma nota mental de pedir a Dakota que me gravasse um cd com algumas músicas para que eu conhecesse um pouco do que tocava hoje em dia e deixar de ser a garota-do-orfanato-que-não-conhecia--nenhuma-música.

Ian e eu estávamos sentados nos pufes, no fundo do salão. A pista de dança estava abarrotada de gente, não tinha condição de se mexer, por isso nós viemos descansar um pouco e tomar outra bebida.

— O que você está achando do baile? — ele perguntou, bebendo sua piña colada sem álcool.

Felizmente, a escola proibiu álcool nas bebidas. Dakota tinha me contado que da última vez que liberaram bebidas alcoólicas, algumas pessoas tiveram que sair de cadeira de rodas, porque estavam em coma alcoólico. Já outras, estavam tão bêbadas que fizeram xixi nas calças, porque não deu tempo de ir ao banheiro. Trágico.

— Superou minhas expectativas. É divertido.

A música She is, do Parachute, começou a tocar. Rapidamente, casais se dirigiram a pista.

— Eu costumava odiar esses bailes. Mas esse está sendo excepcionalmente ótimo — ele confessou, desviando o olhar.

— Por quê? — perguntei, com medo de ouvir a resposta.

— Você não faz mesmo ideia? — Meu rosto corou instantaneamente.



Um estranho silêncio pairou no ar. Virei o meu drinque até o fim, tomei coragem e perguntei:

— Ian, por que você me convidou pro baile, quando você poderia ter convidado qualquer garota da escola?

Ele demorou a responder, olhou para os lados, brincou com seu copo e por fim respondeu.

— Caramba, eu nunca pensei que diria isso de você. Eu não te suportava. Pensava que você era uma garota sem educação, grosseira e muito orgulhosa. Vocês do orfanato nunca se misturavam. Você principalmente. Mas, quando eu te conheci de verdade, vi que você é divertida, engraçada, forte e muito humilde. Você não é uma donzela em perigo, você é a heroína, mesmo que eu já tenha te salvado. Nós dividimos um segredo juntos. Um segredo mortal, e nós também já passamos por tanta coisa juntos, quase morremos. Mas sabe de uma coisa? Eu nunca tive medo. Nunca tive medo de descobrir o que tinha acontecido com a Sarah, porque você estava lá comigo. E sei que, quando você está por perto, nada de ruim pode acontecer. Ou melhor, pode. Mas eu sei que você vai resolver tudo no final.

E, no refrão da música, pude sentir meu coração derretendo. Ninguém nunca havia falado essas coisas para mim. Nunca. Nunca mesmo.

— Isso foi... legal. É, eu acho que foi legal. Maneiro. Mas não do tipo clichê. Eu acho. Então... er., eu só... — eu estava falando descontroladamente.



Ian se aproximou de mim e segurou meu queixo delicadamente, fazendo com que o encarasse.

— Desculpe pela demora. Deveria ter te falado isso na floresta — sussurrou.

— Está tudo bem — eu disse, graças a Deus, sem gaguejar. — Sei lá, acho que nós dois ficamos meio... constrangidos com o que aconteceu lá na floresta. Por isso ninguém tocou no assunto nem nada - concluí, tentando normalizar a minha respiração.

— É, e acho que nós não devemos tocar nesse assunto. Aliás, acho que nós não temos que tocar em assunto nenhum. Porque eu planejo estar ocupado nos próximos cinco minutos.

Arqueei a sobrancelha e perguntei:

— Ah, é? Fazendo o quê?

— Isso — E então ele grudou seus lábios nos meus.

Antes mesmo de fechar os olhos, me vi correspondendo ao seu beijo. Seus lábios doces e macios se moviam delicadamente. Bem como eu me lembrava.

Ele escorregou sua mão para minha nuca, aprofundando mais aquele beijo. Joguei meus braços em volta de seu pescoço e me deixei levar. Seu beijo era gentil, apaixonado. Eu pude sentir fogos de artifícios explodirem em meu estômago. Eu poderia parar o tempo nessa noite. O mundo ao nosso redor parecia ter congelado. E tudo que eu ouvia eram os acordes da música.



“I’ve been beaten down, I’ve been kicked around, but she takes it all for me. And I lost my faith, in my darkest days, but she makes me want to believe”

Continuamos a nos beijar até o ar nos faltar, até sermos obrigados a nos separar. Pouco a pouco, nós fomos nos afastando e ficamos encarando um ao outro. Ambos ofegantes e com olhos cintilantes. Sorri e ele pegou na minha mão.

— O que Caroline diria se nos visse agora? — perguntei, rindo.

— Uau... você é tão romântica, Aprilynne. Sempre dizendo a coisa certa no momento certo — Ian disse, rindo também.

— Até que enfim — vociferou Dakota, sentando ao meu lado, segurando uma bebida e um espetinho de mashmallow. — Pensei que nunca iriam se beijar. Oremos. — Ela mordeu seu doce e bufou alto. . — Melissa! — ela gritou. Melissa apareceu do nada, também, sorrindo abertamente.

— Nós ganhamos? — ela disse, saltitando em seu lugar. Ian e eu a olhamos, curiosos. — Vocês acharam mesmo que nós não apostaríamos que hoje vocês iam se pegar? — revirou os olhos e riu alto.

Cobri o rosto com as mãos, envergonhada e Ian deu risada, me abraçando pelos ombros.

Não era nem duas da manhã, e tudo de melhor já havia acontecido. Eu me pegava pensando se algo mais podia acontecer. Mas nunca, nem em um milhão de anos, poderia imaginar que o meu mundo iria desmoronar hoje.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Eu e Dakota estávamos na fila dos doces para pegar algumas guloseimas. Dakota já tinha comido mais de quatro espetinhos de marshmallow, mas não se dava por vencida. Ela estava pegando o quinto.

— Minha nossa, tanto açúcar assim vai te deixar pilhada — afirmei, pegando um espetinho de jujubas e algumas balinhas coloridas.

— Essa é a intenção. Quero aproveitar ao máximo esse baile — disse ela, comendo um marshmallow rosa. — Mas você é que está aproveitando, não é? — ela sorriu maliciosamente, me cutucando com o cotovelo.

— Pode se dizer que sim — disse, sorrindo e comendo minhas jujubas

— Esse baile está melhor do que nos filmes que vejo.

— É, só falta uma briga das boas. No último baile dois garotos estavam brigando e um deles até chegou a levantar uma cadeira e jogar no outro. Foi sen-sa-ci-o-nal — Dakota riu.

— Você adora um briga, não é? Minha nossa, quanto drama nessas festas!

— Claro, quanto mais brigas mais matérias para o jornal!

Voltamos para a pista de dança e encontramos o resto da galera lá. A pista estava mais vazia, muitas pessoas já tinham ido embora. Fiquei dançando do lado do Ian.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Você está cansada? — ele perguntou. Estava quase respondendo que não, quando me dei conta de que estava exausta. Meus pés estavam me matando. — Estou, na verdade — disse, bocejando. — E você?

— Quer ir embora? — perguntou Ian, indicando a porta. — Sabe, a gente pode passar no Lola's e comer alguma coisa, Depois podemos...

— Ficar de amasso no carro — Dakota interrompeu e riu.

— Jesus, você é impossível! — eu disse, rindo também. — Vem, Ian, vamos embora. — Peguei na mão dele, nos despedimos de todos e saímos do salão. A noite estava gelada, sem estrelas no céu, A mudança de clima fez meu corpo estremecer.

— Tome, vista isso — ele disse, colocando seu paletó em meus ombros. — Vou buscar o carro, assim você não machuca seu pé andando até lá. Estacionei meio longe, mas não devo demorar. — Ele colocou as mãos no bolso e saiu rapidamente em direção ao carro.

A entrada do baile estava vazia e silenciosa. As árvores balançavam violentamente, parecia que iam cair no chão. A rua estava deserta, sem nenhum carro passando. Comecei a ouvir passos vindo em minha direção. Fiquei atenta e virei-me, mas era apenas um gato.

— Stek, é você? — sussurrei ao gato.

O gato nem me deu bola, saiu correndo. Provavelmente não era ela. Se fosse Stek, ela teria se transformado para falar comigo.



Fiquei por mais de dez minutos esperando Ian e nada dele. Aonde é que ele tinha se metido?

— Srta. Hills? — perguntou alguém. Tremi com o susto e me virei. Era Alfred, o mordomo de Ian, e ele estava dirigindo um carro. — O Sr. Ian me pediu que eu viesse buscá-la. O carro dele não estava ligando porque a bateria acabou e ele não pôde vir pegá-la.

— Ah, tudo bem — Entrei no banco de trás do carro e fechei a porta. — Onde ele está?

— Está lá com o tio dele, tentando arrumar o carro. E me ligou, pedindo que viesse buscá-la — ele disse, sorrindo, e depois se virou.

— Sem problemas — sorri, também — Você sabe onde fica a minha casa?

— Sim, o Sr. Ian me explicou... Agora descanse. Vou ir bem devagar, a estrada a noite é perigosa.

— Tudo bem, obrigada, Alfred — agradei, encostando minha cabeça no vidro e fechando os olhos. Eu estava tão cansada... acordei com uma freada brusca. Eu só havia cochilado por alguns minutos, então não entendi quando o carro parou em uma clareira no meio do nada.

— Alfred, o que aconteceu? — perguntei. Alfred virou para trás e encontrou meu olhar.

— O carro quebrou. Vamos ter que ir a pé — ele respondeu secamente.



Fiquei assustada e olhei a clareira pela janela. Eu não fazia ideia de onde estávamos.

— Mas eu não conheço o caminho e...

Ele sorriu e abriu a porta.

— Não se preocupe. Eu sei. — Alfred abriu a porta para mim e eu saí.

Como é que eu iria caminhar por uma floresta com saltos altos e um vestido comprido? Resolvi ficar quieta e tentei ignorar a dor em meus pés enquanto caminhávamos pela noite. Pobre Ian sem seu paletó, sozinho no frio consertando o carro. O tempo havia mudado repentinamente, e agora o vento era violento. Alfred parecia estranhamente perturbado. Ele não saía do meu lado e ficava me encarando o tempo todo. Estava começando a me assustar.

Já dentro da floresta, com bolhas latejando nos meus pés, eu estava começando a ficar preocupada. Estávamos andando há vários minutos e parecia que estávamos adentrando cada vez mais a floresta escura. Então, subitamente, Alfred parou de andar e vi uma caverna atrás dele.

— Vamos ter que passar a noite aqui — disse ele.

Ok, se um velho de quatrocentos anos estava achando que eu iria dormir sozinha com ele dentro de uma caverna no meio do nada, ele estava muito, muito enganado.

— É, acho que não. Isso já está ficando bem estranho. Vou voltar para o carro e esperar por ajuda. — Virei-me e comecei a andar. Mas assim que o



fiz, me arrependi. Porque, bem ali na minha frente, no meio da floresta, uma Sarah muito zangada sorria e me rasgava com seu olhar. — Ah, Jesus — arfei. — Alfred, corra! — olhei para Alfred e vi que ele estava parado. — Corra, homem! Ela é maligna, ela vai...

E então percebi que Alfred sorria do mesmo jeito que Sarah.

Ah, não...

— Eu acho que você não entendeu o que eu quis dizer — ele vociferou, a voz grossa e áspera. — Entre na caverna. Agora.

Chacoalhei a cabeça e dei alguns passos para trás.

— Alfred, você não sabe com quem está lidando. Sarah é demoníaca, ela é...

— Minha escrava — ele completou.

Arregalei os olhos e senti meu coração parar. Não podia ser. Não. Mesmo. De. Jeito. Nenhum. Sarah deu um passo para frente e Alfred a impediu.

— Ainda não — ele sussurrou para ela.

Então era por isso que ela tinha os olhos brancos. Sarah estava sendo controlada pelo Alfred. Mas por quê? Ele só era um mordomo. Como diabos ele poderia saber de tudo isso? E como ele poderia saber como controlar uma garota que estava em um lago? Eu não entendia nada. Absolutamente nada.



— Sabe, April, desde a primeira vez que eu te vi soube que você traria problemas. Mas não dei muita importância. Pensei que Ian logo se cansaria de você, ele sempre se cansa. Mas adivinha? Eles nunca se cansam de gente como você.

— Eles? — perguntei. Do que ele estava falando?

— É claro! Ian e seu tio, Brian. Sempre querendo bancar os heróis. Esse foi o erro que custou a vida de Sarah. E, bem, agora irá custar a sua.

Brian? Mas que... AI. MEU. DEUS. Brian Atwood, o namorado da Sarah! Mas como era possível? Era coincidência demais. Passava dos limites. Senti minha visão ficar turva e me apoiei em uma árvore. Isso não estava acontecendo. Não poderia estar acontecendo.

— Devo confessar que me impressionei. Não sabia que ainda existiam pessoas como você. Pensei que tivesse acabado com a linhagem daquela vagabunda. Bastet, mas não. Você ainda está entre nós. Bem, não por muito tempo. – Ele sorriu e se aproximou de mim.

— C-como você sabe da Bastet? — perguntei. Ele deveria ser algum tipo de arqueólogo maluco. Era a única explicação racional para isso.

— Rá! — ele riu. — Como eu sei? — ele gritou. — Quem você acha que a matou, hein, menininha burra?

Não. Não era verdade. Porque, bem, se fosse verdade, significaria que Alfred não era Alfred. E sim...



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Isso mesmo, April! Eu sou Nuru. Sarah, por favor, faça as honras. — Sarah se aproximou de mim com um sorriso malicioso e eu, rapidamente, me toquei do que iria acontecer. Então, sem nem ao menos pestanejar, joguei meus saltos para o lado. Ela queria brigar? Ótimo. Porque eu também queria. Tirei o casaco de Ian e o joguei no chão. Sarah se aproximou mais ainda e eu dei alguns passos para trás para ganhar território. Ficamos nos movimentando em círculos durante algum tempo, até que Sarah resolveu atacar. Mas eu estava preparada. Ah, eu estava sim.

Ela se lançou contra mim dando um pulo e nesse instante eu a soquei no estômago. Ela caiu para trás e eu dei alguns chutes em sua barriga, entretanto, antes de poder machucá-la de vez, ela se recuperou e segurou meu pé esquerdo. Então se levantou e, ainda segurando meu pé, jogou-me para trás e pulou em cima de mim, a ponta de seu cotovelo se chocando com a minha barriga. O golpe fez com que eu cuspissem sangue. Segundos depois, comecei a ter um acesso de tosse. O golpe fora tão forte que eu não conseguia respirar direito. E, para piorar, ela começou a me sufocar. De novo.

Bacana. Beeem bacana.

Olhei para Alfred, que na verdade era Nuru, e vi que ele se deleitava com o meu sofrimento. Antes de morrer, eu só gostaria de entender como ele poderia estar vivo até hoje. Tanto ele como Stek. Como os dois poderiam estar vivos após tantos séculos?



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Adeus, Aprilynne — falou Sarah, pressionando suas mãos em meu pescoço com mais força.

Esse era o fim, eu não respirava mais; estava sufocando. Lentamente, meus olhos foram se fechando e, por fim, eu morri.



Capítulo 17

Seis vidas

“Lembro de céus negros, dos relâmpagos em volta de mim. Lembro de cada flash enquanto o tempo nublava, como um sinal de que o destino finalmente me achara. E tudo o que eu ouvia era a sua voz dizendo que eu tive o que merecia.”

Linkin Park – New Divide

Então morrer era isso mesmo. Ir para um lugar completamente branco e vazio. Era isso. O fim. Olhei em volta e o desespero tomou conta de mim. Comecei a chorar e me vi correndo sem parar. Para onde? Só Deus sabia.

Não era justo. Eu não poderia ter morrido. Não sem antes resolver as coisas. Não sem antes matar Sarah.

Então, morta, qual era o meu único pensamento? Muito longe de casa — memórias de um menino soldado. Sim, o livro de Ishmael Beah. Lembro-me da parte em que o Ishmael, o personagem principal, se juntava com seus familiares na vila onde morava e o senhor mais velho lançava uma charada para as crianças. “Você é um caçador, está no meio de uma floresta e tem



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



uma arma na mão. Você mira para um macaco que está sentado em uma pedra, mas hesita. Então, o macaco fala: ‘Se você não atirar em mim, seu pai morre. Se você atirar em mim, sua mãe morre’

Lançada a charada, as crianças não sabiam o que responder, já que não tinham coragem de dizer na frente dos pais qual deles eles iriam manter vivo. Então, mesmo com uma dor no coração, Ishmael, o personagem principal, pensou: “Ficaria muito triste em perder a minha mãe, mas atiraria no macaco para que ele jamais pudesse ferir outra pessoa com esse tipo de escolha”.

E era por isso que eu precisava voltar a viver. Eu não podia permitir que Nuru ou Sarah machucassem mais ninguém. Precisava matá-los. Muitas pessoas haviam sido feridas. Bastet, Ammon, Stek, tia Elizabeth, vovó, Brian e eu. Eu estava farta de perder as batalhas contra Sarah. Farta!

Ouvi uma voz chamar meu nome. Parei de correr e olhei em volta. Não havia nada, nem ninguém. Mas, ao voltar meu olhar para frente, uma moça incrivelmente bonita sorria para mim.

— Bastet — eu disse. Ela sorriu e balançou a cabeça.

— É muito bom te conhecer. – Ela me abraçou e ficou me olhando. Eu nunca havia visto uma moça tão bela. Era ainda mais linda pessoalmente. Seus olhos, como percebi, eram da mesma tonalidade dos meus. Seus cabelos eram enrolados, de um marrom cintilante e bonito, — Está quase na hora. Não temos muito tempo.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— Na hora do quê? – perguntei.

— Você vai voltar a qualquer instante — ela disse.

— Mas eu estou...

— Morta? Não, não está. Você só perdeu uma vida, ainda lhe restam seis.

Minha nossa, eu havia me esquecido. Eu tenho sete vidas! Bem, agora seis, mas enfim. Eu não estava morta. Iria voltar e poderia acabar com Sarah e Nuru de uma vez por todas.

— Graças a Deus! Vou matá-los, Bastet. Não se preocupe com isso. Vou acabar com eles. — Sorri e esperei Bastet sorrir também. Mas seu rosto adquiriu uma expressão de desaprovação.

– Não é tão simples quanto parece. Sarah tem os mesmos poderes que você, apesar de ela ter roubado de sua tia. E Nuru? Bem, ele é um deus com mais de cinco mil anos de idade. Ele é a criatura mais forte que eu já vi na vida. Nenhuma de minhas ancestrais foi capaz de detê-lo. Dificilmente você conseguirá.

Chacoalhei a cabeça e disse:

— Eu vou conseguir. Tem que existir um modo.

— E tem. Mas isso vai matá-la. Assim como me matou.

Peguei a mão de Bastet e apertei com delicadeza.

— O que há de ser feito? — perguntei.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Ela demorou alguns segundos, mas finalmente respondeu:

— Sekhmet é a única capaz de detê-lo.

— Só que Sekhmet está dentro dele — falei. Ele havia a roubado de Bastet. Como ela, que estava dentro dele, iria matá-lo?

— Sim. Mas também está dentro de você. Aprilynne, você é especial. Você herdou Sekhmet também — Bastet explicou.

— O quê? Mas... como você sabe? — perguntei, chocada.

— Eu não sei como, nem por quê. Nenhuma das herdeiras a herdou. E como seria possível? Ele a tirou de mim! Mas, por alguma razão desconhecida, você tem uma Sekhmet adormecida dentro de você. E você tem que deixar ela te ajudar — ela afirmou.

— Então eu preciso libertar Sekhmet? É isso? — indaguei.

— Sim — Bastet respondeu.

— Mas ela é perigosa.

Bastet sorriu e me abraçou.

— O medo faz coisas terríveis conosco. Ele transforma coisas boas em coisas que nos prejudicam. Nós viramos prisioneiras de nossos próprios sonhos. Sekhmet nunca foi má. Ela só era uma parte de mim que eu não compreendia. Ela sempre quis justiça, não guerra. — Bastet ficou quieta de repente. — Use esse dom a seu favor. Está na hora, faça o que for preciso para salvar sua vida. E a dos outros.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Uma cratera gigantesca se abriu no chão, me separando de Bastet. De repente, uma explosão de luz cegou-me e eu senti um calor agradável e protetor. Bastet havia sido muito útil em me explicar que Sekhmet poderia detê-lo, e que ela estava dentro de mim, esperando para ser libertada, ela só havia falhado em me explicar como diabos eu fazia para libertar Sekhmet,

Então, eu estava lá de volta. Dentro do meu corpo, quero dizer. Deitada no chão da floresta, sentindo o vento bagunçar meus cabelos. Senti um calor emanar perto de mim, não abri os olhos. Sabia que eram chamas de velas ao meu redor. Legal. Eles iriam fazer um ritual para tirar meus poderes. Ou pior: tirar minhas vidas!

— Quase lá, quase lá — pude ouvir Nuru falando.

Abri rapidamente os olhos e vi que, embaixo de mim, hieróglifos egípcios foram desenhados. Sim, um ritual, com certeza, Sarah também estava deitada. E algo cheirava muito mal. Percebi que Nuru jogava algumas ervas dentro de uma tigela de ouro. Era de lá que o fedor vinha. Senti algo duro preso às minhas pernas. Cordas. Que ótimo, ele havia amarrado meus pés. Mas não minhas mãos.

Então vi que o casaco de Ian estava bem próximo de mim. Estiquei a mão e o puxei silenciosamente. Tirei o celular e disquei o número da Stek. Alguns instantes depois, ouvi um celular tocar. Nuru se virou abruptamente e viu que eu havia acordado, então não fez nada. Virou-se e tentou descobrir de onde vinha o barulho do celular. E foi aí que eu entendi.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Stek pulou de uma árvore com uma lança de ferro e atingiu ele em cheio. Depois, pegou a tigela de ouro e jogou o conteúdo em cima dele. Nuru gritou e ficou agonizando por algum tempo, e percebi várias silhuetas se aproximando de mim. Stek também carregava uma bolsa de pano cheia de lanças de ferro.

— Stek! — gritei. Ela rapidamente correu até mim e desamarrou minhas pernas. — Eles me mataram. Tiraram uma vida minha! — disse desesperada.

Ela me ajudou a levantar e me abraçou.

— Está tudo bem. Precisamos ir embora. Não há tempo.

Vi Ian, tia Elizabeth, vovó Rosalie e mais um homem que eu não conhecia se aproximarem.

— Sarah! — ouvi a tia Elizabeth e o homem desconhecido sussurrarem um para o outro.

Comecei a correr até eles e os abracei.

— Vai ficar tudo bem, querida — tia Elizabeth tranquilizou-me. Vamos embora daqui.

Mas nada ficaria bem. Sarah havia acordado e Nuru estava ao lado dela, seu rosto em carne viva por causa daquela mandinga que Stek jogou nele.



— Ah, não vão embora! A festa só está começando. — Ele gargalhou e Sarah caminhou até nós.

— Alfred? — ouvi Ian e o homem mais velho perguntarem.

— Ele não é Alfred! Ele é o Nuru! — avisei para eles.

— Mas como é possível, Sebastian? — o homem mais velho perguntou.

Sebastian? Mas que Sebastian?

– Estou vendo que meus convidados gostam de uma boa história. Pois bem. Vamos lá. Bastet e eu estávamos destinados ao poder. Era o que a profecia dizia, mas ela se apaixonou por um qualquer e acabou se perdendo. Burra, estúpida! E ainda por cima ficou grávida dele. Era só o que me faltava. — Ele riu e continuou: — Eu não poderia perdê-la, e decidi que não iria. Então, através de um ritual, roubei os poderes dela e a matei. Mas não foi o bastante para impedir a proliferação de seus demônios, não é? Você — ele apontou para Stek — e aquela maldita criada salvaram a criança e a treinaram. Então a esconderam e ela foi capaz de proliferar mais ainda. Vou contar para vocês, tive uma trabalhadora danada para matar todos os herdeiros, mas depois de milênios, consegui acabar com todos. Menos um. — Ele olhou para minha família e cuspiu no chão. — Vocês são os últimos herdeiros. A partir de hoje, Bastet estará finalmente morta. Morta para sempre.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Olhei assustada para vovó e ela engoliu em seco. Ian estava ao meu lado e captei seu olhar. Pela primeira vez, mesmo ao meu lado, ele sentia medo. E eu também.

— Conforme os anos, a história foi ficando chata, sabem? Matar e matar. Então resolvi apimentar as coisas. A inveja é a ruína, não é mesmo, Sarah?

Sarah sorriu e concordou.

— A vida era perfeita demais para Elizabeth. Família perfeita, amigos perfeitos. Bem, menos um. Alguém tinha que contar para a pequena Sarah que sua melhor amiga escondia um segredo dela. E adivinhem? Sarah não ficou nada feliz em descobrir. É claro que ela queria poderes também. Ela sempre quis tudo que você tinha, não é mesmo? Fácil de manipular, essa pequena Sarah. Ah, mas nem tudo foi fácil. Esse daqui – Nuru apontou para o homem desconhecido – simplesmente não foi capaz de ver sua amada acabar com a própria vida, não é mesmo, Brian?

Então o homem era o Brian. Tio do Ian, namorado da Sarah.

— Ele lutou até o último minuto. Mas Sarah se afundou sozinha. Ficou tão obcecada com o poder que isso a matou. Lembra daquela noite em que você ficou segurando sua amada debaixo da chuva? Ah, e eu pedia para você me deixar cuidar dela. Você não ia embora. É claro que depois de um tempo você teve que deixá-la partir. E foi aí que eu escondi a pequena Sarah no lago. E lancei um feitiço, é claro! Porque vocês acham que a polícia nunca encontrou nada?



— Mas Ian e eu fomos capazes de vê-la — eu comentei. Nuru assentiu e disse:

— Sim, a falha no sistema. — Ele riu. — O feitiço só impedia pessoas acima de vinte anos, por isso vocês foram capazes de vê-la. Afinal, quem poderia imaginar que dois adolescentes iriam pular dentro de um lago sombrio no meio da noite? — Nuru indagou.

Mas que carinha idiota. Fazer um feitiço só para maiores de vinte? Hello!

Percebi que Brian e tia Elizabeth estavam chorando. Depois de tanto tempo, eles finalmente descobriram o que havia acontecido com Sarah. Nuru simplesmente havia chegado à cidade para destruir tia Elizabeth, mas percebeu que isso não bastava. Ele queria causar mais dor, envolver mais pessoas nesse joguinho diabólico. E então destruiu a vida de três pessoas. E de suas famílias também.

— Oh, eu até emocionei vocês. Palmas, palmas.

— Seu demônio — xingou vovó Rosalie.

Nuru gargalhou e continuou:

— A história ainda não acabou. Aí vem a melhor parte! Uma menina enxerida resolve bancar a valente e se aventura dentro de um lago no meio da noite. E abracadabra! Ela acha uma jovem morta lá dentro. E a história se repete... um jovem salva a vida dela, não é, Ian?



— Você nos traiu! Esteve na nossa família por anos e nos traiu! — Ian gritou, querendo ir para cima de Nuru.

Segurei-o. Ele não teria chance contra Nuru.

— Não seja tão melodramático, garoto. Eu tive que aguentar trabalhar para humanos durante duas décadas, e ainda tive que inventar esse nome ridículo, Alfred Sebastian Murphy. Mas, por favor, sem interrupções agora. Preciso terminar a história para fazer o grande final! Ian continuou a ver você, e eu sabia que isso acabaria em problemas. Afinal, ele também havia visto a Sarah no lago, não é mesmo? Então tive que dar um jeito. Coloquei vocês dentro do lago. E era para vocês morrerem. Mas a gata continuou a salvá-los, não é? — Ele sorriu e Stek fez uma expressão vitoriosa. — E é claro que Sarah não estava morta. Ela ainda tinha algumas vidas quando foi colocada no lago. Infelizmente ela perdeu algumas pelo caminho, mas não importa. Depois dessa noite, nada mais importará. Sarah, por favor. Faça as honras.

Sarah sorriu e caminhou até nós. Imediatamente, Stek, vovó e eu nos colocamos à frente de todo mundo. Olhei para trás e vi o olhar de tristeza que tia Elizabeth trazia consigo. O momento mais importante de sua vida e ela nem ao menos tinha a chance de se defender.

— Ah, não. Isso é injusto, vocês não acham? — Nuru indagou. — Vamos tornar as coisas mais divertidas.

Então ele começou a falar em egípcio e tudo começou a tremer. Uma fenda se abriu no ar e dela saíram três soldados egípcios. Eram esqueletos



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



mofados, vestindo armaduras enferrujadas. Traziam enormes lanças, também enferrujadas, nas mãos. Ok, o negócio estava ficando feio.

— Agora sim. — Nuru se deleitou e observou tudo.

Estava na hora. Era vencer a batalha ou morrer tentando. Os três guerreiros foram na direção de vovó Rosalie e Stek. Sarah, é claro, veio para cima de mim.

Ela sorriu e tentou me atacar. Desviei-me do golpe. E ela pulou em cima de mim, me jogou no chão e nós duas ficamos rolando pela grama. Meu vestido estava completamente arruinado. Quinhentos dólares jogados no lixo. Mas pelo menos ele não estava rasgado. Era só lavar que iria parecer novo. Bem, era isso que eu pensava, até Sarah erguer as garras e rasgar a parte inferior do meu vestido. Ah, agora ela havia me deixado danada. Cuspi na cara dela e miei alto, um grito ensurdecedor que fez com que todos, menos Nuru, caíssem ao chão.

Aproveitei-me da vantagem e vi um pedaço de pau no chão. Quebrei-o ao meio, fazendo com que ele ficasse afiado e me preparei para atingir o coração de Sarah. Mas Nuru me impediu. Ele puxou-me pelos cabelos e torceu meu pulso. A dor lancinante percorreu meu corpo. A face dele, que já era horrível, estava toda em carne viva. Era nojento. Ele, percebendo o nojo que eu sentia de olhar para seu rosto, disse:

— Não se preocupe. Trocarei de corpo assim que possível.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Então era isso. Ele trocava de corpo do mesmo modo que uma cobra troca de pele. Era assim que ele sobrevivia.

Ian, percebendo que eu estava em apuros, jogou uma pedra nas costas de Nuru. Deve ter doído muito, já que Nuru olhou para ele com uma expressão de ódio. Então ele murmurou algo e um dos soldados partiu para cima de Ian. Ele pegou uma das lanças que Stek havia trazido e começou a duelar com o soldado.

— Eu não disse? Eles sempre estão querendo salvar as donzelas em perigo — Nuru resmungou, entediado.

Fazendo um esforço sobre-humano, eu soltei meu braço da mão dele, abaixei-me e peguei uma tocha acesa. Joguei-a contra Nuru e as chamas começaram a lamber suas roupas. Ele simplesmente deu risada e, levantando os braços, fez com que começasse a chover. E não era uma chuva qualquer. O mundo parecia estar desabando.

O fogo instantaneamente se apagou.

— Olha, eu deixaria esse trabalhinho para Sarah, mas vejo que ela está ocupada agora — disse, olhando para Sarah. Vovó Rosalie lutava com ela. As duas pareciam estar fazendo uma dança mágica e perigosa, onde qualquer movimento errado poderia lhes custar a vida. Ambas lutavam com lanças de ferro, as mesmas com que tia Elizabeth me ajudou a treinar. Todos estavam ocupados. Ian e Brian estavam lutando contra um dos soldados zumbis enquanto tia Elizabeth e Stek lutavam cada uma com um. Elizabeth podia ter



perdido seus poderes, mas isso não significava que ela era inútil. Muito pelo contrário, ela era uma ótima guerreira.

Não havia salvação dessa vez. Seria eu e Nuru. Do jeito que estava destinado a ser.

— Você está me irritando tanto! — ele reclamou.

A chuva desabava com força sobre nós. Eu estava ensopada e me sentia pesada. A terra se transformou em lama, o que tornava tudo mais difícil.

— Eu estou te irritando, é? — indaguei. — Então vamos lutar. De deus para deusa — eu disse.

Nuru deu risada e pegou sua lança, que tinha símbolos e era incrustada de diamantes. Peguei uma das quais Stek havia trazido e respirei fundo. Talvez eu nem precisasse evocar Sekhmet. Eu poderia dar conta disso sozinha.

Enquanto a chuva caía, nós dois ficávamos nos movimentando em círculos, prestando atenção em quem iria dar o bote primeiro.

Um grito ecoou no ar e eu virei para ver quem era. Sarah. Vovó estava acabando com ela, sangue escorria de seu nariz e de sua boca. Vovó Rosalie sorriu e eu pude sentir algo forte me jogando longe. Bati a cabeça em uma árvore e arfei de dor.

— Regra número um: Jamais se distraia. — Levantei-me e ele voou em cima de mim, desferindo golpes com muita força e eu, até o momento, estava conseguindo me desviar. Mas não por muito tempo. Ele era forte demais.



O chão estava escorregadio e Nuru estava me empurrando através do contato de nossas lanças. Então, sem pestanejar, ele me jogou no chão e enfiou a ponta afiada de sua lança em minha barriga.

Urrei de dor. Fechei os olhos enquanto me contorcia. Ele havia me acertado em cheio. A chuva caía e se misturava com o sangue que escorria. Gritei, gritei ainda mais alto, e então ouvi Nuru gritar. Abri os olhos e vi que Stek, transformada em gata, havia voado na cara dele, estraçalhando sua face com suas garras. Como se já não estivesse bastante destruída.

Stek pulou de volta no chão e se transformou em humana novamente.

— Isso vai doer — ela disse, encarando minha barriga.

— Socorro — murmurei. Estava perdendo muito sangue. Meu vestido antes azul céu, agora era vermelho escarlate.

Stek pegou a lança de Nuru e a tirou de meu estômago. Berrei de dor e minhas lágrimas se misturaram com a chuva. Tudo começou a girar, mas um relâmpago fez tudo clarear e eu pude ver que Stek já havia se livrado de seu soldado zumbi. Ela era boa. Quanto aos outros, ainda estavam lutando.

— Você vai ficar bem.

— CUIDADO! — eu gritei com a força que ainda me restava. Mas era tarde demais. Nuru havia pegado a lança dele, que estava jogada no chão, e enfiara nas costas de Stek, atravessando o corpo dela e chegando ao coração. Ela não teve tempo de fazer nada. Seu corpo inerte caiu no chão ao meu lado.



Então eu soube que não importava. Não importava se Sekhmet me possuísse e ficasse livre. Não me importava se ela fosse má. Eu só queria matá-lo. Só queria fazer jus a toda dor e sofrimento que ele causara.

Fechei os olhos com força e rezei para a deusa dentro de mim.

Eu te liberto. Eu te liberto. Acredito que você esteja dentro de mim, adormecida. Você sempre esteve aqui. Eu te liberto. Eu acredito. Ajude-me. Ajude-me a matá-lo e você poderá se apoderar do meu corpo para todo o sempre. Só acorde. Ajude-me. Por favor. Eu acredito. Eu acredito. Eu...

A princípio, nada aconteceu. O sangue continuava a escorrer e a chuva, a cair. Eu só podia ouvir os gritos dos meus familiares ali, tentando lutar pela própria vida e a dos outros. E ainda havia a dor. A dor lacerante e profunda, a qual eu tinha certeza de que não sobreviveria.

Foi só quando olhei para Stek que entendi que ela estava morta, e não iria voltar mais. Nunca mais. Ela deveria ter perdido suas seis vidas ao longo dos milênios. E havia gastado a última para me salvar.

E então aconteceu.

Eu comecei a levitar. E a brilhar. O brilho foi se intensificando mais e mais e, à medida que isso acontecia, a dor ia sumindo. Senti meu corpo inteiro tremer e soube que Sekhmet estava se libertando. Pude ver todos parando de lutar para observar o que estava acontecendo. De repente, o brilho ficou tão intenso que tive de fechar os olhos. A tremedeira deu lugar a



convulsões nervosas e eu a senti tomar conta de mim. Uma explosão aconteceu.

E eu já não era mais eu.

Não se preocupe. Estaremos nessa juntas, como se fôssemos uma só, ouvi a voz de Sekhmet penetrar em meus pensamentos. Sorri. Desci ao chão e percebi o choque de todos.

— Não é possível – Nuru afirmou.

Levei a mão esquerda ao meu rosto e tive um choque. Não era a minha pele macia. Eram... pêlos. Minha cabeça era a cabeça de uma leoa. Na minha mão direita eu carregava um Sistrum. Agora sim estava pronta para duelar.

— E aí? O que vai ser? — perguntei e percebi a firmeza e a coragem em minha voz. Minha visão, que antes já era excelente, havia se tornado perfeita. Dentro de mim, um instinto animal e perigoso corria por minhas veias. Eu me senti forte como nunca.

Nuru se encheu de raiva e se transformou também, afinal ele também tinha Sekhmet dentro dele, mas essa era uma Sekhmet completamente diferente. Criada com ódio, rancor, amargura, solidão, inveja e ambição, ela só tinha coisas ruins a oferecer, enquanto a Sekhmet dentro de mim era uma guerreira honrada e muito sábia. Nuru preparou seu Sistrum e nós começamos a duelar. A cada choque, fagulhas de luz saíam dos Sistrums. Eu me sentia poderosa. Rugi e um rosnado alto ecoou pelos ares. Fora mais alto do que os trovões.



Nuru apertou seus olhos amarelados e rugiu também. Então pulou em cima de mim e começou a me morder. Morder não. Arrancar pedaços da minha... pele, por assim dizer.

Com a mão esquerda livre, senti minhas garras aumentarem e desferi um golpe na barriga de Nuru. Ele perdeu o foco por um instante e eu, com o Sistrum, o joguei no chão. Aproveitei a brecha e me levantei. Preparei-me para atacar. Olhando diretamente em seus olhos, enfiei o Sistrum em seu peito sem nenhuma piedade.

— Adeus, Nuru — eu disse, enfiando o sistrum com mais força. — Chega de causar tanto sofrimento. Adeus — repeti.

Enquanto ele ficava agonizando de dor, fui ajudar os outros. Com um golpe infalível, acertei o outro soldado zumbi e ele virou pó. Virei-me para matar Sarah, mas vovó me impediu.

— Eu preciso ganhar essa batalha, April. Vá ajudar Ian e Brian — ela mandou.

Corri para ajudá-los, mas, no mesmo instante, eles acertaram o soldado zumbi em cheio e ele também virou pó. Ian me olhava com fascinação e medo. Pois é, eu também teria medo de mim se pudesse me ver agora. Então vi Stek. Caída no chão. Sangue espalhado a sua volta. Fui até ela e a coloquei em meu colo.

— O que fizeram com você, Diabolique — brinquei, lembrando-me do tempo em que eu a odiava e sentia prazer em chamá-la assim. Mas agora



tudo havia mudado. Até parecia outra vida. Agora ela estava caída em meus braços, morta, e não havia nada a ser feito. Simplesmente não havia.

Subitamente, a tremedeira voltou, seguida de um acesso de convulsões. Mas sem levitação dessa vez. Somente o clarão amarelo, que fez com que a chuva parasse e eu me transformasse novamente.

O sangue voltou a jorrar de minha barriga e eu caí no chão ao lado de Stek. Ambas feridas, ambas banhadas em sangue. Lembro-me de ter escutado um grito seguido por mais e mais gritos até que não pude ouvir mais nada,

A dor era tão profunda, só queria que tudo acabasse logo. Vi Ian correndo em minha direção, seus lábios proferiam meu nome. Como eu queria poder ouvi-lo chamar meu nome. Estiquei a mão tentando, em vão, alcançá-lo. Mas a escuridão não permitiu. Ela engoliu tudo e eu não vi mais nada.



Capítulo 18

O fim. Ou quase isso

“As nossas cicatrizes tem o poder de nos recordar de que o passado foi real.”

Dragão Vermelho

A primeira coisa que fiz quando voltei à realidade foi tentar tirar uma coisa desconfortável que estava presa em meu nariz. Eu também sentia tubos conectados à minha pele. E ainda havia aquele bip infernal. O que só poderia significar uma coisa: hospital. De novo.

— Não, não . — disse uma voz suave. — Seja uma boa mocinha e permaneça com os tubos.

Vovó Rosalie! Abri os olhos e a claridade repentina me cegou. Fechei-os e tentei abrir novamente, dessa vez mais devagar. Após um tempo, meus olhos finalmente se ajustaram à claridade e eu pude ver vovó Rosalie sentada em uma cadeira. Ela tinha alguns curativos no rosto, mas fora isso, nada com o que se preocupar. Para uma pessoa da terceira idade, até que ela tinha se dado bem. Melhor do que eu, pelo menos.

— E aí, como foi o estrago? – minha voz não passava de um sussurro.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Ela suspirou fundo e segurou minha mão.

— Grande. Você perdeu muito sangue. Tiveram de fazer uma transfusão.

Fechei os olhos. Fora ruim o bastante.

— Minha nossa.

— E também quebrou algumas costelas — ela disse.

— Ótimo — murmurei, lembrando lentamente de cada momento da luta. — Como estão todos?

— Eles vão sobreviver. Mas...

Mas? Mas não era bom. E foi aí que eu me lembrei, começando a chorar instantaneamente. Stek! Eu havia perdido Stek. Perdido para sempre.

Quem me protegeria daqui pra frente? Quem me provocaria e comeria os peixinhos do meu aquário? Comecei a soluçar e vovó me deu leves tapinhas na mão.

— E-ela se f-foi — gaguejei. E, antes de a vovó falar qualquer coisa, uma residente — só poderia ser, porque ela era realmente nova — entrou no quarto e pediu para que ela se retirasse. Vovó sorriu e nos deixou sozinha.

— Por que você está chorando? Alguma coisa dói? — ela quis saber, seus olhos azuis vidrados em mim. Seu cabelo loiro estava preso em um rabo de cavalo perfeito, e seu sorriso cintilava. Ela era tão bonita.



— Meu coração — respondi, chorando. A perda era demais para mim. Eu não sabia se seria capaz de me recuperar algum dia. Stek havia morrido por minha causa. Ela havia me salvado.

— Que palerma! — a residente começou a rir e eu fiquei horrorizada. A única pessoa que me chamava de palerma era... — Sou eu, sua besta! — ela gritou. — Stek, Angelique, Diabolique, como quiser.

Balancei a cabeça e parei de chorar. Não era possível. Nem em um milhão de anos! Ela estava viva? Realmente viva? Mas como?

— Aquele maldito fez um belo estrago no meu corpinho maravilhoso. Sorte que uma menina — ela apontou para si mesma — havia acabado de morrer, morte por envenenamento — ela sussurrou. — Fiz um ritual muito supimpa e cá estou! Loira e poderosa! Aliás já reparou nesses peitões? Estou muito sexy. — Ela gargalhou e eu atirei um travesseiro nela.

— Como isso é possível? — perguntei, confusa. — Eu pensei que você já tivesse gastado todas as suas vidas.

— Você acha que eu sou inexperiente? Só perco vidas quando é realmente necessário. Ainda tenho cinco. Mas comigo o processo é diferente. Quando eu morro preciso achar outro corpo. Pego das pessoas que morreram recentemente, é claro. Então sua vó me ajudou a achar um corpo “fresquinho”. Tinha sido recém enterrada — ela disse. — Sua vó também me arranhou essas roupas, já que era difícil voltar para casa para pegar umas. Então ela roubou daqui do hospital mesmo. Você apagou por dois dias, garota.



— Jesus! — exclamei, abalada. Então me inclinei e a abracei. — Pensei que tivesse te perdido para sempre.

Ela correspondeu ao abraço e sussurrou:

— Por um instante, lá na floresta, pensei que iria te perder também — ela confessou.

Separamo-nos e ela se sentou na beirada da cama.

— Mas como vocês chegaram lá na floresta? Como você soube? — perguntei.

— Eu sinto quando as minhas protegidas estão em perigo, e com você não foi diferente. No momento em que senti que algo estava errado, avisei Ian, Elizabeth e Rosalie.

— Nossa. Isso é estranho, mas de um jeito legal — disse, sorrindo.

— Como Brian foi parar lá?

— Ele estava cuidando do Ian ou algo do tipo. O carro do Ian estava quebrado, aquele puto do Nuru deve ter estragado. Então o tio dele.... aliás ele é bem gostoso, percebeu? — Repreendi-a com um olhar e ela continuou: — Enfim, o tio dele foi buscá-lo e o levou até a floresta.

Ficamos em silêncio por um tempo e então perguntei;

— Sarah está...

— Morta. Sim, Elizabeth finalmente conseguiu se livrar dela.



— Todos estão bem? — perguntei. Ela sorriu e afirmou com a cabeça.

— Sim. Todos estão bem, nada de ferimentos profundos, como no seu caso. Aliás, aquele Ian é um pentelho. Cruzes. Ele não para de perguntar sobre você. Falta um pouquinho assim... — ela fez um sinal com os dedos — para eu dar umas boas arranhadas nele, — Um sorriso escapou de meus lábios, enquanto minhas bochechas coravam. — Mas e você, mulher-gato? Como se sente?

— Aliviada. Acabou. Finalmente acabou. Fechei os olhos e pude sentir energias boas vibrando em meu corpo. Então, mais uma vez, ouvi a risada de Stek encher o quarto. — O que foi dessa vez? — perguntei curta e grossa, e, quando abri os olhos, a vi me encarando, com seu malicioso sorriso.

— Não, meu bem. Está só começando.

— O quê? — quis saber.

— Nuru não se foi para sempre. Você apenas tirou uma vida dele. Ele não ficou agonizando. Ficou murmurando um feitiço egípcio que o mandou de volta para o Egito.

Arregalei os olhos e senti o alívio ir embora.

— COMO ASSIM? — gritei. — Pensei que o Sistrum de Sekhmet matava para sempre!

— Pois é. E mata. Mas não ele. Nuru é mais poderoso do que eu pensava. O cara é um puto — disse Stek, rolando os olhos balançando a cabeça.



— Eu... eu não posso acreditar nisso. Estamos ferradas — falei, perdendo as esperanças.

— Não se preocupe. Isso vai ser divertido. Prepare-se, April. Nós faremos uma longa viagem.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei, temendo a resposta.

— Em duas semanas estaremos dentro de um avião em direção ao Egito para pegá-lo e matá-lo de uma vez por todas! — ela guinchou de animação.

Ótimo. De verdade.

fim.





Na mitologia nórdica, as **valquírias** eram deidades menores, servas de Odin. O termo deriva do nórdico antigo *valkyrja* (em tradução literal significa "as que escolhem os que vão morrer.")

As valquírias eram belas jovens mulheres que montadas em cavalos alados e armadas com elmos e lanças, sobrevoavam os campos de batalha escolhendo quais guerreiros, os mais bravos, recém-abatidos entrariam no Valhala. Elas o faziam por ordem e benefício de Odin, que precisava de muitos guerreiros corajosos para a batalha vindoura do Ragnarok.

As valquírias escoltavam esses heróis, que eram conhecidos como Einherjar, para Valhala, o salão de Odin. Lá, os escolhidos lutariam todos os dias e festejariam todas as noites em preparação ao Ragnarok, quando ajudariam a defender Asgard na batalha final, em que os deuses morreriam. Devido a um acordo de Odin com a deusa Freya, que chefiava as valquírias, metade desses guerreiros e todas as mulheres mortas em batalha eram levadas para o palácio da deusa.

As valquírias cavalgavam nos céus com armaduras brilhantes e ajudavam a determinar o vitorioso das batalhas e o curso das guerras. Elas também serviam a Odin como mensageiras e quando cavalgavam como tais, suas armaduras faiscavam causando o estranho fenômeno atmosférico chamado de Aurora Boreal.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



Esta obra foi digitalizada pelo Grupo As Valkirias para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Por favor prestigie o autor e incentive a editora comprando o livro.

